



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GIOVANNI ACCIOLY SELLARO JÚNIOR

**CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE E MASCULINIDADE EM ESCRITOS
AUTORREFERENTES DE GILBERTO FREYRE (1915-1930)**

Recife
2024

GIOVANNI ACCIOLY SELLARO JÚNIOR

**CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE E MASCULINIDADE EM ESCRITOS
AUTORREFERENTES DE GILBERTO FREYRE (1915-1930)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Área de Concentração: Sociedades, Culturas e Poderes.

Linha de Pesquisa: Cultura e Memória.

Orientador: Renato Pinto.

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Junior, Giovanni Accioly Sellaró.

Concepções de sexualidade e masculinidade em escritos autorreferentes de Gilberto Freyre (1915-1930) / Giovanni Accioly Sellaró Junior. - Recife, 2022.

121f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.

Orientação: Renato Pinto.

1. Gilberto Freyre; 2. Gênero; 3. Sexualidades; 4. Masculinidades; 5. Escrita de si. I. Pinto, Renato. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central



GIOVANNI ACCIOLY SELLARO JUNIOR

**“CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE E MASCULINIDADE EM ESCRITOS
AUTORREFERENTES DE GILBERTO FREYRE (1915-1930)”**

Dissertação apresentada ao **Programa de Pós-Graduação em História** da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em História**.

Aprovado em: **26/08/2022**

BANCA EXAMINADORA

[Participação por videoconferência](#)

Prof. Dr. Renato Pinto

Orientador (Universidade Federal de Pernambuco)

[Participação por videoconferência](#)

Prof^a. Dr^a. Cibele Barbosa da Silva Andrade

Membro Titular Externo (Fundação Joaquim Nabuco)

[Participação por videoconferência](#)

Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo

Membro Titular Externo (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

ESTE DOCUMENTO NÃO SUBSTITUI A ATA DE DEFESA, NÃO TENDO VALIDADE PARA FINS DE COMPROVAÇÃO DE TITULAÇÃO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

À memória dos avós Lêda Rejane Accioly Sellaro, Eugenio Sellaro, Alice Guidolin e Antonio Carlos Diniz Ferreira.

AGRADECIMENTOS

A todos os seres sencientes que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Ao povo brasileiro, que com seu trabalho fornece as condições materiais para a existência e o funcionamento da Universidade pública, gratuita e de qualidade, sem a qual este trabalho não seria possível.

A toda a família Diniz Sellaro, ao meu pai, Giovanni, e a todos os tios, tias e primos, pelas incontáveis contribuições, afetos e aprendizados.

À minha mãe, Rosana, pelo apoio incondicional na realização deste e de todos os outros projetos e sonhos que eu já tive e venha a ter.

Aos irmãos Brunno, Lêda e Raphael, pelo apoio no que lhes foi possível.

A Davi, luz que desceu sobre nós e que ilumina nossas vidas com sua doçura e seu encantamento diante do mundo.

Ao tio Eugenio Jr., pelo apoio imaterial e material neste e noutros momentos.

Aos amigos Douglas, Messias e Diomedes, pela incomensurável amizade de infância e adolescência, que se fortalece na vida adulta e a torna mais leve de ser vivida.

A todos os colegas da graduação em História e, em especial, aos amigos Rodrigo, Isabela, Aílla, Samuel e Nathálya.

A Jailton, pelo apoio na elaboração do projeto.

A Márcio, pelo apoio durante o período de seleção.

A Lucas, pelo apoio na fase final de elaboração da dissertação.

A todos os colegas do PPGH e, em especial, aos amigos Jonathas, Samuel, Hannah e Hyago, pelos debates, almoços, viagens, desabafos.

A Marília, professora, orientadora e amiga, pela iniciação na pesquisa em História, pelas conversas francas e pelas portas sempre abertas.

Aos professores Natanael e Cibeles, pela generosidade com que aceitaram participar da banca de qualificação, pela leitura atenta do trabalho e pelas valiosas contribuições que fizeram.

A Renato, pela paciência desde o início, pelas muitas conversas na universidade, pelos almoços temperados por orientações e confissões, pela disponibilidade e pelo cuidado. Os eventuais méritos deste trabalho são quase todos dele, enquanto os seus muitos vícios são de minha inteira responsabilidade.

Aos funcionários do Departamento de História da UFPE, em especial a Levi e a Sandra, pelo trabalho árduo que executam e pela presteza, educação e cordialidade com os quais o fazem.

À Capes, hoje tão combatida, pela concessão da bolsa que possibilitou a feitura da pesquisa.

RESUMO

Este trabalho trata das concepções de sexualidade e de masculinidade presentes em escritos autorreferentes de Gilberto Freyre. O autor pernambucano, vaidoso e ciente de sua projeção na sociedade brasileira, buscou transmitir ao público a imagem de si que gostaria de ver estabelecida. Deste modo, se dedicou à produção de um variado material autorreferente, do qual a presente pesquisa se debruça sobre quatro obras específicas: dois “diários” (*Tempo morto e outros tempos* e *De menino a homem*) e duas “seminovelas” (*Dona Sinhá e o filho padre* e *O outro amor do dr. Paulo*). Buscou-se também um cruzamento das referidas fontes com algumas correspondências e artigos de jornal produzidos por Freyre em sua juventude, além do cotejamento com suas primeiras interpretações sociológicas. A pesquisa se insere no campo da história cultural, de modo que pretende estabelecer articulações entre discursos e contextos sociais. O objetivo é o de identificar as ideias expressas pelo autor pernambucano acerca dos temas da sexualidade e masculinidade e relacioná-los com as vivências de Freyre ao longo de sua trajetória pessoal e intelectual, de modo a compreender a relação entre tais práticas e representações. Para tanto, busca-se, no primeiro capítulo, delinear a trajetória de vida do autor pernambucano, com foco em sua formação intelectual no Brasil e no exterior, e na elaboração e recepção de sua principal obra de interpretação sociológica, *Casa-grande & senzala*. No segundo capítulo, são tecidas considerações acerca do aporte teórico-metodológico da pesquisa e das especificidades da utilização de escritos autorreferentes enquanto fontes históricas, além de descritas e analisadas as obras que foram selecionadas como principais fontes. O terceiro capítulo, por fim, apresenta a análise dos dados colhidos nas fontes, com base nos conceitos de sexualidade, gênero, masculinidade e escrita de si. O trabalho, portanto, busca constituir uma contribuição para os estudos de masculinidades no Brasil, com base na análise de um dos autores pioneiros a tratar de tal tema no país.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; gênero; sexualidades; masculinidades; escrita de si; história cultural.

ABSTRACT

This work deals with the conceptions of sexuality and masculinity present in self-referential writings by Gilberto Freyre. The author from Pernambuco, vain and aware of his projection in Brazilian society, sought to convey to the public the image of himself that he would like to see established. In this way, he dedicated himself to the production of a variety of self-referential material, of which the present research focuses on four specific works: two "diaries" (*Tempo morto e outros tempos* and *De menino a homem*) and two "semi-novels" (*Dona Sinhá e o filho padre* and *O outro amor do dr. Paulo*). It was also sought to cross these sources with some correspondence and newspaper articles produced by Freyre in his youth, in addition to comparing with his first sociological interpretations. The research is inserted in the field of cultural history, so that it intends to establish articulations between discourses and social contexts. The objective is to identify the ideas expressed by the Pernambuco author about the themes of sexuality and masculinity and relate them to Freyre's experiences throughout his personal and intellectual trajectory, in order to understand the relationship between such practices and representations. Therefore, the first chapter seeks to outline the life trajectory of the Pernambuco author, focusing on his intellectual formation in Brazil and abroad, and on the preparation and reception of his main work of sociological interpretation, *The masters and the slaves*. In the second chapter, considerations are made about the theoretical-methodological contribution of the research and the specificities of the use of self-referential writings as historical sources, in addition to describing and analyzing the works that were selected as the main sources. Finally, the third chapter presents the analysis of data collected from the sources, based on the concepts of sexuality, gender, masculinity and self-writing. The work, therefore, seeks to constitute a contribution to the studies of masculinities in Brazil, based on the analysis of one of the pioneering authors dealing with this theme in this country.

Keywords: Gilberto Freyre; gender; sexualities; masculinities; self writing; cultural history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa de Dona Sinhá.....	71
Figura 2 – Trecho em itálico de Dona Sinhá	71
Figura 3 – Folha de rosto de Tempo morto.....	74
Figura 4 – Colofão e segunda orelha de Tempo morto.....	75
Figura 5 – Última página, colofão e segunda “orelha” de O outro amor.....	77
Figura 6 – Fac-símile de correspondência de Freyre em <i>De menino a homem</i>	79
Figura 7 – Última página do texto e abertura do “Álbum de Fotografias” em <i>De menino a homem</i>	80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO PRIMEIRO	22
2.1	O PERÍODO DE FORMAÇÃO INTELECTUAL NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS, A ESTADIA NA EUROPA E O RETORNO	22
2.2	CONTEXTO HISTÓRICO E HISTORIOGRÁFICO DA ELABORAÇÃO DA OBRA DE GILBERTO FREYRE	32
2.3	FORTUNA CRÍTICA DE FREYRE E DE SUA OBRA.....	38
3	CAPÍTULO SEGUNDO	51
3.1	QUADRO TEÓRICO.....	51
3.1.1	História intelectual/cultural	51
3.1.2	Sexualidade, gênero, masculinidade e escrita de si	53
3.1.2.1	Sexualidade	53
3.1.2.2	Gênero	57
3.1.2.3	Masculinidade.....	59
3.1.2.4	Escrita de si	64
3.2	METODOLOGIA E FONTES	66
3.2.1	Metodologia.....	67
3.2.2	Fontes.....	68
3.2.2.1	Dona Sinhá e o filho padre	70
3.2.2.2	Tempo morto e outros tempos.....	73
3.2.2.3	O outro amor do Dr. Paulo.....	76
3.2.2.4	De menino a homem	78
4	CAPÍTULO TERCEIRO	81
4.1	DIÁRIOS E SEMINOVELAS	81
4.2	INTERPRETAÇÕES SOCIOLÓGICAS	91
4.3	O “AMOR PLATÔNICO” NA ESCRITA AUTORREFERENTE DE GILBERTO FREYRE	96
4.3.1	Oxford Movement, Uranismo e o ambiente homossocial oxoniano	98
4.3.2	Gilberto Freyre: um platônico dos trópicos.....	105
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	115

1 INTRODUÇÃO

O sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, cuja vida abrange quase todo o século XX (1900-1987), é um dos intelectuais mais conhecidos e controversos da história brasileira. Dotado de um estilo único de escrita, Freyre produziu uma obra ampla e diversificada, na qual analisa variados aspectos da cultura nacional. Tomando por base a região Nordeste – que, de acordo com Durval Muniz (1999), Freyre ajudou a “inventar” –, ele abordou, em muitos de seus escritos, temas inovadores e polêmicos, tais como o papel fundamental da sexualidade e das divisões de gênero para a formação da sociedade brasileira.

Uma parte menos conhecida da vasta obra de Freyre consiste em seus escritos de si (ou “autorreferentes”). Tal tipo de produção, segundo Angela de Castro Gomes, compreende “um certo gênero de escritos – uma escrita de si –, que abarca diários, correspondências, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida, por exemplo” (2004, p. 7). O autor pernambucano, cioso de seu gênio e de sua projeção no cenário intelectual do país, dedicou-se com afinco, tanto através de entrevistas quanto da publicação de algumas obras, a tentar moldar a imagem de si mesmo que queria ver transmitida ao público.

Uma das obras autorreferentes mais conhecidas de Freyre é o livro *Tempo morto e outros tempos – trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*, publicado em 1975, no qual o autor afirma haver reunido diversos escritos autorreferentes, como denota o subtítulo. Além deste, destacam-se, enquanto exemplos da escrita de si em Freyre: *Dona sinhá e o filho padre*, publicada em 1964, que ele chamou de uma “seminovela”; *O outro amor do Dr. Paulo*, de 1977, continuação do livro anterior; e *De menino a homem - De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos*, concebido pelo autor como continuação de *Tempo morto*, porém publicado apenas postumamente, em 2010.

A produção autorreferente de Freyre não se resume, contudo, a livros efetivamente publicados. Em muitos de seus escritos pessoais, tais como correspondências, rascunhos e outros documentos, Freyre dedicou-se a deixar registrada sua trajetória pessoal, seja através de um viés intelectual ou afetivo. Tais papéis contêm os mais variados temas e narrativas de vivências e impressões do

autor, dentre os quais se encontram as temáticas da sexualidade e de gênero desenvolvidas por ele.

As concepções de sexualidade, gênero e masculinidade utilizadas neste trabalho foram emprestadas de autores consagrados na abordagem de tais temas, tanto num viés filosófico quanto histórico. Para a questão da sexualidade, recorreu-se a Foucault (2015), para quem a análise dos mecanismos de produção de discursos sobre o sexo ajuda a compreender as práticas sociais ao redor deste. Acerca da questão de gênero, recorreu-se a Butler (2017), Connell (2015) e Scott (1995); conforme essas autoras, o gênero consiste numa *performance* social, uma construção constante que não define o sujeito, mas é definida por ele. Sobre a masculinidade, foram utilizados trabalhos de Adrião (2005), Badinter (1993), Mosse (1996) e Oliveira (2004), segundo os quais a masculinidade (ou *masculinidades*, no plural, como propõe Badinter) deve ser analisada tanto quanto a feminilidade, dado que ambas só podem ser compreendidas em comparação uma com a outra.

Embora não se confundam, sexualidade e gênero são conceitos complementares, que, juntos, permitem a compreensão das relações de poder estabelecidas através das práticas sociais. Estudos que se utilizam de tais conceitos, seja enquanto objetos ou enquanto instrumentos de análise, constituem relevantes contribuições para a expansão dos domínios da história – não apenas para a história da sexualidade, mas também da política, economia e assim por diante:

Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder (SCOTT, 1995, p. 88).

Apesar de os estudos de gênero e sexualidade haverem, inicialmente, priorizado os sujeitos considerados como oprimidos pela lógica patriarcal – mulheres e homossexuais, principalmente –, a década de 1970 assistiu ao surgimento de estudos das masculinidades. Aparentemente, os questionamentos acerca do feminino terminaram por estimular debates também sobre o masculino, tido até então como paradigma do humano (o homem enquanto Homem, sujeito privilegiado da humanidade). Conforme Badinter (1993),

Até bem recentemente, a mulher era o lado escuro da humanidade. Ninguém pensava em questionar o homem. A masculinidade parecia algo evidente: luminosa, natural e contrária à feminilidade. As três últimas décadas fizeram explodir essas evidências milenares. Ao procurarem se redefinir, as mulheres coagiram os homens a fazer o mesmo. XY continua sendo a constante, mas a identidade masculina não é mais aquilo que era. Prova de que não estava inscrita em mármore (dedicatória, sem página).

No que diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade, Gilberto Freyre foi um dos pioneiros em nosso meio. Como é sabido, o sociólogo pernambucano viria a se tornar um dos grandes “intérpretes” da realidade histórica e sociológica brasileira, o que se evidenciou a partir da publicação de *Casa-Grande & Senzala*, considerada sua obra-prima, em 1933. Enxergada como um dos “cânones da cultura brasileira” até o final da década de 1960, a referida obra, somada a outros importantes textos do autor, a exemplo de *Sobrados e Mucambos*, de 1936, e *Ordem e Progresso*, de 1959, estão plenos de análises tanto dos hábitos sexuais na história do Brasil quanto das distinções entre homens e mulheres e suas implicações para a construção da tessitura social pátria.

Em tais obras, Freyre expressa algumas de suas percepções acerca de sexualidade e masculinidade, as quais, levados em conta os contextos histórico e historiográfico de sua produção intelectual, dialogaram com o pensamento de outros intelectuais que analisaram o Brasil na década de 1930, como Caio Prado Jr. e Sergio Barque de Hollanda, além de influenciar o público leitor de maneira geral. A importância da figura de Freyre e de sua obra se dá em razão do significado que suas análises assumiram para a compreensão da realidade histórica, cultural e social brasileira.

Embora a produção intelectual freyreana tenha sido exposta a críticas e questionamentos a partir dos anos 1950 e 1960, sua obra continua sendo utilizada por muitos leitores contemporâneos como ponto de partida para reflexões acerca da história e da formação da sociedade do Brasil. As questões tratadas pelo autor e apresentadas em sua obra continuam a suscitar críticas e adesões, sugerindo abordagens e apontando caminhos, seja no sentido de concordar com ela, desconstruí-la ou relativizá-la.

Freyre também é considerado por alguns autores, tais como Peter Burke (1997) e Helena Bocayuva (2001), como uma espécie de *annaliste avant la lettre*. Isto se dá pelo fato de que muitas de suas análises e objetos de pesquisa viriam a ser evidenciados posteriormente pela Escola dos *Annales* e pela Nova História, tais como

os estudos acerca das mentalidades, além do interesse pelo sexo, pela sexualidade e pelas distinções originadas pelas divisões de sexo e de gênero nas sociedades.

A Escola dos *Annales* foi responsável, em certa medida, pela consolidação do sexo e da sexualidade dentre os objetos de estudo da História. Soma-se a isso o fortalecimento do gênero enquanto objeto de estudo e também como categoria de análise histórica, que se deu, marcadamente, a partir dos anos 1960 através do movimento feminista. Devido a esses fatores, abriram-se novas perspectivas para a produção historiográfica, dado que

a sexualidade afirma-se, cada vez mais, como um objeto fundamental na busca da compreensão dos possíveis significados das relações humanas, consideradas nos seus mais variados e complexos sentidos. De objeto prioritário e/ou privilegiado em vários campos do saber – tais como a psicanálise, a psicologia, a antropologia –, a sexualidade passa a adquirir um lugar de destaque na história (ENGEL, 1997, pp. 297-298).

Nesse contexto, existem diversos trabalhos que analisam as questões de gênero e de sexualidade em obras de Gilberto Freyre. É o caso, por exemplo, de *Sexo à moda patriarcal*, de Quintas (2008), que consiste principalmente em comentários a trechos de obras de Freyre. Com foco no tratamento dado pelo sociólogo às relações entre homens e mulheres durante distintas fases da história brasileira, Quintas divide sua análise entre dinâmicas próprias de índios, europeus e africanos. Trata-se de obra de divulgação científica, que possui o mérito de concentrar, num só volume, observações acerca do feminino e do masculino em variados escritos do sociólogo.

Também trabalhos acadêmicos, como *Sexualidade e socialização em Gilberto Freyre*, de Nogueira (2000), que privilegia uma análise da sexualidade em Freyre (embora a questão do gênero esteja inescapavelmente presente em seu trabalho). A autora procura compreender a centralidade que o tema da sexualidade ocupa na interpretação de Gilberto Freyre no que toca à formação da sociedade brasileira. Para tanto, orienta sua escrita através de três grandes questões: a miscigenação sexual, as representações da sexualidade e a relação das práticas sadomasoquistas com a constituição da esfera pública no Brasil.

No que toca aos estudos acerca da escrita de si de modo geral, estes ainda são escassos na historiografia nacional:

Cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia. A despeito disso, não são ainda muito numerosos os

estudos que se dedicam a uma reflexão sistemática sobre esse tipo de escritos na área da história do Brasil. As iniciativas que constituem exceções provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos de história da educação (GOMES, 2004, p. 8).

Iniciativas importantes como a de Ângela de Castro Gomes – organizadora de *Escrita de si, escrita da história*, uma coletânea de artigos publicada em 2004, da qual provém o trecho acima –, buscam estimular o debate acerca do tema. A obra em questão possui dois artigos que tratam especificamente da escrita de si em Gilberto Freyre. Um intitula-se *Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre*, de autoria da organizadora, e o outro é o texto *Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta*, de Antonio Paulo Rezende.

O artigo de Gomes aborda a escrita de si freyreana através de suas correspondências – especificamente aquelas trocadas entre Freyre e Oliveira Lima durante as décadas de 1910 e 1920. A partir da análise dessas missivas, a autora tece, em seu trabalho, considerações teórico-metodológicas acerca do uso de correspondências enquanto fontes, em sede de análises no campo da história intelectual. Para ela, as cartas examinadas ilustram o quanto as correspondências compunham uma rede de sociabilidade determinante para a formação de muitos intelectuais até a primeira metade do século XX.

Rezende, por sua vez, analisa outra obra fundamental no conjunto da escrita de si em Freyre: *Tempo Morto e Outros Tempos*. O autor centra seu olhar sobre o período em que Freyre retorna ao Brasil de suas viagens de estudo pelos Estados Unidos e pela Europa, valendo-se disso para tecer considerações acerca da natureza do tempo e da memória. De seu texto, resulta “uma compreensão da obra de Gilberto Freyre que foge das exaltações desmedidas, como também das críticas ácidas que demolem tudo, fixando rótulos” (p. 80).

Cursini (2017), a seu turno, analisa três obras de caráter autorreferente de Freyre – *Tempo Morto*, *Dona Sinhá* e *De Menino a Homem* – a fim de apontar possíveis abordagens metodológicas para o trato com fontes de natureza autorreferente. Além disso, em seu estudo, o autor relaciona o uso de tais materiais às produções científicas no campo da história intelectual. Desse modo, ficam claras as perspectivas e restrições no que concerne ao uso desse tipo de fonte.

As biografias do sociólogo pernambucano constituem também referências importantes para a compreensão de sua vida e do contexto social e intelectual no qual

se deu o desenvolvimento do pensamento de Freyre. Alguns cuidados, contudo, precisam ser tomados ao se utilizar tais trabalhos.

A obra composta por Chacon (1993), por exemplo, consiste num texto com claras conotações afetivas. Amigo de Freyre, o autor frequentava a casa de sua família em Apipucos e mantinha, portanto, vínculos de amizade com o biografado. Cientista político de formação, Chacon realizou um trabalho inovador, porém de tom fortemente laudatório – o que seria de se esperar, dada sua relação de proximidade com Freyre e sua família. Além disso, o autor não parece ter lançado mão de rigor científico ou de um mínimo de crítica das fontes. Chacon utiliza, por exemplo, trechos de *Tempo morto* em diversas passagens, enquanto fonte, sem nenhuma advertência para as especificidades de tal obra.

Trabalhos mais recentes, por outro lado, apresentam abordagens melhor lastreadas na teoria e dotadas de rigor científico. É o caso, por exemplo, das biografias de Pallares-Burke (2005) e Larreta e Giucci (2007). O livro de Pallares-Burke busca recompor o processo de formação intelectual do sociólogo pernambucano. Amparada numa ampla bibliografia e numa interpretação perspicaz das fontes, a autora traça o percurso de educação formal e não formal percorrido por Freyre. São analisados, por essa estudiosa, não apenas os autores das ideias com as quais o pernambucano dialogou, mas também as vivências que foram fundamentais para a elaboração de seu pensamento e de sua obra, com foco nos autores ingleses e na relação de Freyre com a Inglaterra.

A biografia elaborada por Larreta e Giucci, a seu turno, segue um caminho semelhante à de Pallares-Burke. O trabalho demonstra aproximações cuidadosas com as fontes e a presença de rigor científico nas análises daí decorrentes. Segundo os autores, o principal objetivo do livro foi traçar a “genealogia intelectual” das principais ideias de Freyre.

No que se refere especificamente à análise das concepções de sexualidade e de masculinidade na obra autorreferente de Gilberto Freyre, não foram encontradas produções, donde esta pesquisa se propõe a contribuir para o debate acerca deste aspecto da obra do sociólogo pernambucano.

Dado o panorama acima apresentado, o presente trabalho visa identificar e analisar as concepções de sexualidade e masculinidade expressas nos escritos de caráter autorreferente produzidos por Gilberto Freyre. Para tanto, se pretendia, a princípio, realizar um levantamento de escritos autorreferentes de Freyre, publicados

e inéditos, que contivessem manifestações acerca de seus pontos de vista sobre sexualidade e masculinidade. Após isso, seriam investigados os processos de editoração dos textos que foram publicados, a fim de verificar se e em que medida as ideias do autor sobre tais assuntos foram modificadas ou suprimidas durante as etapas de revisão e de edição. Por fim, seriam analisadas, nesses escritos, as concepções subjacentes à percepção do sociólogo acerca das categorias de estudo em questão, rastreando as leituras e as vivências que estão relacionadas ao processo da construção dessa visão.

É importante ressaltar que não seria possível abarcar todos os textos autorreferente de Freyre, uma vez que boa parte destes encontra-se fora do país – a exemplo das correspondências que foram enviadas pelo pernambucano a seu amigo e confidente Oliveira Lima, que estão conservadas nos Estados Unidos¹. A documentação a ser trabalhada, assim, seria aquela que se encontra no acervo da Fundação Gilberto Freyre, no bairro de Apipucos, no Recife.

O advento da pandemia global de COVID-19 no ano de 2020, contudo, levou, dentre tantas outras coisas, à suspensão do funcionamento de bibliotecas e arquivos, públicos e particulares, junto aos quais a pesquisa se propunha a buscar muitas de suas fontes e referências bibliográficas. Foi este o caso da Fundação Gilberto Freyre, que, até o momento de elaboração desta dissertação, permanece fechada por tempo indeterminado.

Por conta disso, impôs-se a necessidade de realizar algumas alterações no projeto inicial, notadamente no que respeita às fontes. Optou-se, assim, pela utilização, enquanto principais fontes para a pesquisa, apenas das obras publicadas, anteriormente referidas: duas sob a forma de “diários” (*Tempo morto* e *De menino a homem*) e duas de ficção – as únicas, a propósito, que foram escritas por Freyre (*Dona Sinhá* e *O outro amor*).

Para tal análise foram levados em consideração os aspectos que distinguem um texto literário de um texto historiográfico. Ambos possuem muitas intersecções, pois se expressam através da escrita, possuem elementos de uma escrita literária. O literato, contudo, não tem compromisso com o debate historiográfico, embora possa fazê-lo, se quiser; o historiador não tem como fugir desta discussão – trata-se de um

¹ Segundo Pallares-Burke (2005), tal documentação se encontra na Biblioteca Oliveira Lima, localizada na Catholic University of America, em Washington, D. C.

protocolo indispensável da produção historiográfica, assim como o uso que se faz da documentação, cuja leitura, aliada à teoria, irá permitir a formulação das questões do historiador, além da desnaturalização dos acontecimentos.

No que diz respeito especificamente a *Tempo morto*, Schwarcz (2010) assevera que “longe de ser um diário infantil ou ingênuo, o livro foi evidentemente escrito e reescrito como uma autobiografia disfarçada” (p. 1). Tal assertiva alerta para a necessidade de uma aproximação crítica desta obra do autor pernambucano.

A escolha de tais obras visa abarcar ao máximo a produção autorreferente de Gilberto Freyre. A abrangência temporal dos escritos – que vão de 1915, ano do qual supostamente datam as primeiras entradas de seus diários, até 1987, ano da morte do autor – se mostrou, contudo, demasiado ampla.

Nesse contexto, propõe-se um recorte temporal que decorre, na verdade, de um “recorte na fonte”². Desse modo, fez-se coincidir o período de análise deste trabalho com o arco temporal estabelecido por Freyre em *Tempo morto*: 1915 a 1930. Tal período pareceu conveniente por abranger a formação intelectual de Freyre no Brasil, Estados Unidos e Europa, os anos em que se estabeleceu de volta no Recife e no qual se gestou a obra-prima do autor, *Casa-grande & senzala*, publicada em 1933. O recurso às demais obras autorreferentes se dá, assim, de modo a complementar as análises feitas, com o intuito de estabelecer paralelos, continuidades e rupturas entre elas.

Nesse sentido, levando-se em consideração que o que define a narrativa são as questões que o historiador privilegia e também que toda história é a história do tempo presente, considera-se que as questões colocadas à documentação são questões do presente, portanto é para o presente que se escreve. Além disso, entende-se que o documento não representa a verdade do passado, não é reflexo do real – e que cabe ao historiador estabelecer uma construção que elabore outra ordem de sentido a partir do documento. O documento apresenta os fatos como naturais; cabe ao historiador desnaturalizá-los.

Assim, partiu-se da compreensão de que a percepção é aprendida histórica e culturalmente; não é algo natural, como se pode ser levado a crer. A ideia de

² “Pode ser que o historiador pretenda examinar uma obra singularizada – ou para identificar o pensamento de um autor, ou para analisar a sua inserção nos limites da época – como se faz muito habitualmente nos campos da História das Ideias e da História Social das Ideias” (BARROS, 2012, p. 50).

desnaturalização, assim, deve ser empreendida pelo historiador: ele deve entender que a realidade não é exterior a ele, mas é criada em sua mente. Cabe ao historiador contemporâneo promover uma ruptura com a noção de evidência dos registros documentais. O historiador não deve ser ventríloquo do documento, dizendo o que o documento diz em outras palavras; ele deve oferecer uma nova leitura.

Neste sentido, cabem algumas considerações de caráter teórico-metodológico. Partiu-se do entendimento de que não há memória pura; a História (acadêmica, cartesiana) é uma tentativa de organizar a Memória (afetiva, subjetiva). Sendo assim, a produção histórica se dá em função de um senso de incompletude, dado que o real é inesgotável. No que concerne ao texto mencionado acima, se buscará analisar o discurso da memória (levando em consideração que todo discurso é seletivo) *versus* a reconstrução da memória (deslocamento do presente para o passado) levada a cabo por Freyre na elaboração da obra em comento.

Com isto, não se busca chegar à “descoberta” do que há de “verdade” no discurso elaborado por Freyre em sua escrita de si. Compreende-se que conhecer é construir modelos explicativos, como aponta Certeau em *A escrita da história* (1982). A concepção de conhecimento enquanto ‘descoberta’ parte da ideia de uma totalidade da realidade, o que leva à tentativa de enunciação de leis, que explicam uma relação de causa e efeito, e que reproduz a lógica de uma estrutura matemática da realidade. A própria concepção clássica da “verdade” está ligada a uma organização matemática da realidade, o que remete a uma totalidade calcada na relação entre causa e efeito. Atualmente, se entende que as narrativas devem ser tecidas com base numa complexa relação de fatores: o ‘objetivo’ não é necessariamente verdadeiro; o ‘subjetivo’ não é necessariamente falso. No atual momento histórico, a ideia de “verdade” não é mais trabalhada enquanto processo de descoberta de algo pronto, acabado, seguro, objetivo. A verdade é uma construção coletiva, uma produção – cabe ao historiador buscar recuperar os fios, os meandros que levaram à produção da verdade.

Nesse sentido, o estudo se insere no campo da história intelectual, ou história cultural, como propõe Chartier (2002), e lança mão tanto de suas concepções de práticas e representações quanto da leitura enquanto atividade autônoma, proposta por ele e por Certeau (1998), de modo a tentar compreender e reconstituir o campo intelectual – categoria desenvolvida por Bourdieu (1993) – no qual Freyre se encontra inserido.

O trabalho se divide em três capítulos. No primeiro, buscou-se compreender a figura de Freyre e de sua produção intelectual diante da sociedade brasileira. Para tanto, traçou-se, a princípio, o caminho de formação intelectual percorrido pelo autor, da infância e adolescência no Brasil até a idade adulta, com formação universitária nos Estados Unidos e passagem pela Europa, até o retorno ao país de origem e aos movimentos políticos e intelectuais que se deram no Recife.

No segundo capítulo, serão melhor trabalhadas as questões teórico-metodológicas que orientarão as análises realizadas no texto: fundamentos da história intelectual e das ideias, os conceitos de gênero, sexualidade e masculinidade adotados, as especificidades de cada uma das principais fontes utilizadas, bem como a maneira como todas essas questões se relacionam no contexto da produção intelectual de Gilberto Freyre.

O terceiro capítulo, por fim, consiste na análises de dados em si. Serão demonstradas as concepções de Freyre acerca das sexualidades e das masculinidades, do modo como se encontram em seus escritos autorreferentes, em comparação com outras obras relevantes do autor, e de maneira contextualizada tanto com sua formação intelectual quanto com as vivências pelas quais passou, tanto no Brasil quanto fora do país, e que contribuíram para o desenvolvimento de suas percepções acerca de tais temas.

2 CAPÍTULO PRIMEIRO

2.1 O PERÍODO DE FORMAÇÃO INTELECTUAL NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS, A ESTADIA NA EUROPA E O RETORNO

O Recife no qual Gilberto Freyre nasceu, no ano de 1900 — entre o ocaso do século XIX e o alvorecer do XX —, era uma das maiores capitais da recém-proclamada República brasileira. Dotada de uma população de pouco mais de 110 mil habitantes à época, a cidade não contava ainda com uma plena integração entre o centro e os bairros mais afastados, o que viria a ocorrer ao longo das décadas seguintes³. O sobrado no qual vivia a família Freyre, situado à antiga Estrada dos Aflitos (atual Avenida Rosa e Silva), fazia, assim, parte daquele ambiente meio rural, meio urbano, acerca do qual o intelectual pernambucano viria a se debruçar em *Sobrados e mucambos* (1936).

Gilberto não foi, portanto, um “menino de engenho”, mas um “menino de sobrado”, mesmo tendo passado temporadas da infância no Engenho de São Severino do Ramo, no município de Paudalho, a 37 km da capital. É aquela propriedade, que pertencia a parentes do lado materno da família, que constitui local no qual “ele encontrava tudo para poder recriar a civilização do açúcar que passará a impregnar a partir desse momento, sua imaginação: arroios, cavalos, negros velhos cantando suas quadras” (LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 26).

A pujança da “civilização do açúcar”, contudo, vinha sendo minada ao longo do século XIX, e terminou por ser exaurida durante a Primeira República. Pernambuco testemunhou o deslocamento de seu protagonismo econômico e político para estados do Sudeste, como São Paulo e Minas Gerais, apesar de manter uma certa liderança regional ao longo do período em questão. Conforme Robert Levine,

Economicamente, o seu controle do porto do Recife e a sua situação de ponto final de várias linhas de estradas de ferro, que atravessavam a Zona da Mata e o Agreste, criaram uma esfera pernambucana de influência, que se estendia até Alagoas ao sul, Paraíba e Rio Grande do Norte ao norte e partes do Ceará e do Piauí ao norte e a oeste (2006, pp. 148-149).

³ “outros sinais indicativos das mudanças que ocorriam na cidade eram os debates sobre a modernização. (...) Envolveia reformas urbanas que provocavam polêmicas na população e teve sua época áurea no governo de Sérgio Loreto (1922-1926). (...) Falava-se em eliminar as feições coloniais e tropicais do Recife. As palavras de ordem eram ‘urbanizar, civilizar e modernizar’. Houve uma mobilização destacada nesse sentido, incentivando-se a construção de casas populares, a erradicação dos mocambos, os aterros dos mangues, a ampliação dos serviços de luz elétrica, a abertura de ruas e avenidas” (REZENDE, 2002, p. 95).

Um dos fatores que contribuiu para tal liderança, portanto, foi o porto do Recife, por muito tempo um dos mais bem equipados do país, e que foi responsável pela chegada tanto de mercadorias quanto de imigrantes, com destaque para os ingleses. Ainda segundo Levine,

O ar cosmopolita do Recife procedia da marca da influência estrangeira na vida da cidade portuária. Recife olhava para o mundo exterior: (...) grandes comunidades estrangeiras de ingleses, franceses, alemães, portugueses e norte-americanos ali floresciam (...). A presença inglesa, que atingiu o seu ponto culminante mais ou menos em 1910, deixou na cidade uma marca significativa. Muito embora os residentes ingleses levassem uma vida comunitária fechada e autônoma, a sua participação onipresente em todos os aspectos da economia regional (...) colocou-os em íntimo contato com a elite socioeconômica da cidade (2006, p. 160).

A presença inglesa junto às elites do Recife no início do século se fez sentir também na família Freyre. O pai de Gilberto, Alfredo, declaradamente anglófilo, contratou um preceptor inglês para cuidar da alfabetização do filho, em casa: Mr. Williams, referido por diversos autores que tratam da infância de Freyre (CHACON, 1993, pp. 37, 155; PALLARES-BURKE, 2005, pp. 54, 61, 117; LARRETA e GIUCCI, 2007, p. 38). O próprio autor pernambucano se refere ao tutor inglês logo na primeira entrada de *Tempo morto e outros tempos* (1975, p. 3)⁴. A ele, Freyre seria devedor tanto da facilidade com a língua inglesa quanto da compreensão e valorização de suas inclinações artísticas, expressadas através do desenho durante a infância. Sem saber ler, escrever ou contar até os oito anos, Freyre só se interessava pelo desenho, o que foi confundido, por alguns familiares, por retardo mental (PALLARES-BURKE, 2005).

A inclinação do menino pelas artes visuais, inclusive, levou a que o pai contratasse o já prestigiado pintor pernambucano Telles Júnior para que desse aulas particulares ao filho, fato também mencionado por muitos dos biógrafos de Freyre. Aparentemente, contudo, a aversão do aluno pelas regras e convenções que o professor buscou lhe transmitir fizeram com que as aulas não se estendessem muito (LARRETA e GIUCCI, 2007).

Freyre começou a frequentar a escola no ano de 1908: o Colégio Americano Gilreath (depois “Batista”), fundado dois anos antes. Alfredo Freyre, entusiasta da cultura anglo-saxônica, como já mencionado, chegou inclusive a ser professor de algumas disciplinas no colégio, tais como Português, Francês, Latim, Economia

⁴ As especificidades da obra serão abordadas no capítulo 2, no qual se fará uma análise detida de suas características e de seu conteúdo.

Política e Direito Comercial (CHACON, 1993, p. 43). Gilberto estudou no colégio durante toda a sua vida escolar, concluída em 1917. Foi o orador da turma e convidou o diplomata recifense Oliveira Lima, com o qual manteria uma sincera amizade ao longo da vida, para ser o paraninfo da cerimônia de formatura.

Passados os anos de formação escolar, colocou-se a necessidade de escolher a instituição de ensino superior para a qual o jovem Freyre se dirigiria. Seu irmão Ulisses havia se bacharelado em Física e Química nos Estados Unidos; para alguém como Freyre, contudo, que demonstrava um interesse maior pelas humanidades do que pelas ciências exatas ou da natureza, a Europa era o destino mais indicado à época. Um obstáculo, porém, se interpôs entre Freyre e seu sonho de uma formação superior no Velho Continente: a eclosão da Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918.

Com a impossibilidade de ir à Europa, Gilberto terminou por cursar o ensino universitário nos Estados Unidos. Optou por realizar a graduação na Universidade de Baylor, no estado do Texas, na qual Ulisses já havia estudado e cuja qualidade lhe recomendara. Tal intercâmbio era facilitado pelo Colégio Americano, que formava os alunos com o horizonte de prepará-los para os estudos universitários em instituições norte-americanas e concedia bolsas em Baylor (instituição pertencente aos batistas) para os discentes que se destacavam, como foi o caso de Freyre.

A experiência do intelectual pernambucano na universidade texana foi contraditória: por um lado, bastante decepcionante; por outro, significativa e enriquecedora. No que diz respeito ao primeiro aspecto, Freyre se desapontou com o provincianismo da região na qual se viu inserido — estava em pleno *Bible belt*⁵. Nas incursões que fez por outros estados, como o Kentucky, Freyre teve a oportunidade de participar de alguns cultos protestantes e considerou que neles havia muita histeria e fundamentalismo religioso. Proveniente de família tradicionalmente católica e tendo se convertido ao protestantismo durante a adolescência, Freyre viria a abandoná-lo após a experiência norte-americana.

Por outro lado, os anos passados em Baylor foram enriquecedores intelectualmente para o rapaz. Apesar do provincianismo, aquele não deixava de ser um ambiente universitário, um *campus* no sentido próprio da palavra, no qual o pernambucano pôde conviver com pessoas de outros lugares dos Estados Unidos e do mundo. Além disso, teve a oportunidade de assistir a palestras e conhecer

⁵ “Cinturão da Bíblia”, região composta por alguns estados da região sudeste dos Estados Unidos, dentre eles o Texas, nos quais a presença do protestantismo, especialmente da denominação Batista, se faz ainda mais marcante na vida dos cidadãos.

pessoalmente algumas personalidades importantes da época, tais como o poeta irlandês William Butler Yeats: “num encontro memorável ocorrido em 1920, a ser orgulhosamente lembrado por Freyre ao longo de toda a sua vida, ele não só ouviu o grande poeta como também trocou algumas palavras com ele” (PALLARES-BURKE, 2005, pp. 204-205).

Muitas dessas celebridades vinham até Baylor a convite do professor Joseph Armstrong, de literatura inglesa. Apaixonado pela disciplina, Armstrong deixou marcas profundas em Freyre, com o qual veio a estabelecer uma duradoura amizade, que se estendeu para além do período em que o pernambucano foi seu aluno. Armstrong apresentou para o pupilo diversos autores da literatura inglesa e universal; via grande potencial no estudante e viria a lhe aconselhar a se naturalizar nos Estados Unidos, de modo a poder se tornar um *Rhodes scholar*⁶ e produzir sua obra intelectual em língua inglesa — caminho este que Freyre optou por não seguir.

Concluída a graduação em Baylor, Freyre optou pela Universidade de Columbia, na cidade de Nova York, para cursar a pós-graduação. A mudança foi bastante significativa: da obscura Waco, no Texas, para o maior centro cultural e econômico dos Estados Unidos. Em Columbia, Freyre teve diversos professores prestigiosos, com destaque para seu orientador do mestrado, o historiador William Shepherd, e para o antropólogo Franz Boas, que viria a ser um dos grandes formadores do pensamento de Freyre no que diz respeito às relações entre raça e cultura. Além disso, durante sua estadia em Columbia, Freyre teve a oportunidade de assistir a uma palestra do respeitado historiador inglês Alfred Zimmern, cuja obra *The greek commonwealth* contribuiu para a teoria desenvolvida pelo escritor pernambucano acerca das relações entre escravos e senhores no Brasil⁷.

A ideia inicial de Freyre era cursar, em Columbia, o mestrado e o doutorado. Terminou, contudo, por cursar apenas o mestrado. Sua dissertação, que teve por título *Vida social no Brasil do século XIX*⁸, foi logo publicada pela *Revista de História Hispano-Americana*⁹. O ensaio desenvolvido por Freyre foi o embrião das ideias e

⁶ A bolsa de estudos *Rhodes* foi criada em 1903 para financiar estudos na Universidade de Oxford.

⁷ Em tradução livre: *A sociedade grega*. Na obra, Zimmern defende que a escravidão na Grécia antiga consistia numa relação menos cruel entre senhores e escravos do que na escravidão moderna. Freyre utiliza argumentos de Zimmern acerca da escravidão antiga para afirmar que, no Brasil, as relações entre senhores e escravos foram também suavizadas.

⁸ No original, *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, traduzida para o português por Waldemar Valente e publicada no Brasil em 1964 pelo então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

⁹ No original, *The Hispanic American Historical Review*. “A referência, logo no primeiro número, fevereiro de 1918, homenageando William R. Shepherd, um dos orientadores de Gilberto Freyre em

reflexões que viriam a ser melhor elaboradas pelo autor dez anos depois em sua obra-prima, *Casa-Grande & Senzala* (1933)¹⁰. A ideia de confecção da obra, contudo, ainda não estava clara para Freyre no período imediatamente posterior ao término do seu mestrado, como adverte Pallares-Burke (2005); após a aprovação do trabalho, com recomendação para publicação, Freyre se viu estimulado a desenvolver melhor o texto.

Finda a formação universitária nos Estados Unidos em 1922, Freyre partiu para a tão sonhada viagem para a Europa. A Primeira Guerra havia terminado no final de 1918; apesar de o continente europeu estar passando ainda pelo complicado período de pós-guerra, chegou-se à conclusão de que seria seguro para Freyre empreender a viagem.

Uma vez na Europa, na qual passou o período de agosto de 1922 a março de 1923, o pernambucano visitou a França, Alemanha, Inglaterra e Portugal. Em Paris, Freyre se diz decepcionado com a Sorbonne; a julgar pelos seus relatos em anotações e correspondências, ele esperava mais da universidade francesa (CHACON, 1993).

O ponto alto do *tour* de Freyre pela Europa, contudo, foi sua estadia na Universidade de Oxford. Não frequentou a instituição enquanto aluno: “agora, na Europa, não tinha mais o *status* de estudante, mas na qualidade de visitante podia usufruir de alguma experiência universitária, tanto na Sorbonne quanto em Oxford” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 88). Assim, na condição de visitante, participou de clubes, reuniões, chás, *parties*. O ambiente da universidade inglesa já lhe era familiar, através das muitas leituras de autores ingleses que havia feito até então. Aproveitou, inclusive, para reler alguns deles, tais como Walter Pater, que havia sido professor da universidade, e cuja escrita ensaística influenciou grandemente o estilo e os temas abordados por Freyre em suas próprias obras.

Um dos aspectos que impressionou fortemente o autor durante sua estadia em Oxford foi a presença do “equilíbrio de opostos” presente na universidade, que ele enxergava como característico da cultura inglesa. Da arquitetura dos edifícios aos professores vestidos de becas enquanto pedalavam em suas bicicletas pelo *campus*,

Columbia, entre os mais empenhados em ajudar o nascimento da revista, explica o acesso de Gilberto publicando sua tese [sic] em *The Hispanic American Historical Review*, distinção muito rara a um jovem mestrando. Gilberto Freyre tinha vinte e dois anos de idade” (CHACON, 1993, p. 152).

¹⁰ “Uma característica importantíssima de sua tese era seu foco na intimidade da vida familiar. Passando ao largo da história política ou institucional (como fez por toda a sua carreira) Freyre escreveu um tipo de história social desconhecido no Brasil de seu tempo (e raro nos EUA e na Europa). Escolheu este caminho, como explicou várias vezes, posteriormente, ignorando as limitações disciplinares, na busca de independência intelectual” (SKIDMORE, 2003, pp. 48-49).

Freyre enxergou uma perfeita conciliação entre o respeito à tradição e a recepção da modernidade, algo que viria a acompanhá-lo ao longo de sua produção intelectual e de sua atuação na sociedade recifense, como se verá mais adiante.

A experiência do pernambucano em Oxford não se restringiu, contudo, ao deleite intelectual e espiritual experimentado através das leituras e da participação em aulas e debates. Freyre participou intensamente da vida social oxoniana, o que incluía, à época, festas “regadas a muito vinho do Porto”, num ambiente homosocial¹¹ típico de uma instituição tradicionalmente voltada apenas para o ensino de rapazes.

Após o período em Oxford, Freyre voltou ainda a Paris, passou também por Chartres, Lisboa e Coimbra, tendo retornado ao Brasil em 1923. Não foi sem dúvidas, contudo, que o sociólogo optou por voltar a morar no seu país de origem: a perspectiva de permanecer no exterior seduziu-o por muito tempo, e era, inclusive, aconselhada por seus amigos Oliveira Lima e Joseph Armstrong. A ideia de ser sempre visto como um estrangeiro e poder, inclusive, ser alvo de racismo, contribuiu para que ele optasse por voltar ao Brasil (PALLARES-BURKE, 2005).

Uma vez decidido a voltar, Freyre titubeou ainda ao escolher em que lugar do Brasil iria morar. Chegou a cogitar São Paulo, pujante centro econômico e cultural na década de 1920; dificuldades de ordem financeira e promessas de emprego no Recife, porém, fizeram com que ele terminasse optando por sua cidade natal. Resolvido a agir no sentido de “vencer o meio hostil” do Recife, Freyre se juntou a alguns amigos e, já em 1924, fundou o Centro Regionalista do Nordeste, que funcionou também como uma espécie de contraponto ao modernismo que vinha se desenvolvendo no país, marcadamente após a Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922. Na ocasião da Semana, Freyre se encontrava em pleno *tour* europeu:

À Lisboa de 1923 continuam chegando os ecos da Semana de Arte Moderna de São Paulo do ano anterior, Gilberto Freyre colhe-os no ar, depois de ter diante dos olhos o espetáculo do ateliê parisiense de Tarsila do Amaral, reunindo em Clichy os brasileiros ‘em fase de assimilarem vanguardismos europeus para os transferirem ao Brasil’, do que Gilberto discordará, ao preferir o regionalismo mais fiel às raízes, influenciando José Lins do Rego, Jorge de Lima e muitos outros, inclusive Vicente do Rego Monteiro, apesar de algo inspirado por Fernand Léger, e Cícero Dias outro tanto por Marc Chagall (CHACON, 1993, p. 164).

Não é que Freyre fosse contra a modernidade. Sua crítica era ao que considerava ser um transplante de práticas e tendências estrangeiras para a realidade

¹¹ Trata-se de uma necessidade de interação entre homens, que não corresponde, necessariamente, a um desejo sexual (consciente) entre eles. O conceito é melhor discutido no capítulo 2.

brasileira, na qual tais “modernices”, de seu ponto de vista, nem sempre tinham lugar. Para o sociólogo, as inovações deveriam respeitar as tradições locais e regionais, de modo a se preservar a rica identidade do povo brasileiro. A tal respeito, vale reportar-se à lição de Rezende, para o qual

A defesa das tradições faz, realmente, de Freyre um intelectual com uma certa singularidade. Ele não atacava a modernidade em todas as suas dimensões. Simpatiza com as renovações acontecidas na produção cultural, com manifestações das vanguardas artísticas europeias. A questão fundamental é tratar de saber como absorver essas renovações sem afetar a originalidade da cultura brasileira, na sua mistura que ele tanto diz admirar. O mundo das invenções elétricas não lhe atrai. Mostra temer o declínio das humanidades, critica as especializações e o industrialismo. O regional lhe fascina e é ponto básico das suas reflexões. As suas simpatias com o modernismo não são de forma alguma absolutas, sobretudo com o que propõem os intelectuais paulistas. Razões para suas polêmicas, ao mesmo tempo material para busca de conciliar o moderno com o tradicional e firmar sua singularidade como intelectual (1995, p. 18).

Maria Lúcia Pallares-Burke, que buscou compreender o “campo intelectual” no qual Freyre formou suas ideias, afirma que a elaboração dos conceitos de “tradição”, “modernidade” e “região” do autor se deu através de leituras do que a autora chama de “vitorianos rebeldes”¹², “vitorianos antivitorianos ou românticos pós-românticos. Ruskin, Morris, Carlyle e mesmo Yeats, por exemplo, eram vitorianos que se opunham corajosamente a muito do que era consagrado em seu tempo” (2005, p. 48).

É munido de tais referenciais que Freyre, como vimos, irá se esmerar, quando volta ao Recife, em aliar tradição e modernidade tanto em seus escritos quanto em suas ações. A já referida fundação do Centro Regionalista, em 1924, foi uma delas, à qual se seguiu, em 1926, a organização de um Congresso Regionalista, em contraponto à Semana de Arte Moderna de 1922. Por ocasião do Congresso, foram feitas declarações e publicados alguns textos de Freyre em jornais que, mais tarde, viriam a ser reunidos sob o título de *Manifesto Regionalista* (publicado apenas em 1952).

Ao voltar ao Brasil o autor se mantém, financeiramente, através de um emprego modesto nas Docas do Recife, como revisor dos relatórios do diretor, e de contribuições para o *Diário de Pernambuco*. Para este último, organiza, em 1925, ano de comemoração de seu centenário, o *Livro do Nordeste*, com contribuições de diversos autores renomados; dentre eles, Manuel Bandeira, que compôs um poema especialmente para a ocasião de publicação da obra: *Evocação do Recife*.

¹² A Era Vitoriana corresponde ao período de reinado da rainha Vitória na Inglaterra, de 1837 a 1901.

No ano seguinte, Freyre se torna chefe de redação do *Diário*. Alguns estudiosos apontam o fato de que, no período, havia dois grupos no Recife, reunidos em torno dos principais jornais da cidade:

o do *Diário de Pernambuco*, em torno de Gilberto Freyre, propugnando 'pela defesa regional, a nível político, cultural, artístico', para isto querendo 'desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste', e o do *Jornal do Commercio*, agrupado por Joaquim Inojosa, com 'palavra de ordem imitar São Paulo, especialmente naquele primeiro grito de urgência na destruição do passado' (CHACON, 1993, p. 190).

Nesse mesmo ano se dá, em Pernambuco, a Reforma Carneiro Leão na educação pública do estado. Realizada no âmbito das reformas que já vinham ocorrendo em outras unidades da federação desde o início da década (como a Reforma Sampaio Dória, em São Paulo, de 1920-1921; Lourenço Filho, no Ceará, de 1922-1923; Anísio Teixeira, na Bahia, em 1924), a reforma pernambucana seguiu o ideal das demais: o de que era preciso

republicanizar a República, e a educação era considerada o instrumento adequado. Obviamente, não uma educação qualquer, mas aquela que viesse responder às exigências de uma nova sociedade, de formato industrial, urbano, em evolução para uma democracia social e econômica. Importante era a unificação de ideais e objetivos a serem atendidos pelo sistema educacional, em âmbito nacional, por uma política traçada pelas elites governantes (ARAÚJO, 2009, pp. 121-122).

Para tanto, uma série de medidas foram tomadas no sentido de modernizar a educação pública no estado. Uma delas foi a criação da cadeira de Sociologia na Escola Normal — a primeira da matéria no Brasil, segundo Chacon (1993). Para ministrá-la, o próprio Carneiro Leão sugeriu o nome de Gilberto Freyre, que aceitou o convite e deu início à docência no ano seguinte.

A experiência de Freyre à frente da disciplina foi inovadora e polêmica, por diversos aspectos. Desde os temas abordados, como questões pré-nupciais, até os métodos aplicados, que envolviam viagens e pesquisas de campo, aos quais a sociedade da época não estava acostumada (ARAÚJO, 2009).

Enquanto professor da Escola Normal, Freyre participou da formação de futuras professoras que iriam, uma vez habilitadas, atuar na linha de frente da implementação das reformas educacionais pretendidas. Este processo de instrução dos novos quadros docentes do sistema educacional era considerado estratégico para o sucesso das transformações buscadas no ensino do estado.

A nível pessoal, a breve passagem de Freyre pela docência da disciplina de

Sociologia assumiu um significado importante na formação intelectual do pensador pernambucano. A necessidade de ler e esquematizar os conteúdos que seriam ministrados, além da preparação e ministração das aulas em si, constituíram uma espécie de preparação para a elaboração, alguns anos depois, de sua obra-prima, *Casa-Grande & Senzala* (MEUCCI, 2005; 2015).

A afirmação acima pode parecer, a princípio, a antecipação de um fato que, por se conhecer o passado, permite a previsão do futuro - ou seja, seria fácil supor que Freyre, ao compor sua obra-prima, teria se beneficiado da preparação para o ensino de Sociologia alguns anos antes, dado que hoje, no presente, se conhece a sucessão dos fatos que levou a isso. A análise das posturas de Freyre no período como professor da Escola Normal, contudo, demonstra que há, de fato, antecipações do pensamento do autor pernambucano naquela época, do que só viria a ser escrito alguns anos depois. De acordo com Simone Meucci (2005):

Freyre optou (...) na sua experiência docente na *Escola Normal*, por uma *Sociologia* preocupada com o reconhecimento de realidades sociais singulares, com a eficácia de seus mecanismos de socialização e regulação, cuja abordagem exigia um retorno às formas de socialização originárias. De acordo com essa orientação, o fundamento científico para a ação social seria encontrado na intimidade da esfera privada, no passado e nas existências regionais ignoradas. Com essa compreensão da *Sociologia*, Freyre apostou num modelo de nação que se inspirava na continuidade histórica, na diversidade regional, na eficácia dos mecanismos de auto-regulação da sociedade para o controle de alguns dos efeitos da modernização (p. 214).

Tais considerações permitem, portanto, afirmar que características do pensamento que Freyre viria a manifestar em *Casa-Grande & Senzala* já se encontravam presentes no momento em que ministrou a disciplina de Sociologia na Escola Normal. Para além disso, se tratou de um momento de descoberta intelectual para o autor e de conflitos sociais, políticos e econômicos tanto na esfera nacional quanto local. Meucci afirma que a atuação de Freyre junto à Escola Normal se deu num

ambiente intelectual e cultural extremamente ambíguo: Freyre (...) estava num fogo cruzado entre o pai e o oligarca, entre a tradição e a renovação, entre os princípios do Regionalismo e da Escola Nova. E é em meio a estes dilemas que ele se revela como um 'cientista social'. Enquanto Estácio Coimbra era desnudado diante de tantas demandas contraditórias, Freyre vestiu-se de sociólogo (2015, p. 92).

O clima político do final da década de 1920 no Brasil era tenso. A “política do café-com-leite”, de alternância na presidência da República entre paulistas e mineiros,

fora quebrada, em 1929, com a indicação por Washington Luís de Júlio Prestes, paulista, para sucedê-lo¹³. Representantes do Rio Grande do Sul, de Minas (de onde deveria sair, em tese, o próximo presidente) e da Paraíba, insatisfeitos com a decisão, decidiram lançar uma candidatura de oposição: o então presidente do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, encabeçou a chapa, com João Pessoa, presidente da Paraíba, como vice¹⁴.

A derrota da oposição nas eleições — marcadas por fraudes de ambos os lados, prática comum ao longo da Primeira República — não foi aceita pelos opositores, que se articularam para tomar o poder à força:

Apesar de todos os problemas e da disputa acirrada entre os grupos envolvidos, o resultado das eleições parecia marcar o fim da cisão regional. (...) Mas nem todos na oposição pensavam assim. Começou a aparecer como alternativa o ponto de vista dos chamados ‘tenentes civis’, que queriam uma resposta pelas armas (FAUSTO, 1995, p. 321).

A ocasião para tal movimento se mostrou propícia quando do assassinato de João Pessoa numa confeitaria no Recife, em 1930. Cometido por motivações mais pessoais do que políticas, o crime foi utilizado pelos opositores do regime para insuflar a população contra o governo e justificar o golpe, que foi efetivado no final daquele ano, com a deposição de Washington Luís, prestes a terminar o mandato. Em novembro do mesmo ano, a Junta Provisória que havia assumido o poder entregou-o a Getúlio Vargas, marcando, com isso, o fim da Primeira República no Brasil:

com sua posse [de Vargas], o Executivo assumia plenos poderes e passava a ter condições de promover uma radical intervenção no sistema político. O Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas Estaduais e as Assembleias Municipais foram dissolvidas, os políticos eleitos durante a Primeira República perderam seus cargos, os presidentes dos estados foram substituídos por interventores, a imprensa de oposição foi censurada — pela primeira vez, desde a Constituição de 1824, todos os postos de poder no país estavam sendo ocupados por civis e militares não eleitos (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 361).

Gilberto Freyre era, então, chefe de gabinete do governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, cargo que assumira desde 1926. Com o advento da Revolução de 1930, Coimbra foi deposto pelo novo governo e partiu para o exílio em Portugal, com

¹³Washington Luís era natural da cidade de Macaé, no estado do Rio de Janeiro, porém fez sua carreira política em São Paulo, sendo, deste modo, considerado “paulista” para a lógica de alternância de poder entre São Paulo e Minas.

¹⁴Até então, os chefes dos executivos estaduais eram chamados de “presidentes”; a denominação de “governadores” foi implementada posteriormente.

direito a levar um auxiliar consigo. O escolhido foi Freyre, que acompanhou o ex-governador:

Lá souberam do saque e incêndio das suas casas, Gilberto perdendo a parte da biblioteca que ali estava, salvando-se a outra em casa do seu irmão Ulysses. Ele e Estácio com um terno e duas camisas, cada um, morando numa quase água-furtada lisboeta, 'lado da sombra – portanto fria e terrivelmente úmida no inverno – numa rua obscura'. Gilberto Freyre sabendo, pelo *Diário Oficial* de 17 de outubro de 1930, chegando atrasado pelo Correio, que fora exonerado, por abandono do trabalho, da cátedra de Sociologia na Escola Normal... (CHACON, 1993, p. 205).

Freyre, contudo, não permaneceu muito tempo em Portugal. Em 1931 ele partiu para os Estados Unidos, onde, convidado pela Universidade de Stanford, na Califórnia, ministrou cursos sobre a história e a sociedade brasileiras. O convite foi aceito de bom grado: com acesso à biblioteca da universidade e a documentos de seu amigo Oliveira Lima, em Washington, o autor teve condições de realizar a pesquisa que o permitiu desenvolver a obra que, em 1933, foi publicada no Brasil sob o título de *Casa-Grande & Senzala*.

Obra seminal do autor, o livro foi elaborado e recepcionado em contextos históricos — e historiográficos — cuja análise ajuda a entender a sua persistência como clássico e como ponto de partida para debates acerca do Brasil até os dias de hoje¹⁵. A ênfase que aqui se dá à obra ocorre em função do caráter de “clássico” que o livro assumiu com o tempo, de sua “perenidade” (CARDOSO, 2013) e do grande alcance que teve e tem junto à população brasileira.

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO E HISTORIOGRÁFICO DA ELABORAÇÃO DA OBRA DE GILBERTO FREYRE

De acordo com Angela de Castro Gomes (2012), para compreender o contexto historiográfico da produção do livro é necessário remontar às primeiras décadas do século XX, quando o IHGB¹⁶, após a proclamação da República, se viu na necessidade de renovar a produção historiográfica acerca do Brasil, de modo a se

¹⁵ “a leitura de Gilberto Freyre, assim como de outros intérpretes do Brasil, pode constituir uma experiência interessante para compreender crenças e preconceitos presentes na vida comum e na própria mentalidade acadêmica, pois os ensaístas brasileiros, desde a década de trinta e mesmo os anteriores, dissertavam sobre o país, suas possibilidades e limitações, para um público mais amplo e não especializado, e por isso suas respectivas crenças atingiram, ainda que de modo difuso e desordenado, a vida comum” (ALVES, 2014, p. 15).

¹⁶ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838 e em atividade até hoje.

adaptar aos tempos republicanos que se iniciavam. Tal movimento, de acordo com a autora, ganhou força no período que vai de 1908 a 1938, “quando o Instituto é presidido por dois importantes nomes da cultura e da política do país: o barão de Rio Branco (até 1912, quando morre) e o conde Afonso Celso (desde então até 1938)” (2012, p. 49). Questões como o “mito das três raças” e sua influência negativa sobre a formação da população brasileira começaram lentamente a ser revistos por alguns autores, tais como Alberto Torres, Edgard Roquette-Pinto e Manuel Bonfim¹⁷.

Além disso, algumas questões de ordem teórico-metodológica passaram a ser reavaliadas, tais como a natureza das fontes; começava aí um movimento de valorização de relatos informais – correspondências, diários, anotações íntimas, e não apenas dos documentos oficiais, como era a prática entre os historiadores até então. No que respeita à metodologia, ensaiava-se uma abertura maior ao diálogo com outras disciplinas, de modo que

diversos autores passavam a se interessar por métodos e categorias da sociologia, da antropologia, da etnologia, da psicologia e da geografia, guardadas a fluidez entre as fronteiras de saberes que estavam se constituindo e se distinguindo, sobretudo no Brasil (GOMES, 2012, p. 54).

As inovações apresentadas por Freyre, portanto, eram fruto de uma tradição historiográfica que já vinha se delineando desde o início do XX; não apenas historiográfica, contudo, mas também literária, durante o movimento que ficou conhecido como Romantismo: “A busca deste caráter brasileiro já existia desde o século XIX com o movimento romântico. Entretanto, é a partir dos anos 20 que se procura uma solução mais sintética e ‘científica’ para tais questões” (GIL, 2011, p. 211). O próprio Freyre foi acusado, por alguns de seus críticos, de ser um “romântico”, no sentido de buscar, no passado colonial do Brasil, respostas para as questões da sociedade brasileira de maneira idealizada.

É importante frisar também que, a despeito das inovações que começam no final do XIX e se avultam no início do XX, com maior fôlego nos anos 1920 e atingindo o ápice durante a década de 1930, mesmo nesta última ainda grassavam entre nós (e também nos centros mais hegemônicos de produção do saber, como Estados Unidos e Europa) as teorias do racismo científico. Não à toa, foi durante a década de 1930

¹⁷ “Em *A América Latina: males de origem*, de Manuel Bonfim, publicado em 1905, a condenação do racismo e a aceitação da mestiçagem aparecem sem as contradições e ambiguidades de Sílvia Romero. Ele rompe com os modelos de pensamento de seu tempo, ao afastar a hipótese de inferioridade racial e valorizar os tipos mestiços e as culturas cruzadas (...), antecipando posições depois adotadas por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*” (MOTA, 2001, p. 18)

que se deu o recrudescimento dos fascismos na Europa e o surgimento, no Brasil, da Ação Integralista Brasileira (1932-1937).

A persistência do racismo científico aqui se dava, dentre outros fatores, pelas posturas assumidas pelo Estado e pela sociedade brasileiras no período que se seguiu à abolição da escravidão no país, em 1888. Os ex-escravizados não receberam qualquer tipo de indenização ou auxílio – diferente dos antigos senhores de escravos, que foram indenizados pelo Estado pelos prejuízos decorrentes da abolição. A reforma agrária não foi feita, como advogara o abolicionista pernambucano Joaquim Nabuco, nem se garantiram aos ex-escravizados o acesso a direitos fundamentais, como o direito à moradia, à saúde e à educação.

A própria produção intelectual do período não se debruçou sobre formas de lidar com a situação precária dos ex-escravizados, de modo a lhes fornecer melhores condições de vida; pelo contrário, as preocupações de muitos intelectuais iam no sentido de “resolver” a questão dos negros no Brasil, não com a elaboração de políticas públicas voltadas para essa população, mas sim com formas de buscar o *embranquecimento* da população brasileira, considerado, por muito tempo, como a única maneira de colocar o país no rumo do progresso e do desenvolvimento.

Oliveira Viana, um dos teóricos do racismo científico no Brasil, preparava, inclusive, obra sobre o tema no início da década de 1930, porém desistiu da publicação após o lançamento de *Casa-Grande & Senzala*. Tal foi o impacto do livro, que pôs abaixo

dois mitos teimosos – os determinismos geográfico e racial, segundo os quais, simplificadamente, a maioria de nossos males tinha suas raízes no fato de sermos um país tropical e mestiço. No caso da geografia, uma condenação inapelável. Da mistura de raças, isto é, da influência ‘negativa’ principalmente da população negra, só o ‘branqueamento’ poderia, quem sabe, a longuíssimo prazo, quando se completasse, redimir o Brasil (MOTA, 1999, p. 16).

A posição inovadora de Freyre no que tange ao racismo científico é devida, em larga medida, às ideias do antropólogo Franz Boas, que fora seu professor durante o mestrado em Columbia. Através das lições do pensador teuto-americano, Freyre

aprendera a diferença fundamental entre raça e cultura, plano sobre o qual se assentava o seu ensaio. Consequira, com isso, distinguir os efeitos da genética do das influências sociais, culturais e do meio. Este fora o princípio que norteava as ideias, estabelecendo a cultura como o fundamento explicativo das diferenças entre os povos e que lhe permitira ver a questão da miscigenação com outros olhos (PESAVENTO, 2004, p. 183).

No contexto da jovem república brasileira, tratava-se, também, de um momento de “invenção das tradições”¹⁸. Foi o que muitos autores procuraram fazer, Gilberto Freyre entre eles, ao buscar no passado colonial, ainda que de maneira idealizada e utópica, uma chave de interpretação positiva para o Brasil de sua época. Nesse sentido, é possível afirmar de *Casa-Grande & Senzala* que “de certo modo é a fabulação sobre um período onde os conflitos ganham uma conotação épica: é a utopia de uma idade de ouro, onde a acomodação ocupa o lugar da luta, onde o dominado domina, de fato, aquele que se propõe como dominante” (BASTOS, 2006, p. 47).

O próprio título do livro, da maneira peculiar como foi, propositadamente, concebida por Freyre, fornece algumas das chaves de leitura que permeiam a obra. Como bem sintetiza Elide Rugai Bastos (2006),

Casa-grande é o símbolo de um *status* – o de dominação; *senzala* – o de subordinação ou submissão. O & entre as duas palavras é símbolo de interpenetração, mostra a ‘dinâmica democratizante como corretivo à estabelecida hierarquia’. Em outras palavras, no Brasil não se realizam as formas tradicionais de dominação, havendo uma inversão do processo, mudando-se os sinais que alocam socialmente os indivíduos (p. 220).

Tal “estratégia” foi pensada por Freyre e não constitui obra do acaso. O autor pernambucano, cioso da inovação representada por seu escrito e da singularidade de suas ideias, formulou um título para sua obra-prima que transmitisse a mensagem que queria passar.

A análise de algumas outras obras que antecederam a publicação de *Casa-Grande & Senzala* ajuda a dar a medida do que vinha sendo produzido até então, de modo a se perceber mais claramente tanto as continuidades quanto as rupturas representadas pela publicação da obra de Freyre. Um dos exemplos de produções que, ainda nos anos 1920, representavam uma busca de interpretação da realidade brasileira, tendência que, como se verá adiante, foi intensificada nas décadas de 1930 e 1940, é o livro *Retratos do Brasil*, de autoria do intelectual paulista Paulo Prado, publicado em 1928.

Em comum, ambas as obras possuem o fato de buscarem a elaboração de uma ideia de brasilidade¹⁹, através de um olhar que se volta para dentro da realidade do

¹⁸ O conceito é proposto por Eric Hobsbawn em *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

¹⁹ “se o país começou a República encantado com a modernidade, terminou seus anos 1920 entre angustiado e ansioso para conhecer certa ‘brasilidade’, rever seu passado e projetar um novo futuro.

país; além disso, tanto Freyre quanto Prado lançam mão de instrumentais psicológicos para desenvolver suas análises. A abordagem da sexualidade pode ser, igualmente, apontada como um traço comum de ambas as obras. Para além disso, os dois autores se servem de relatos de viajantes para fornecer os contornos dos quadros da sociedade brasileira que buscavam apresentar.

Algumas distinções, contudo, se fazem presentes na elaboração dos pontos de vista dos autores e das conclusões às quais chegam através dos caminhos percorridos por seus textos.

A obra de Prado pode ser considerada mais “melancólica” e “pessimista” (o que se denota já do seu subtítulo, *ensaio sobre a tristeza brasileira*). A primeira frase do livro, a propósito, celebrizou-se e fornece a linha de pensamento com a qual o escritor paulistano desenvolve suas análises: acerca do Brasil e de sua população, afirma que “Numa terra radiosa vive um povo triste”. Tal tristeza teria sido legada ao povo brasileiro pelos primeiros descobridores, que, de acordo com Prado, eram movidos apenas pela “ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene” (1928, p. 8).

Um dos pontos em comum entre as interpretações de Prado e de Freyre é o papel atribuído por cada um às mulheres indígenas nos hábitos sexuais dos colonizadores (e, por consequência, dos brasileiros de modo geral). Para Prado, as mulheres indígenas eram o elemento mais “lascivo” dentre os que compunham a colônia, e contribuía, com isso, para

a lascívia do branco solto no paraíso da terra estranha. Tudo favorecia a exaltação do seu prazer: os impulsos da raça, a molícia do ambiente físico, a contínua primavera, a ligeireza do vestuário, a cumplicidade do deserto e, sobretudo, a submissão fácil e admirativa da mulher indígena, mais sensual do que o homem como em todos os povos primitivos, e que em seus amores dava preferência ao europeu, talvez por considerações priápicas, insinua o severo Varnhagen (1928, p. 31, grifo nosso).

O trecho destacado constitui exemplo interessante tanto da ideia de que a mulher indígena era mais lasciva do que o homem quanto do uso que Prado faz dos relatos de viajantes, ao citar Varnhagen, algo recorrente ao longo do texto. A afirmação de Prado ressoa na de Freyre acerca do mesmo tema; para ele,

Foram sexualidades exaltadas as dos dois povos que primeiro se encontraram nesta parte da América; o português e a mulher indígena. Contra

(...) parecia ter chegado a hora de buscar modelos de identidade nacional, construídos a partir do sementeiro da especificidade: a até então surrada mestiçagem que de biológica vira cultural. No Brasil que nasceu dos vários projetos modernistas do início do século figuraria um mundo de ambivalências” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 350).

a ideia geral de que a lubricidade maior comunicou-a ao brasileiro o africano, parece-nos que foi precisamente este, dos três elementos que se juntaram para formar o Brasil, o mais fracamente sexual; e o mais libidinoso, o português (2006 [1933], p. 168).

Apesar de pontos de encontro nas interpretações de ambos os autores, considera-se que a obra de Prado tenha um tom mais negativo, como já mencionado, enquanto a de Freyre possui traços mais “dionisíacos” e “positivos”. Isto fica claro, por exemplo, no que diz respeito à abordagem das questões sexuais:

Paulo Prado procurar sintetizar esta análise conferindo um sentimento próprio ao povo surgido deste tipo de colonização. Este sentimento seria a melancolia. Seríamos uma ‘raça triste’, obcecada pelo sexo e pela riqueza, sem unidade ética. Uma intensa atividade sexual e econômica teria esgotado as reservas emocionais de nosso povo. O contraste entre as lendas sobre riquezas incontáveis e as dificuldades enfrentadas pelos desbravadores só trouxe desilusão. Ele associa à cobiça e à luxúria um quadro de características psicofisiológicas psicopáticas, tais como: abatimento físico e moral, fadiga, insensibilidade, abolia, tristeza (GIL, 2011, p. 213).

A obra de Prado, assim, é marcada por considerações de ordem moralista, o que se percebe pela linguagem utilizada e pelo horror que o autor expressa pelas práticas sexuais mencionadas, comungando das impressões contidas nos relatos de viajantes dos quais se utiliza. Já de Freyre, por outro lado, se pode afirmar que, embora

utilize Paulo Prado como referência bibliográfica ao falar da sexualidade exacerbada na colônia, possui uma interpretação menos moralizante e negativa. É um desequilíbrio dionisíaco que se manifesta em nossa formação. Aquilo que é pecado e luxúria em Paulo Prado, se transforma em democracia e gozo da vida em *Casa-Grande & Senzala* (GIL, 2011, p. 216).

Tal afirmação fica clara no que diz respeito a outro tema: o da homossexualidade na colônia brasileira. A questão, que ainda hoje é alvo de tabus e polêmicas, o era ainda mais no Brasil das décadas de 1920 e 1930. Ambos os autores trataram dela em suas obras, com abordagens distintas.

Prado se limita, em seu texto, a colacionar relatos de viajantes acerca do tema. Num deles, de Gabriel Soares de Souza, reputado por Prado como “um dos mais sagazes observadores do século [XVI]”, afirma-se dos índios tupinambás que “são tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam (...) são muito afeiçoados ao pecado nefando [a prática sexual entre homens], entre os quais se não tem por afronta” (1928, p. 22). Após o trecho, o autor não tece comentários, o que dá a entender que concorda com o julgamento do viajante, tido por ele como “sagaz”.

Freyre, a seu turno, trata da “homossexualidade” entre os nativos de maneira mais geral, do caráter relativamente comum da prática de sexo entre homens, e do horror causado por isso aos colonizadores. Interessante notar o desassombro do autor ao tratar do assunto, de maneira quase “positiva”. Curiosamente, discorrer sobre o tema, o sociólogo apresenta o mesmo trecho do relato de Gabriel Soares de Souza, transcrito acima. Ao relato se segue, contudo, comentário de Freyre acerca do assunto:

É impossível apurar até que ponto a homomixia ocorresse na América primitiva por perversão congênita; a verdade é que entre os ameríndios se praticava a pederastia sem ser por escassez ou privação de mulher. Quando muito pela influência social da segregação ou do internato dos mancebos nas casas secretas dos homens (2006 [1933], p. 188).

Deste modo, fica claro que a utilização dos relatos de viajantes por parte de Prado se dá de maneira a corroborar o autor com o que diziam as testemunhas dos eventos por ele narrados e analisados. No caso de Freyre, a seu turno, o autor buscou acrescer, ao trecho da fonte, considerações tanto de ordem social quanto de ordem psicológica, o que constitui diferencial da obra de Freyre em relação à de Prado no que diz respeito a tais questões.

2.3 FORTUNA CRÍTICA DE FREYRE E DE SUA OBRA

Para melhor entender o contexto histórico da recepção da obra de Freyre no Brasil, é preciso avançar da década de 1920 rumo à de 1930. Como visto anteriormente, Freyre havia partido para o exílio, em direção a Portugal e, depois, aos Estados Unidos, após a Revolução de 1930. No ano de 1932, contudo, “quando de novo o Brasil recomeçou a abrir-se, após mais um fechamento nos seus ciclos políticos, Gilberto fez as malas de volta ao Brasil e a Pernambuco” (CHACON, 1993, p. 217).

Uma vez de volta ao Recife, Freyre termina de escrever *Casa-Grande & Senzala*, e publica a primeira edição do livro em 1933, com o editor carioca Augusto Schmidt. O autor teve alguns problemas com este editor, relativos à qualidade da publicação e às prestações de contas das diferentes tiragens. Assim, logo na edição seguinte, Schmidt foi substituído por José Olympio, também do Rio de Janeiro, que se tornou amigo de Freyre e publicou diversos de seus livros ao longo dos anos.

O clima no Brasil de então, como apontado por diversos autores (CARDOSO, 2013; PESAVENTO, 2004, 2006; SKIDMORE, 2003), era propício para a recepção positiva que recebeu *Casa-Grande & Senzala*. O país passava por um momento de busca de uma identidade nacional, com a valorização da cultura e da história locais. Segundo Schwarcz e Starling (2015),

Na representação vitoriosa dos anos 1930, o brasileiro nasce, portanto, onde começa a mestiçagem. A mistura deixou de ser desvantagem para tornar-se elogio, e diversas práticas regionais associadas ao popular – na culinária, na dança, na música, na religião – seriam devidamente desafricanizadas, por assim dizer. Transformadas em motivo de orgulho nacional, foram aclamadas, e são até hoje consideradas, marca da originalidade cultural do país (p. 378).

Tal tendência, no período em questão, não se verificou apenas no Brasil. Em outros países da América Latina e mesmo nos Estados Unidos se dava, à época, um movimento de redescoberta e de valorização da cultura negra e de alguns de seus elementos culturais, como o jazz. No Brasil, o samba e a feijoada foram elidos como verdadeiros símbolos nacionais, representantes da brasilidade.

Alguns críticos de Freyre, como veremos adiante, censuraram-no, dentre outras coisas, pelo pouco apreço que o autor demonstrava pelas convenções acadêmicas na elaboração de suas obras. Nesse contexto de afirmação da identidade nacional e de valorização da mestiçagem, contudo,

Precisamos lembrar que a maioria dos leitores brasileiros *queria* acreditar na mensagem otimista de Freyre, independentemente de qualquer falta de rigor nos argumentos de sustentação. (...) *Casa-Grande* foi escrito – e recebido – mais como manifesto do que como um trabalho acadêmico bem argumentado (SKIDMORE, 2003, p. 56).

Apesar disso, a recepção da obra de Freyre no Brasil não foi apenas positiva. No Recife, sua cidade natal, onde morava quando de sua publicação, se deu uma campanha de condenação do autor e de seus livros pelos padres jesuítas, alvos de críticas tanto em *CG&S* quanto em *Sobrados e mucambos*. Acusado de anticatólico, Freyre chegou a argumentar que, na verdade, sua obra esclarecia e valorizava a atuação da Igreja no processo de constituição da sociedade brasileira (CHACON, 1993).

Não apenas a igreja, mas os usineiros de Pernambuco também se colocaram contra Freyre. Em pesquisa para a elaboração de *Nordeste* (1937), ao verificar as péssimas condições de trabalho dos lavradores nas plantações de cana, o autor

tentou elaborar um material que seria dirigido aos proprietários das usinas, com caminhos para a melhoria de tais condições. Os usineiros, insatisfeitos, proibiram a pesquisa de Freyre (o que não impediu a posterior publicação do livro). Ainda assim, o sociólogo terminou por ser chamado a prestar esclarecimentos à polícia, tendo sido considerado um agitador (FONSECA, 2003).

No que diz respeito à imprensa, a reação à publicação de *Casa-Grande & Senzala* foi bastante variada. Os jornais, importantes meios de debate político e cultural do período, testemunham os mais diversos tipos de resposta ao pensamento e à linguagem apresentados por Freyre na obra.

Ao se compulsar os escritos publicados em torno do lançamento da primeira grande obra de Freyre, percebe-se que muitos deles consistem em textos de caráter apenas panegírico. É o caso, por exemplo, de artigos de jornal assinados por Rodrigo M. F. de Andrade, José Lins do Rego e Pedro Dantas, todos datados de 1933, antes da publicação do livro. Tratam-se de amigos de Freyre que tiveram acesso aos manuscritos e, em tom fortemente laudatório, antecipam aos leitores aspectos da obra que ainda se encontrava no prelo.

Após a publicação da obra, multiplicam-se os artigos de jornal dedicados a analisá-lo e a comentar seus méritos e deméritos, bem como os do autor. Datados de 1934 a 1938, tais comentários vão desde a crítica mais dura até escritos de caráter eminentemente enaltecedor, passando por escritos que conjugam elogios com considerações de roupagem mais discordante.

O texto que mais se destaca em função da dureza das críticas apresentadas é o de Miguel Reale. O jurista critica aquilo que considera como generalizações feitas por Freyre, ao estender as realidades do Norte e do Nordeste a todo o conjunto do país. O autor critica também o “naturalismo” e o “materialismo” que julga exacerbados na obra de Freyre.

Um dos temas mais abordados pelos comentaristas do período é o da linguagem empregada na obra. Tal aspecto é mencionado pela quase totalidade dos autores, sendo alvo de críticas por muitos deles, por ser considerada pouco (ou nada) apropriada aos temas sobre os quais se debruça. Na opinião de Agripino Grieco,

De onde em onde, vem um termo cru no livro do Sr. Gilberto Freyre, dos que arranham ouvidos castos, e, a rigor, seria bem melhor que não viesse. Não somos puritanos, mas está em jogo um volume de ciência histórica, quase um tratado sobre homens e coisas do Brasil, e essas expressões excessivamente realistas são perfeitamente escusadas em páginas que tais (1985 [1934], p. 67).

Não é de se espantar que, numa sociedade moralista e conservadora como era a brasileira em meados dos anos 1930, a linguagem utilizada por Freyre fosse considerada inadequada. Plínio Barreto também chama atenção para tal “cruza”, e alerta para a “contraindicação” do livro a todas as audiências, apesar de seus méritos:

Páginas curiosíssimas e cheias de ensinamentos. Não as recomendo, entretando, a todos os leitores. O sr. Gilberto Freyre gosta de dizer as coisas nua e cruamente e escreve em português claro aquilo que os autores púdicos costumavam escrever em latim, que era, até há pouco, a única língua em que se podia impunemente ‘braver l'honneteté’... (1985 [1934], p. 106).

De maneira diretamente ligada à crítica da linguagem utilizada por Freyre estão os ataques à abordagem de temas relacionados ao sexo e à sexualidade na obra do autor. Muitos comentadores julgam que o sociólogo se excede na “sua predileção pelos assuntos eróticos” (João Ribeiro, 1985 [1934], p. 77). Além disso, as próprias teses levantadas por Freyre que buscam sua validade em interpretações de ordem sexual são questionadas por alguns autores. É o caso, por exemplo, de Afonso Arinos de Melo Franco, ao tratar da relação entre masoquismo/sadismo e autoritarismo na história do Brasil, à qual reage vivamente:

Calma! Com todos os diabos eu prefiro ficar com a explicação mais simplista de atraso e de desordem, de incultura e de pobreza, que atuam aqui como em vários outros países americanos ou asiáticos com os mesmos resultados, ou quase os mesmos, sendo que em muitos de tais países não existem os dados explorados pelo imaginoso pernambucano (1985 [1934], p. 86).

A linguagem de Freyre não é, contudo, alvo apenas de críticas, mas também de elogios. Para muitos autores, seu linguajar foi inovador e libertou a escrita científica de muitas amarras às quais se encontrava presa no passado, aproximando-se, assim, da linguagem que é realmente utilizada pelo povo brasileiro. É o caso, por exemplo, de Mário Marroquim, para o qual Freyre,

Como todo o moderno escritor do Brasil, libertou-se do classicismo da língua e do pudor do vocabulário, fazendo um livro bem brasileiro, ainda sob esse aspecto. Já houve crítico que o censurou por seus modismos e pela falta de ‘certa dignidade’ da sua linguagem. (...) Gilberto Freyre sacudiu todas essas teias de aranha, arejou tudo, deixando que a sua linguagem escrita seja aquilo que na realidade é a nossa linguagem falada (1985 [1934], p. 111).

Com isso, muitos comentadores afirmam que a escrita de Freyre se aproxima

mais de uma escrita literária do que, propriamente, científica. Para alguns deles, isto é um demérito, pois representaria a ausência de rigor científico nas análises apresentadas. Para outros, trata-se de artifício louvável, que fornece fluidez à leitura e cativa o leitor.

Para concluir a análise dos comentários acerca da linguagem de Freyre, cumpre apontar para o fato de que, segundo alguns dos críticos, a maneira como o autor escreve - e formula, assim, seus pensamentos e interpretações - possui a tendência de não chegar a conclusões; de levantar mais questionamentos do que respostas. É a posição, por exemplo, do autor João Ribeiro, para o qual Freyre “é desses escritores que não sabem acabar. O seu livro, conquanto grande (...) não conclui: as paredes esboçam uma cúpula que não existe. Convergem para a abóbada que fica incompleta e imaginária” (1985 [1934], pp. 76-77).

No final dos anos 1930 e início dos anos 1940, Freyre chegou, inclusive, a ser tachado de “comunista”²⁰ e “soviete”, por sua postura intransigente contra o racismo, a favor dos trabalhadores do açúcar, em prol da cultura popular. Após a eclosão da Segunda Guerra tal perseguição se intensificou, e a adesão do Brasil aos Aliados não modificou muito o quadro, dado que, internamente, o país vivia sob a ditadura do Estado Novo, iniciada com o golpe de Vargas em 1937. De acordo com relato de Edson Nery da Fonseca (2003), a polícia chegou a planejar a morte do escritor, em 1945, durante

comício pela candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República. Gilberto Freyre falava ao povo da sacada do *Diário de Pernambuco* quando foi interrompido pelo tiroteio na Praça da Independência. Voltando a discursar, veio o segundo tiroteio e a bala que mataria o estudante Demócrito [de Souza Filho] (p. 35).

Terminado o conflito mundial, em 1945, ao que se seguiu o fim do Estado Novo em 1946, deu-se um movimento de “desagravo” em relação a Freyre, durante o qual diversos de seus opositores se reaproximaram dele – tanto intelectuais quando políticos.

Também o estilo ensaístico da escrita de Freyre contribuiu para que o autor fosse considerado, por muitos críticos, mais como um literato do que um cientista social. O próprio Freyre dizia se considerar, principalmente, um escritor. É certo que

²⁰ É o exemplo do artigo de jornal de Armando Más Leite, que, após tecer duras críticas à obra de Freyre, conclui afirmando, de Casa-Grande & Senzala, que “O livro é uma premissa, uma premissa sorrateiramente posta, para o comunismo” (1985 [1936], p. 169).

suas obras apresentam uma leitura fluida, o que pode ser considerado uma qualidade; por outro lado, por vezes a falta de rigor na atribuição de certos conceitos pode terminar retirando a credibilidade dos argumentos do autor:

Gilberto Freyre, explicitamente, ao buscar a autenticidade, tanto dos depoimentos e dos documentos usados quanto dos seus próprios sentimentos, e ao ser tão antirretórica que às vezes perde o que os pretensiosos chamam de 'compostura acadêmica', não visava apenas *demonstrar*, mas *convencer*. E convencer significa vencer junto, autor e leitor. Este procedimento supõe uma certa 'revelação', quase uma epifania, não se trata de um processo lógico ou dialético (CARDOSO, 2013, p. 85).

A obra de Freyre não foi um caso isolado, o que se evidencia não apenas pela análise daquelas que a antecederam, mas também pelas que lhe foram contemporâneas. É o caso, por exemplo, de *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Júnior (1933) e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936), que, para o crítico Antonio Candido, formam uma espécie de "trilogia" junto a *Casa Grande & Senzala*, tendo tais obras inovado de maneira decisiva na interpretação que se passou a fazer do Brasil a partir de então (CANDIDO, 2013 [1967]).

Na comparação com os outros dois autores, as opiniões dos críticos são variadas. Vão desde uma análise mais equilibrada das contribuições dos três para a construção de um debate em torno da raça, da miscigenação e da identidade nacional, como se pode observar em Cardoso (2013), até algumas posições mais extremadas, seja em favor de Freyre e em detrimento de Buarque e Prado Jr., seja no sentido oposto. Vai no sentido da primeira, por exemplo, a análise de Juremir Machado da Silva, para o qual

Ao contrário de Caio Prado, marxista docemente quixotesco, e de Sérgio Buarque, quase poeta da sociologia, Freyre representaria a permanência e a tradição, cuja prova, fustiga Ortiz, é o fato de ter de '*produzir seus escritos fora desta instituição moderna que é a universidade...*'. De fato, Gilberto Freyre não foi acadêmico. Foi apenas genial. Nasceu clássico (2004, p. 208).

No sentido oposto, traz-se à colação um trecho da análise de Luiz Antonio de Castro Santos que, apesar de extenso, merece a consideração:

O que ocorreu com a obra posterior dos três 'inventores do Brasil'? Em uma palavra, pode-se afirmar que, enquanto Gilberto Freyre continuou, vida afora, a escrever prolificamente — sua produção é sem dúvida mais vasta do que a de Sérgio Buarque e Caio Prado —, o vigor da interpretação, a capacidade de lançar novas luzes e indicar novas pistas para a compreensão da sociedade e da nação brasileiras, o modo talentoso de combinar escolas ou tradições distintas do pensamento sociológico moderno, o ensaio como

vocação — tudo isso, em que era mestre, feneceu e empanou-se a partir dos anos quarenta para Gilberto. Considero *Interpretação do Brasil*, publicado em 1947 no Rio de Janeiro, o último de seus grandes livros. (...) Em contraste, a produção de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, até o final de suas vidas, manteve-se inalterada no tocante a parâmetros fundamentais: na solidez do argumento e do acabamento formal, na inteireza de cada obra e, finalmente, na integridade do conjunto da produção, que se constrói sobre a base firme dos escritos dos anos 30 (1990, p. 53).

As críticas em ambos os sentidos são muitas, e seria possível realizar todo um estudo acerca do tema. Para fins deste trabalho, buscou-se apenas ilustrar as diferentes perspectivas que foram assumidas, seja na defesa de Gilberto e sua obra, seja na tentativa de apontar suas deficiências e incongruências.

Com o fim do Estado Novo, em 1946, se deu a convocação para as eleições de uma nova Assembleia Constituinte. Tendo vivido algumas experiências de ensino universitário, como as da Faculdade de Direito do Recife e da Escola Normal, Freyre gozava de popularidade entre os jovens, e decidiu candidatar-se a deputado pela UDN²¹, tendo sido eleito e participado da elaboração da nova Constituição, promulgada naquele mesmo ano.

Da atuação de Freyre como deputado federal, o principal fruto foi a fundação, em 1949, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais²², no Recife. O objetivo da criação do órgão, conforme o projeto apresentado por Freyre ao Congresso Nacional, foi o de ser “um instituto dedicado ao estudo sociológico das condições de vida do trabalhador brasileiro da região agrária do Nordeste e do pequeno lavrador da mesma região, visando ao melhoramento dessas condições” (FREYRE, 1948, p. 3). O instituto foi liderado pelo seu idealizador durante anos e, a partir de sua criação, foi para lá que o autor dirigiu boa parte de suas atividades intelectuais.

Após a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, Freyre elaborou ainda duas outras obras, pensadas como parte de uma “Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil”: *Sobrados e mucambos* (1936) e *Ordem e progresso* (1959). Os livros abrangiam a análise da Colônia, Império e República, respectivamente — sendo que a série contaria, ainda, com uma quarta obra, *Jazigos e covas rasas*, nunca finalizada por Freyre. Alguns autores adicionam *Nordeste* (1937) a este grupo de livros que compõem a visão de Freyre sobre a região e o país.

A primeira grande revisão da tese de Freyre acerca da situação das relações raciais no Brasil se deu no ano de 1950, através de um projeto da UNESCO, cujo

²¹ União Democrática Nacional.

²² Atual Fundação Joaquim Nabuco.

objetivo era o de verificar a validade da teoria freyreana. O resultado não foi animador para Freyre:

Uma equipe de eminentes antropólogos brasileiros e estrangeiros, além de não descobrir o paraíso racial, verificara que o assunto raça era um território contestado, com notável evidência de discriminação. Numa posição proeminente dentre esses pesquisadores estava Florestan Fernandes, o antropólogo/sociólogo de São Paulo que viria a ser o primeiro grande revisor da visão de Freyre (SKIDMORE, 2003, pp. 61-62).

Marcadamente durante os anos 1960, Freyre e sua obra como um todo foram duramente rechaçadas por boa parte da intelectualidade brasileira, principalmente aquela mais ligada às esquerdas e que estava inserida no contexto acadêmico. A simpatia de Freyre pelo salazarismo em Portugal alguns anos antes e seu apoio ao regime militar estabelecido no Brasil após o Golpe de 1964 terminaram por colar no autor a pecha de reacionário. Com isso, durante muito tempo, a leitura de seus livros passou a ser feita sob forte crítica, ou simplesmente desencorajada, nas principais instituições de ensino do país (PESAVENTO, 2006).

Foi o caso, por exemplo, da relação entre Freyre e alguns intelectuais da Universidade de São Paulo. Apesar de manter certo diálogo com alguns deles, como Florestan Fernandes, de modo geral o que ocorreu foi que,

durante décadas, foi atacado ou, na melhor das hipóteses, ignorado pelos acadêmicos brasileiros, especialmente as gerações pós-guerra de historiadores e cientistas sociais da Universidade de São Paulo. Eles pouco sabiam daquele Nordeste que inspirou o macromodelo de Freyre referente às relações sociais no Brasil e, até a década de 1980, tendiam a adotar uma abordagem à história baseada na economia. Para muitos deles Freyre não passava de um empolado defensor de uma ordem social injusta e discriminatória (LEHMANN, 2008, p. 381).

Não convém, contudo, dicotomizar as posturas políticas de Freyre ao longo de sua vida. Apesar de haver, de fato, demonstrado posturas conservadoras e mesmo reacionárias, ele inovou em temas intelectuais e manteve um diálogo com representantes das mais diversas correntes, como bem observa Gilberto Velho em comentário acerca da trajetória intelectual do sociólogo:

Suas atividades políticas sempre foram intermitentes e, por muitos, consideradas contraditórias. Teve momentos de clara oposição à União Soviética e aos comunistas, mas dialogava e tinha relações com autores marxistas, como Astrogildo Pereira e Caio Prado Júnior. Em algumas situações históricas foi visto como crítico e considerado adversário de certas esquerdas e também mal visto por suas relações, em geral cordiais, com o salazarismo em Portugal. Frise-se que, em momentos decisivos, tomou

posições claramente antagônicas e de combate, como nos casos do nazifascismo e do stalinismo. Foi, muitas vezes, feroz crítico do Partido Comunista Brasileiro, embora mantivesse, como mencionei, relações intelectuais respeitadas com intelectuais e pensadores marxistas. É preciso tomar cuidado também para evitar simplificações e esquematismos para compreender vida e obra tão complexas (2008, pp. 14-15).

A “redenção” de Freyre se deu a partir dos anos 1990 (LEHMANN, 2008; PESAVENTO, 2006) — após a redemocratização do país, portanto, e também após a morte do autor, ocorrida em 1987. Suas obras passaram a ser vista sob novos prismas e, descontadas as críticas legítimas às incongruências de algumas de suas afirmações, suas principais teses e sua abordagem inovadora foram redescobertas por diversos autores e comentaristas, o que se percebe através das muitas publicações e eventos realizados em torno de sua obra — de que constitui um modesto testemunho a realização da presente pesquisa.

Uma eloquente demonstração da reavaliação da qual Freyre e sua obra foram alvo ao longo dos anos 1990 é a afirmação de que o autor pernambucano foi um dos precursores, nos anos 1930, de mudanças paradigmáticas que só viriam a ser implementadas pela terceira geração da escola francesa dos *Annales*, nos anos 1960. A afirmação nesse sentido foi feita por Peter Burke, um dos mais renomados historiadores da contemporaneidade, em obra acerca daquela escola de pensamento francesa. Ao tratar do alcance dos *Annales* nos Estados Unidos, Burke afirma que, naquele país, não houve um grande impacto, talvez, conjectura ele, por conta da existência da *New History* e de seus métodos inovadores. No Brasil, por sua vez, Burke percebe não uma influência dos *Annales*, mas sua antecipação, na obra de Freyre:

No Brasil, as aulas de Braudel, na Universidade de São Paulo, nos anos 30, são ainda lembradas. A famosa trilogia sobre a história social do Brasil do historiador e sociólogo Gilberto Freyre (que conheceu Braudel nessa época), trabalha com tópicos como família, sexualidade, infância e cultura material, antecipando a nova história dos anos 70 e 80. A representação de Freyre da casa-grande como um microcosmo e como metáfora da sociedade híbrida, agrária e escravocrata impressionou Braudel, que o citou em sua obra (BURKE, 1991, p. 96)

Em artigo elaborado alguns anos depois, o historiador inglês desenvolve melhor o tópico, e aponta com mais vagar as inovações apresentadas pela obra de Freyre, que antecederam em algumas décadas as práticas adotadas pelos analistas franceses. O autor aponta novamente a variedade das fontes e a escolha de temas como a vida íntima e a sexualidade como alguns dos elementos antecipados por

Freyre em relação aos *Annales*. Para Burke, é possível afirmar que isto se deveu, em parte, a uma “ancestralidade intelectual comum” a Freyre e aos analistas, visto que o pernambucano leu e inspirou-se em historiadores franceses como Jules Michelet, Fustel de Coulanges e os irmãos Goncourt, autores que, a seu modo, também estiveram presentes nas elaborações posteriores dos analistas franceses. Além disso, Burke atribui algumas inovações de Freyre a seu contato com a *New History* durante sua formação nos Estados Unidos, o que leva o historiador inglês a afirmar que “na história global da história social, Freyre merece ser lembrado como um vínculo importante na cadeia viva que une a ‘new history’ com a *nouvelle histoire*. O caminho de Nova Iorque a Paris passou por Recife” (BURKE, 1997, pp. 8-9).

Uma das críticas recorrentes que se fez — e ainda se faz — a Freyre diz respeito à ideia de que haveria uma “democracia racial” no Brasil, segundo as obras do autor. Apesar de alguns estudiosos afirmarem que Freyre nunca utilizou a expressão em seus escritos (CRUZ, 2002; LEHMANN, 2008), outros defendem que o sociólogo chegou a lançar mão da expressão em publicações voltadas para o público de língua inglesa, talvez numa tentativa de convencer os norte-americanos que o Brasil era uma sociedade na qual o racismo não era tão forte quanto nos Estados Unidos. Nesse sentido, nos parece acertada a análise de Souza:

A discussão sobre se Gilberto Freyre usou ou não o conceito de ‘democracia racial’ parece-me bizantina. Não é importante que ele tenha usado ou não o nome. O que importa é que ele tenha feito uso do conceito, ou seja, do conjunto de pressupostos e consequências que se descortinam a partir de certas escolhas teóricas. Nesse último sentido é evidente que ele pensava em termos de uma ‘democracia racial’ como uma forma peculiarmente brasileira de organização social. Essa seria, inclusive, nossa contribuição à civilização (SOUZA, 2003, p. 70).

A princípio, parece positiva a ideia de que Freyre conseguiu demonstrar que, no Brasil, a sociedade se configurou de tal maneira que as questões de raça passaram a assumir um papel secundário nas relações sociais. Se melhor analisada, contudo, tal afirmação é problemática e leva a uma compreensão distorcida das dinâmicas raciais e sociais estabelecidas na sociedade brasileira.

Ao sustentar a tese de que no Brasil os aspectos raciais não seriam tão determinantes quanto se poderia crer, é possível afirmar que Freyre ajudou a promover uma mudança, inicialmente, importante na modificação dos paradigmas intelectuais no que diz respeito à formação do povo brasileiro. Segundo Antônio Sérgio Guimarães,

Gilberto Freyre, ao introduzir o conceito antropológico de cultura nos círculos eruditos nacionais e ao apreciar de modo profundamente positivo a contribuição dos povos africanos à civilização brasileira, foi um marco do deslocamento e do desprestígio que sofreram, daí em diante, o antigo discurso racialista de Nina Rodrigues e, sobretudo, a continuada influência que a escola de medicina legal italiana ainda exercia nos meios médicos e jurídicos nacionais” (1999, p. 148).

Como afirmado, inicialmente tal tese foi fundamental para estimular o debate acerca da relevância das questões culturais em lugar de fatores raciais no que concerne às características de determinados povos e à formação das sociedades por eles desenvolvidas - mormente a brasileira. O problema, contudo, é que negar a ideia de raça é atitude que termina por combater o racismo, mas não o racismo - este permanece intacto. Desse modo, a questão racial termina por ser apenas deslocada, e não enfrentada em suas raízes.

Nesse sentido, ao se deixar de levar em consideração os aspectos raciais, o debate brasileiro terminou por, de certo modo, negar o racismo. Afinal de contas, entre nós não haveria a distinção de pessoas com base na cor, dado que seria possível, em nossa sociedade, a ascensão social de pessoas negras ou mestiças. Ainda de acordo com Guimarães (1999),

o que os brasileiros pensam, desde, pelo menos, Gilberto Freyre: raça é uma invenção estrangeira, ela mesma sinal de racismo, inexistente para o povo brasileiro. (...) no Brasil, o ideário anti-racialista de negação da existência de ‘raças’ fundiu-se rapidamente com uma política de negação do racismo como fenômeno social. Entre nós existiria apenas ‘preconceito’, ou seja, percepções individuais equivocadas, que tenderiam a ser corrigidas na continuidade das relações sociais (p. 149).

Desse modo, os equívocos perpetrados pelas análises “anti-racialistas” (não “anti-racistas”) terminou por gerar a ideia de que no Brasil haveria uma “democracia racial”. É necessário levar em consideração, contudo, que apesar de não se poder afirmar a existência de “raça” enquanto categoria biológica, o uso social que ainda se faz de tal ideia continua a perpetuar injustiças e divisões na sociedade brasileira, e tal fato precisa ser levado em consideração nas análises que se façam acerca do Brasil, de modo a fornecer um quadro completo das dinâmicas sociais, culturas e econômicas do país.

Outro aspecto da obra de Freyre, diretamente ligado à questão da “democracia racial”, é a defesa do autor de uma teoria à qual denominou de “lusotropicalismo”. Baseada na ideia de que os portugueses haviam criado uma civilização tropical

diferente de todas as outras experiências coloniais, o conceito permaneceu fluido na própria obra de Freyre e não chegou a se firmar no campo da sociologia brasileira.

Gilberto Freyre, como visto, lançou mão, em sua obra, de pontos de vista distintos daqueles presentes na produção acadêmica hegemônica. Os “personagens” das narrativas de Freyre não são (apenas) os grandes vultos da História, mas elementos do povo, ausentes das elaborações acerca da sociedade brasileira até então:

Gilberto Freyre busca recuperar o papel dos marginais da história: o escravo negro, a mulher, o menino, o amarelinho – anti-heróis face ao patriarca, o grande herói civilizador. Nas análises anteriores, que enfatizam os fatos ‘heroicos’ na história do Brasil, são considerados fora da lógica explicativa. Gilberto os coloca no centro de sua construção sobre a formação nacional. Ao torná-los como personagens, busca mostrar que não estão fora da história, mas, de fato, são responsáveis pela construção social e cultural da sociedade brasileira (BASTOS, 2006, p. 14).

Ainda sobre a atuação de Freyre nas “margens”, que confere às análises do autor um renovado senso de atualidade, vale considerar as ponderações de Pesavento (2004), para a qual,

justo por abordar as ditas margens – o Brasil, a mestiçagem, os negros – por outros vieses que não os da dominação e resistência, Freyre veio ao encontro de preocupações muito atuais, de recompor o passado através de outras marcas de historicidade, estes registros do passado que os historiadores chamam de fontes. O cotidiano e as relações afetivas permitem o acesso a este reduto íntimo das sensibilidades, esta outra forma de conhecimento do mundo que está no âmago da história cultural (p. 191).

Desse modo, fica claro que, na concepção de muitos autores, determinadas abordagens e pontos de vista de Freyre tanto se mantêm atuais quanto seguem válidos, mesmo passados tantos anos de sua elaboração. É o que afirma, por exemplo, Cardoso (2013), para quem, apesar de alguns senões,

É inegável (...) que Gilberto Freyre significou uma ruptura com o pensamento predominante em sua época, tanto por ter se afastado das interpretações do Brasil que endeusavam o papel do Estado e se enamoravam do autoritarismo, quanto por ter, a seu modo, repudiado o racismo e valorizado a miscigenação. Nesse sentido a obra mantém validade nos dias de hoje (p. 132).

A obra de Freyre, portanto, merece ser lida ainda nos dias de hoje, observado o contexto no qual foi escrita e os elementos formadores do pensamento do autor. Mesmo que se acredite que as análises do sociólogo não correspondem à realidade

brasileira, seu impacto na leitura da sociedade nacional ainda se faz sentir até a atualidade, e isto não pode ser deixado de levar em consideração por qualquer estudioso que pretenda compreender melhor o Brasil. Como afirma Skidmore (2003),

Casa-Grande & Senzala agiu como catalisador, trazendo à superfície uma série de questões que vinham, desde o final do Império, incomodando os brasileiros 'pensantes'. Algumas dessas questões, como a possível determinação de raça e clima, perderam toda a sua respeitabilidade à luz da ciência moderna. Mas a resposta de Freyre a elas, não obstante sua prosa convoluta e evidências desorganizadas, ainda merecem uma leitura cuidadosa. (...) Gilberto Freyre permanece vivo no pensamento brasileiro, não pelas respostas que ofereceu ou deixou de oferecer, mas pela enorme confiança, genialidade, originalidade e otimismo com que retratou o seu Brasil (p. 64).

No que diz respeito ao legado de Freyre, as opiniões dos estudiosos também são conflitantes. Para Santos (1990), o autor pernambucano teve muitos seguidores, porém poucos discípulos; por isso, não teria sido capaz de criar uma escola de pensamento ao seu redor. Por outro lado, na visão de Chacon (1993), Freyre teria sido o responsável pelo surgimento da “Segunda Escola do Recife”, herdeira da primeira, que florescera na Faculdade de Direito do Recife na virada do século XIX para o XX. Não encontramos tal afirmação em outros autores que tratam de Freyre em sua obra, o que parece indicar que não houve, de fato, uma nova Escola do Recife.

3 CAPÍTULO SEGUNDO

3.1 QUADRO TEÓRICO

3.1.1 História intelectual/cultural

A pesquisa busca seus fundamentos teórico-metodológicos junto à chamada “história intelectual” ou “história cultural”, no sentido atribuído à expressão por Chartier (2002). Desse modo, será empreendida uma articulação entre discursos e contextos sociais, com base nas concepções de práticas e representações propostas pelo historiador francês. Além disso, será feito uso da ideia de leitura enquanto prática autônoma, presente no pensamento tanto de Chartier quanto de Certeau (1998).

Para Chartier (2002), é necessário

pensar uma produção intelectual ou artística na especificidade da história do seu gênero ou da sua disciplina, na sua relação com as outras produções culturais que são suas contemporâneas, e, ao mesmo tempo, nas suas relações com vários referentes situados noutras áreas da totalidade social (socioeconômica ou política). Ler um texto ou decifrar um sistema de pensamento consiste, pois, em considerar conjuntamente essas diferentes questões que constituem, na sua articulação, o que pode ser considerado como o próprio objeto da história intelectual (pp. 64-65).

Parte-se do suposto, assim, de que não faz sentido analisar ideias e produções intelectuais de maneira dissociada dos pensadores que as produziram, nem tampouco lançar um olhar sobre tais intelectuais de modo isolado dos contextos históricos, culturais, sociais e econômicos nos quais estes se encontram inseridos. Trata-se, portanto, de uma análise conjunta de todos esses aspectos, de modo a permitir uma compreensão ampla dos temas aqui tratados.

O próprio Gilberto Freyre, objeto da presente pesquisa, é considerado um dos vanguardistas da história cultural. Os temas por ele estudados, as fontes das quais lança mão e a metodologia por ele empregada em sua produção intelectual constituem antecipações de algumas características da história cultural francesa. No momento de penetração da Nova História Cultural na historiografia brasileira, que se deu entre as décadas de 1970 e 1980, contudo, observava-se o

relativo ostracismo a que estavam relegadas as obras de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, talvez os únicos que, em certo sentido, atuaram

como 'precursores' de uma história cultural no Brasil. É comum dizer-se, entre os que pesquisam a história cultural no Brasil, que Freyre e Sérgio Buarque 'faziam história das mentalidades sem o saber', fórmula bem-humorada de reconhecer o pioneirismo de ambos no tratamento de certos temas de nossa história que só a custo, e graças à penetração da Nova História na universidade brasileira, passaram a ser valorizados pelos pesquisadores (VAINFAS, 1997, pp. 159-160).

Uma análise em sede de história cultural, ou intelectual, supõe um caráter interdisciplinar, de modo a buscar abarcar a complexidade dos fenômenos estudados. De acordo com Falcon (1997), trata-se de "tendência da história intelectual de romper os limites disciplinares estabelecidos, já que visa a inserir o estudo das ideias e atitudes no conjunto das práticas sociais" (pp. 93-94). É o caso, portanto, da presente pesquisa, que lança mão de conceitos e teorias dos campos da filosofia, sociologia e literatura, por exemplo, cujas formulações auxiliam na construção da narrativa histórica acerca de temas como gênero, sexualidade e escrita de si.

A esse respeito, é oportuno salientar que o tema do sexo e da sexualidade é um dos assuntos "preferenciais" da história cultural. Segundo Vainfas,

Quanto às temáticas preferenciais (...) é possível identificar (...) áreas temáticas permanentemente frequentadas pelos historiadores [das mentalidades]: (...) as sexualidades e suas representações, a exemplo dos estudos de Jean-Louis Flandrin (*Le sexe et l'Occident*, 1981), talvez o principal historiador desse assunto na historiografia francesa (1997, p. 142).

O autor afirma ainda que, apesar do que se possa imaginar, "a chamada *Nova História Cultural* não recusa de modo algum as expressões culturais das elites ou classes 'letradas'" (1997, p. 148). Segundo ele, apesar de a nova história cultural prezar pelo popular, pelas massas anônimas, não há vedações ao erudito e ao establishment. Deste modo, a análise das ideias de um autor como Freyre, que pertencia à elite pernambucana e passou a fazer parte do "cânone" intelectual brasileiro, não foge aos objetivos e temas propostos pela história cultural.

Cumprir notar que um dos objetivos da pesquisa é o de buscar compreender o caráter histórico dos conceitos acima referidos, através das vivências e formulações que Freyre apresentou em sua escrita de si. Deve ficar claro, porém, que os questionamentos feitos ao passado partem de inquietações contidas no presente, e que se deve buscar evitar anacronismos. Como ensina Prost,

Ao pensar o passado com conceitos contemporâneos, corre-se o risco de anacronismo; o perigo é particularmente grave no domínio das histórias das ideias ou das mentalidades. (...) No entanto, a tentação é inevitável: de fato, o historiador formula, inicialmente, suas questões com os conceitos de sua

própria época já que ele os define a partir da sociedade em que vive. O trabalho de distanciamento – como vimos, contrapeso necessário para o enraizamento contemporâneo e pessoal das questões do historiador – começa precisamente por uma verificação da validade histórica dos conceitos, graças aos quais as questões são pensadas (2015, p. 117).

Em função disso, procede-se a seguir na apresentação e fundamentação dos principais conceitos a serem utilizados nas análises das fontes. A adequação de tais conceitos, assim, procura prover de legitimidade os juízos proferidos acerca dos documentos tratados.

3.1.2 Sexualidade, gênero, masculinidade e escrita de si

Os conceitos essenciais para a investigação merecem uma análise detida, para que se esclareçam os sentidos que lhes serão atribuídos e os pensadores em cujas obras tais concepções foram colhidas. São elas as de sexualidade, gênero, masculinidade e escrita de si.

3.1.2.1 Sexualidade

No que diz respeito à ideia de sexualidade adotada, recorreu-se à *História da Sexualidade*, de Foucault (2015 [1976]). Nessa obra, que restou inacabada, o autor buscou inicialmente abordar a sexualidade através de suas práticas, a partir dos séculos XVIII e XIX; terminou, porém, por retroceder à análise do surgimento de uma hermenêutica de si durante a antiguidade clássica. Segundo ele, o mundo ocidental substituiu, em larga medida, a *ars erotica* pela *scientia sexualis*. O autor, dessa forma, desenvolve seu pensamento com base em tal distinção.

Foucault especula que até o século XVII “ainda vigorava uma certa franqueza” no que diz respeito à sexualidade. Com o advento do século XIX, a prática sexual teria sido “confiscada” pelo modelo de casal burguês, destinada a servir apenas a finalidades reprodutivas (idem, pp. 7-8). Para o autor, a formulação da “hipótese repressiva”, que elegeu o século XVII como o início do que ele chama de “Idade da Repressão”, facilita a análise acerca do sexo e seus efeitos, ao fazer coincidir o desenvolvimento do capitalismo à canalização das energias sexuais humanas apenas para fins reprodutivos; a energia não deveria ser “desperdiçada” com os prazeres sensuais; antes, deveria ser direcionada tanto quanto possível para a força de trabalho.

Segundo ele, outra hipótese para o surgimento da “hipótese repressiva” é o fato de que, ao afirmar que o discurso sobre o sexo é reprimido, torna-se um ato transgressor falar do sexo: “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada” (2015 [1976], pp. 11-12).

Foucault não concorda com tal “hipótese repressiva”; para ele, o sexo não teria sido reprimido durante os períodos em questão, mas antes, pelo contrário, teria havido uma incitação à produção de discursos sobre o sexo. Apesar disso,

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna (idem, p. 17).

Foucault esclarece que o sexo passou a ser mais controlado e restrito; a produção discursiva acerca do sexo, contudo, foi estimulada. Tal paradoxo pode ser ilustrado através do sacramento católico da confissão: apesar de o Concílio de Trento haver recomendado a discrição, a Contrarreforma levou a um endurecimento do exame de si mesmo. Outras áreas do saber/poder, “a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo”: a medicina, a psiquiatria, a justiça penal – “em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele” (idem, p. 34).

Ainda de acordo com o autor francês, “existem, historicamente, dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo” (idem, p. 64): a *ars erotica*, que se distingue pela transmissão de conhecimento do mestre para o discípulo e se manifestou em sociedades como as da China, Japão, Índia, Roma, nações arábico-muçulandas e a *scientia sexualis*, que se distingue pela confissão e que só se manifestou no Ocidente, pelo menos desde a Idade Média.

A partir de então, sob a ótica de Foucault, instituiu-se no Ocidente uma necessidade constante de confissão acerca das questões relacionadas ao sexo. Inicialmente instituída pela Igreja, a confissão terminou por ser absorvida pela psicanálise, que a dotou de legitimidade científica. De todo modo, a confissão funciona como instrumento de poder sobre os corpos e as práticas dos indivíduos. Foucault afirma que a partir do século XIX foi instaurado um dispositivo que “vincula a velha

injunção da confissão aos métodos da escuta clínica. E, através desse dispositivo, pôde aparecer algo como a ‘sexualidade’ enquanto verdade do sexo e de seus prazeres” (2015 [1976], pp. 76-77).

Um pouco mais à frente, Foucault afirma que

A “sexualidade” é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, que é a *scientia sexualis*. (...) A história da sexualidade – isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica – deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos (idem, p. 77).

É neste sentido, portanto, que o presente trabalho pretende desenvolver uma análise acerca dos discursos compostos por Freyre acerca da sexualidade (sua e alheia) através de seus escritos autorreferentes, de modo a compreender as ideias de sexualidade do autor e do meio no qual se encontrava inserido.

No que respeita às relações entre o poder e o sexo, Foucault nega a ideia de que o poder estabelece uma “relação negativa” com o sexo, de que “o poder não ‘pode’ nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas” (idem, p. 91). Contrapondo-se a essa ideia, ele questiona: “por que reduzir os dispositivos da dominação ao exclusivo procedimento da lei e da interdição?”. A resposta vem logo em seguida: “é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. (...) O poder, como puro limite traçado à liberdade, pelo menos em nossa sociedade, é a forma geral de sua aceitabilidade” (idem, p. 94).

Acerca da sexualidade, Foucault afirma que

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. *A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico*: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (2015 [1976], p. 115, grifo nosso).

A sexualidade, portanto, é concebida pelo autor não como um fenômeno meramente biológico, mas como uma construção histórica que, dentre outros aspectos, é fabricada através dos discursos elaborados acerca dela.

Relativamente às ligações que Foucault estabelece entre poder e sexualidade, é possível concatenar um diálogo entre o pensamento do autor francês e as ideias do

alemão George Mosse (1985), que estabelece uma relação entre o nacionalismo, considerado por ele como a ideologia mais poderosa da modernidade, e as ideias de respeitabilidade e moralidade burguesas, diretamente vinculadas à questão da sexualidade.

Tanto para Mosse quanto para Foucault a burguesia teria lançado mão de determinadas práticas sexuais (ou da vedação a elas) de modo a se distinguir tanto da aristocracia quanto da população pobre. Foucault retoma novamente o argumento de que não houve uma “repressão” do sexo, por parte da burguesia, com vistas a dirigir as energias sexuais do proletariado apenas para a reprodução, já que as elites desenvolveram esse discurso sobre o sexo e o “testaram”, inicialmente, em si mesmas. O autor atribui tal fenômeno a uma busca pela autoafirmação da burguesia, que buscava fortalecer seu corpo, sua raça, sua descendência, de modo a garantir sua dominação:

É, sem dúvida, preciso admitir que uma das formas primordiais da consciência de classe é a afirmação do corpo; pelo menos, foi esse o caso da burguesia no decorrer do século XVIII; ela converteu o sangue azul dos nobres em um organismo sã e uma sexualidade sadia (2015 [1976], p. 137).

Acerca do mesmo tema, Mosse afirma, a seu turno, que a classe média pode ser definida, em parte, por sua atividade econômica e por sua hostilidade em relação à aristocracia e às classes mais baixas; o ideal de respeitabilidade, contudo (e, com ele, o de moralidade e sexualidade) seria o que de fato diferenciaria a burguesia das demais classes sociais. O autor salienta a importância que teve o protestantismo, tanto na Alemanha quanto na Inglaterra, para o desenvolvimento do ideal de respeitabilidade, além do fato de que a Revolução Francesa foi enxergada pelos protestantes alemães e ingleses da época como a punição divina para a promiscuidade da corte francesa (MOSSE, 1985).

Ambos os autores argumentam, também, que no século XIX foram estabelecidos ideais de vício e virtude que eram vinculados a determinadas práticas sociais e sexuais. Como forma de se diferenciar da classe proletária, a burguesia teria, de acordo com Foucault, passado a reprimir sua própria sexualidade e vinculá-la à lei: “A teoria da repressão, que pouco a pouco vai recobrir todo o dispositivo de sexualidade, dando-lhe o sentido de uma interdição generalizada, tem aí seu ponto de origem” (2015 [1976], pp. 140-141). É neste momento que, de acordo com ele, se desenvolve a psicanálise, como forma de auxiliar a elite a lidar com a repressão do próprio sexo.

3.1.2.2 Gênero

O conceito de gênero aqui empregado foi tomado de empréstimo de algumas autoras pioneiras na área de estudos sobre o tema: Judith Butler (2017), Raewyn Connell (2015) e Joan Scott (1995).

Butler, considerada por muitos como precursora da Teoria *Queer*, parte de uma perspectiva interseccional - para a autora, não é possível dissociar análises de gênero de componentes tais como raças, classes sociais, grupos étnicos e localizações geográficas. Além disso, a pensadora constrói uma crítica ao binarismo; segundo ela, as “normas de inteligibilidade cultural” determinam que as identidades de gênero se resumam ao “masculino” e “feminino”, atributos do “macho” e da “fêmea”; tudo o que destoa disso é considerado como falha e subversão (2017, p. 44). Ela afirma que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (idem, p. 56, grifo da autora): o gênero, assim, não seria substantivo nem adjetivo, mas verbo – uma construção permanente do sujeito.

De acordo com Butler, o gênero é uma construção discursiva e, portanto, cultural - mas que, da maneira como está posta pelo sistema patriarcal vigente no mundo ocidental, procura “naturalizar” algo que, na verdade, se trata de uma construção social. Deste modo, a filósofa sustenta que “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (idem, p. 69).

O pensamento de Butler dialoga, ainda, com o de Foucault, no que diz respeito às relações entre o poder e os mecanismos de criação discursiva dos corpos, do sexo, da sexualidade, do gênero. A autora avalia que, para Foucault, “o corpo só ganha significado no discurso no contexto das relações de poder” (2017, p. 162). Ela concorda, ainda, com a ideia foucaultiana de que os mecanismos de repressão do sexo são contraditórios, dado que possuem funções tanto criativas quanto proibidoras.

A pensadora aponta, contudo, uma contradição nas formulações do intelectual francês acerca do tema. Butler afirma que Foucault se contraria, ao afirmar, em alguns de seus escritos, a existência de uma sexualidade anterior à lei e, em outras, a indissociabilidade entre sexo e poder. De todo modo, Butler conclui, a tal respeito, que

Seja “antes” da lei, como sexualidade múltipla, ou “fora” da lei, como transgressão antinatural, esses posicionamentos estão invariavelmente “dentro” de um discurso que produz a sexualidade e depois oculta essa produção mediante a configuração de uma sexualidade corajosa e rebelde, “fora” do próprio texto (2017, p. 173).

Connel, a seu turno, apresenta uma visão mais ampla do que seja “gênero”. Segundo a autora, o gênero deve ser entendido como uma estrutura que constitui uma das principais dimensões da vida social. Tal estrutura pode ser encarada, de acordo com ela, enquanto “um papel, uma identidade, uma formação discursiva, uma classificação de corpos”; independente disso, complementa, “o que torna qualquer uma dessas definições importante no mundo é o que realizamos coletivamente com essas identidades e classificações. O que conta são nossas práticas sociais” (2015, pp. 17-18).

A autora, que é australiana, assevera que existe uma relação colonial nos estudos de gênero, sendo que os trabalhos de pensadores da periferia global são, geralmente, utilizados apenas como dados, enquanto a teoria é buscada junto a pensadores das metrópoles. Ela cita diversos pensadores da periferia que terminam caindo nessa “armadilha”, incluindo a si mesma. A este respeito, afirma Connel que

Nunca devemos esquecer que a grande maioria da população mundial vive em sociedades com histórias coloniais, neocoloniais e pós-coloniais que foram profundamente moldadas por essas histórias. A metrópole global é a exceção, não a regra. (...) A violência de gênero desempenhou um papel formativo na configuração das sociedades coloniais e pós-coloniais. A própria colonização foi um ato marcado pelo gênero, realizado por forças de trabalho imperiais, predominantemente compostas por homens, oriundos de ocupações masculinizadas, como o exército e o comércio transatlântico. O estupro de mulheres das sociedades colonizadas era parte cotidiana da conquista. A brutalidade foi incorporada às sociedades coloniais, fossem estas colônias de população ou colônias de exploração (2015, pp. 29-30).

Tal reflexão de Connel é importante não apenas para uma teoria e conceituação do gênero de modo geral, mas é de especial interesse para o presente trabalho, dado que o ponto de vista de Freyre sobre as questões aqui abordadas é singular: ao mesmo tempo em que fazia parte da elite de uma ex-colônia, o sociólogo obteve sua formação no Norte global. Suas principais obras, contudo, tratam do período colonial e pós-colonial brasileiro, o que torna as provocações de Connel ainda mais relevantes para este trabalho.

Scott, por fim, chama a atenção para o fato de que a categoria “gênero” surgiu da gramática, e que apenas em período relativamente recente começou a ser utilizado, inicialmente por pensadoras feministas estadunidenses, “como uma maneira

de se referir à organização social da relação entre os sexos” (1995, p. 72). O objetivo de tais intelectuais era o de introduzir o aspecto relacional (entre masculino e feminino) no debate sobre as diferenças entre os sexos.

Tal movimento fez parte de um esforço de inclusão das mulheres nas análises históricas (centradas, até então, nos grandes feitos dos homens brancos da elite, tidos como sujeitos universais, em comparação com os quais os demais sujeitos seriam comparados). Para tanto, chegou-se à conclusão de que, além dos conceitos de classe e de raça, seria necessário desenvolver a ideia de gênero enquanto categoria de análise histórica (SCOTT, 1995).

Segundo a autora, formaram-se três grandes grupos no que diz respeito à abordagem teórica do gênero: a de uma tentativa feminista de lançar luz sobre o surgimento do patriarcado; a que se ampara na tradição marxista; a que trata da “produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito”. Na presente pesquisa, a abordagem seguida se aproximará mais desta última postura teórica.

Importante salientar que as produções intelectuais de Freyre, tanto em sua obra autorreferente quanto em suas análises acerca da sociedade brasileira, não lançavam mão da ideia de gênero da maneira como esta hoje se concebe. A esse respeito, a autora chama a atenção para o fato de que

a preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX. Ela está ausente das principais abordagens de teoria social formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. (...) o gênero, como uma forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais não tinha aparecido (1995, p. 85).

Por fim, cumpre salientar a definição proposta pela autora para a categoria de gênero: “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (...) uma forma primária de dar significado às relações de poder” (idem, p. 86). Neste sentido, é possível afirmar que o pensamento de Scott dialoga com o de Foucault, que também estabelece tal conexão entre o gênero e o poder. Além disso, Scott concorda com Butler no que diz respeito à necessidade de se contrapor à “representação binária do gênero” (idem, p. 87). A autora defende, também, uma perspectiva interseccional, que leve em consideração aspectos relativos a classe, raça e etnia.

3.1.2.3 Masculinidade

Para abordar a questão da masculinidade, recorre-se ao pensamento de Adrião (2005), Badinter (1993), Mosse (1985; 1996) e Oliveira (2004). No que diz respeito especificamente à masculinidade no nordeste brasileiro, faz-se uso da obra de Muniz (2013).

A primeira autora realiza um breve apanhado do histórico dos estudos de gênero, primeiramente centrados no feminino e, com o tempo, relacionais ao masculino, tanto nos Estados Unidos e Europa quanto, posteriormente, no Brasil. Ela fornece alguns exemplos de pesquisas pioneiras no campo de estudos das masculinidades. Segundo Adrião, os estudos de masculinidades buscam legitimidade na “tese de que havia necessidade de compreender melhor as masculinidades, as especificidades sobre o *ethos* masculino, assim como havia sido feito com os estudos sobre as mulheres nas décadas anteriores” (2005, p. 9).

A autora chama a atenção em seu trabalho para a necessidade de que os estudos de masculinidades levem em consideração o homem enquanto “marcado” por seu gênero, de modo a que se possibilite a compreensão das particularidades do masculino. Apesar disso, ressalva que “há que ter cuidado com os caminhos trilhados, de forma tal que não se reforce uma dicotomia às avessas: saindo dos estudos sobre mulheres para os estudos sobre homens” (idem, p. 13).

Badinter, valendo-se de um viés filosófico, psicanalítico e histórico, aponta para o fato de não haver uma masculinidade única; defende, portanto, que se fale em *masculinidades*, no plural.

De acordo com a autora, tende-se a enxergar a masculinidade, de modo geral, de uma fora eterna, estática. Contudo, o fato de que, na linguagem, a masculinidade seja mais referida no imperativo do que no indicativo (“seja homem”) denota que se trata de uma construção permanente: um “objetivo”, um “dever”, um “trabalho”, um “esforço” (BADINTER, 1993).

A autora traça um percurso histórico da figura do homem enquanto Homem, enquanto paradigma universal de ser humano, chegando ao século XX, no qual se dá o questionamento de tal paradigma de modo mais contundente:

Hoje, para a maioria de nós, o homem não é mais o Homem. O macho é um aspecto da humanidade e a masculinidade um conceito relacional, pois só é definida com relação à feminilidade. (...) Longe de ser pensada como um absoluto, a masculinidade, atributo do homem, é relativa e reativa. Tanto que, quando a feminilidade muda – em geral, quando as mulheres querem redefinir sua identidade –, a masculinidade se desestabiliza (1993, pp. 10-11).

Badinter trata das crises sucessivas pelas quais a masculinidade já passou no ocidente: nos séculos XVII, XVIII (com a Revolução Francesa) e XIX, sendo que no XX, com as duas grandes guerras, teriam havido “canos de escape” para a questão. Neste sentido, o pensamento de Badinter dialoga com o de Mosse (1985), que procura, em suas análises, estabelecer ligações entre grandes acontecimentos políticos e sociais e modificações nos costumes sexuais das sociedades ocidentais.

A autora francesa chama a atenção, em sua obra, para o caráter múltiplo da masculinidade - nesse caso, das masculinidades, que variam de acordo com o tempo e o espaço. Além disso, Badinter parte de uma perspectiva interseccional, ao afirmar que “a masculinidade difere segundo a época, mas também segundo a classe social, a raça e a idade do homem” (1993, p. 28). Para ela, a construção da masculinidade se dá de forma mais dolorosa, mais difícil do que a feminidade, para as mulheres; a masculinidade se constrói através da negação (da feminidade), e é mais importante para os homens do que a feminidade para as mulheres.

Numa perspectiva interdisciplinar, Badinter realiza uma análise ampla acerca do surgimento da identidade masculina no homem e de sua manutenção através de dinâmicas psicológicas, sociais e culturais. Segundo a autora,

se poderia dizer que, desde a concepção, o embrião masculino “luta” para não ser feminino. Nascido de uma mulher, acalentado num ventre feminino, o menino, ao contrário da menina, está condenado à diferenciação durante grande parte de sua vida. Ele só pode existir opondo-se à sua mãe, à sua feminidade, à sua condição de bebê passivo. Por três vezes, para afirmar uma identidade masculina, deve convencer-se e convencer os outros de que não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual (idem, p. 34).

A partir de tais reflexões, a autora desenvolve a maneira como cada etapa por ela descrita ocorre na psiquê e na socialização dos meninos e dos homens. Sua análise abrange, igualmente, os processos sociais e políticos que levaram às diferentes manifestações de masculinidades ao longo da história ocidental. Neste sentido, seu pensamento dialoga com o do intelectual brasileiro Pedro Paulo de Oliveira, que busca relacionar a construção da ideia (e das práticas) de masculinidade aos acontecimentos políticos da modernidade, tais como as duas grandes guerras e a implantação de uma ordem burguesa no ocidente após a Revolução Francesa. Oliveira segue um percurso semelhante ao de Mosse, priorizando, contudo, uma fundamentação sociológica para suas interpretações. O autor define a masculinidade como

um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação. (...) na qualidade de estrato constitutivo e articulado do *socius*, apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados (2004, p.13).

Segundo ele, a “modelação do moderno ideal masculino” passa pela formação dos estados nacionais (com a criação dos exércitos) e pelo nascimento da burguesia e seus ideais, ambos ocorridos na transição entre Idade Média e Idade Moderna. Mais adiante, o autor esclarece que não se trata de uma relação de causa e efeito, mas que o surgimento do ideal moderno de masculinidade foi possível devido a um certo contexto histórico e, ao mesmo tempo, exerceu influência sobre os acontecimentos históricos – trata-se de “um mito efetivo da sociedade moderna” (idem, p. 20).

Oliveira apresenta algumas características que marcaram a transição do ideal medieval para o ideal moderno de masculinidade: a passagem do público para o privado, como local de expressão da masculinidade; o desenvolvimento do amor romântico, que deveria servir como lastro da família monogâmica burguesa; além disso, “a passagem da nobreza de espada para a nobreza de corte e depois a suplantação de ambas pela burguesia” (idem, p. 22).

O autor argumenta que a formação dos Estados nacionais levou à necessidade de organização de forças armadas de caráter permanente. Com isso, os ideais de coragem e honra, antes restritos à nobreza e burguesia, espalharam-se pelas outras camadas sociais, dado que se esperava que todos lutassem nas guerras. Nesse sentido, a contradição entre o ideal do homem guerreiro, rude, disposto a se sacrificar pela pátria, e o homem disciplinado, sereno, típico burguês, é apenas aparente: as sociedades modernas buscaram equilibrar ambos os aspectos na formação dos meninos, de acordo com contextos de guerra ou de paz.

Oliveira afirma que a formação do Estado-nação, na Era Moderna, coincidiu com o desenvolvimento do capitalismo. Este se utilizou do poder do Estado para se fortalecer; após isso, passou a tentar minar o poder estatal para estabelecer seu domínio sem entraves. Uma das “estratégias” utilizadas pelo capital para buscar sua autonomia face ao Estado é o enfraquecimento do poder político, que passa a ser apenas regional, enquanto o poder econômico se exerce de modo global. Na visão de Oliveira, o declínio do poder do Estado-nação é acompanhado por uma sensação de declínio do ideal moderno de masculinidade. Contudo, o surgimento de grupos messiânicos e fundamentalistas, tais como grupos terroristas e neonazistas, além de

organizações criminosas, parece buscar, dentre outros objetivos, a retomada de um vigor e virilidade perdidos.

Para ele, por outro lado, as modificações ocorridas no modelo burguês da família nuclear influenciaram, mais do que a crise do Estado-nação, na reconfiguração do papel do homem e no desgaste de seu poder, representado pela figura patriarcal. Deste modo, alguns fatos expressam essa crise do modelo de família nuclear patriarcal, tais como o aumento do número de divórcios, de casais não ligados através de vínculos legais, de famílias em que apenas um dos pais é responsável pelos filhos – mais comumente, a mãe –, de pessoas que moram sozinhas, de filhos nascidos fora do casamento, da inserção da mulher no mercado de trabalho – com a consequente independência financeira da mulher em relação ao homem, do desenvolvimento de técnicas de reprodução que enfraquecem a figura do homem como “reprodutor” (2004, pp. 104-105).

Por fim, o pensamento de Muniz (2013) no que diz respeito às construções das masculinidades no nordeste brasileiro nas décadas de 1920 e 1940 servirá de base para as interpretações acerca das concepções de Freyre acerca de tais temas. O trabalho do autor lança luz tanto sobre o contexto no qual Freyre concebeu suas ideias a tal respeito quanto sobre o papel desempenhado pelo sociólogo pernambucano no estabelecimento de determinadas formulações e identidades do homem nordestino, em particular, e brasileiro, de maneira geral.

A própria ideia de “nordestino”, para Muniz, consiste numa criação histórica; trata-se de “figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região até as mulheres são macho, sim senhor!” (2013, p. 18). Deste modo, afigura-se fundamental, para a compreensão da identidade “nordestina”, a criação das performances de masculinidades que lhe foram inerentes ao longo do período em comento.

Para as análises de Muniz, os trabalhos de Freyre constituem importante referência. De especial interesse para o autor é a formulação da ideia de um “patriarcalismo” tipicamente nordestino elaborada por Freyre. Segundo Muniz, tal ideia serviu como um contraponto ao que muitos pensadores consideravam, à época, como um processo de “feminização” da sociedade.

No que diz respeito à busca por modelos de virilidade que viessem a preencher demandas geradas por crises na masculinidade, o trabalho de Muniz dialoga com o de Badinter; como afirma o autor,

Contemporâneo da emergência, nos Estados Unidos, da figura do cowboy, o nordestino é uma reação à crise da masculinidade que Elizabeth Badinter localizará entre o final do século XIX e os anos 30 do século XX (...). Se nos Estados Unidos foram buscar no vaqueiro americano, no desbravador do Oeste, esta reação viril ao mundo que se feminizava, aqui será o sertanejo a base de criação do nordestino, este homem de novo tipo, pois militante pelos interesses de sua região, ou seja, pelos interesses de suas elites (2013, p. 209).

Deste modo, o autor pontua o fato de que a ideia de um homem nordestino viril, trabalhador e ligado à terra terminou servindo como um ideal de homem brasileiro, por ser considerado o paradigma do macho nacional, que encarnaria as virtudes necessárias para a construção de um país dotado de uma ordem social, cultural e econômica que fosse capaz de manter o equilíbrio entre a tradição (regional) e a modernidade (universal).

3.1.2.4 Escrita de si

Para a elaboração de uma noção de escrita de si – ou “escrita autorreferente” –, foram utilizadas as obras de Foucault (2004 [1983]), Gomes (2004) e Lejeune (2014). Enquanto Foucault busca entre os antigos gregos e romanos as origens desse tipo de produção, Gomes centra seu olhar sobre a proliferação de documentos autorreferentes a partir do século XVIII, o que atribui ao surgimento do individualismo e da figura do “indivíduo” moderno. Lejeune, a seu turno, busca estabelecer as dinâmicas próprias do que chama de “pacto autobiográfico”, noção perpassada pela da escrita de si.

O conceito consiste justamente em documentos nos quais o autor trata de si mesmo – como os próprios termos explicitam. Tais tipos de produção escrita podem ser encontrados desde a antiguidade. Foucault trata, no texto, da escrita enquanto “técnica de si” adotada por alguns autores dos primeiros séculos do período imperial romano. Suas reflexões, contudo, lançam luz sobre os significados de certas produções da escrita de si, como, por exemplo, das correspondências. Conforme o autor,

a missiva, texto por definição destinado a outro, também permite o exercício pessoal. É que, como lembra Sêneca, ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz. A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a

envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe (2004 [1983], p. 153).

Desse modo, Foucault chama a atenção para o fato de que as correspondências consistem em exemplo de escrita de si que pressupõe um destinatário (diferente, por exemplo, dos diários íntimos). Na troca de cartas há um movimento dialético, no qual o papel da missiva consiste num “olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo” (idem, p. 156). A correspondência, portanto, estabelece uma dinâmica de introspecção que não é individualista, mas que pressupõe uma abertura para o outro. Conclui o autor que

os primeiros desenvolvimentos históricos da narrativa de si não devem ser procurados pelas bandas dos “cadernos pessoais”, (...) cujo papel é permitir a constituição de si a partir da recolha do discurso dos outros; em compensação, é possível encontrá-los pelo lado da correspondência com outrem e da troca do serviço da alma (idem, p. 157).

O advento da modernidade, contudo, assistiu à proliferação da produção de escritos autorreferentes, tanto de correspondências quanto de diários. Segundo Gomes (2004), isto se explica pelo fato de que, a partir do Renascimento, mas principalmente do século XVII em diante, ocorre a consagração do individualismo no mundo ocidental, processo que passa pela conquista de uma série de direitos civis e políticos. Segundo a autora, a substituição do coletivo pelo individual, acarretada pelo advento da modernidade, levou à valorização da narrativa da trajetória de vida do indivíduo²³.

A utilização de textos autorreferentes enquanto objetos de estudo da História e enquanto fontes históricas, contudo, ganhou força apenas no final do século XX. Ainda na esteira do pensamento de Gomes (2004), trata-se da consequência de uma mudança paradigmática no que respeita ao conceito de “verdade” e de “busca pela verdade”. No dizer da autora,

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (p. 15).

A autora esclarece que tal fato demanda que o historiador atente para as características específicas dos documentos autorreferentes no momento de realizar a

²³ Neste sentido, ver também ARTIÈRES (1998) e CALLIGARIS (1998).

crítica às fontes. Tais precauções devem ser tomadas pelo historiador para que ele não caia no que Bourdieu (1996) chama de “ilusão biográfica”²⁴; o historiador deve ter em mente que, apesar de o personalismo das fontes levar a crer que se está diante de um testemunho da “verdade dos fatos”, tal coisa “evidentemente não existe em nenhum tipo de documento” (GOMES, 2004, p. 15).

Lejeune (2014), por fim, trata de diversos tipos de escrita de si, com foco nas autobiografias e no que chama de “pacto autobiográfico”. A definição de autobiografia proposta por Lejeune é a de uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (p. 16). Para o autor francês, os escritos que se assemelham à autobiografia não demonstram todas essas características; seriam eles as memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário e autorretrato ou ensaio.

Segundo ele, um dos requisitos fundamentais para a autobiografia é a identidade entre autor/narrador e personagem (o que não ocorre, por exemplo, nas obras de ficção de Freyre, nas quais, apesar de haver elementos autobiográficos, a identidade se dá apenas entre autor e narrador: os personagens recebem outros nomes). Conforme Lejeune, “O pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao *nome* do autor, escrito na capa do livro” (2014, p. 30).

Por outro lado, o pensador afirma que

simetricamente ao pacto autobiográfico, poderíamos estabelecer o *pacto romanesco* que teria ele próprio dois aspectos: *prática patente da não identidade* (o autor e o personagem não têm o mesmo nome), *atestado de ficcionalidade* (é, em geral, o subtítulo *romance*, na capa ou na folha de rosto, que preenche, hoje, essa função) (p. 32).

No caso de Freyre, sua primeira obra ficcional, claramente dotada de diversos aspectos autobiográficos, foi chamada por ele de “seminovela”, termo que aparece na capa do livro (conforme a imagem 1). Tal fato, como se verá adiante, não retira o caráter parcialmente autorreferente do texto.

3.2 METODOLOGIA E FONTES

²⁴ “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (p. 185).

3.2.1 Metodologia

Tendo em vista o objeto e os objetivos da presente pesquisa, optou-se por uma análise crítica e qualitativa das fontes, enquanto metodologia de trabalho. Por tratar-se de estudo acerca das concepções de sexualidade e masculinidade nos escritos autorreferentes de apenas um autor, descartou-se uma abordagem quantitativa, apesar do significativo volume de materiais a serem analisados.

Para tanto, leva-se em consideração as especificidades dos escritos compulsados para investigação neste trabalho. A produção de si envolve uma série de percursos e percalços, cujas nuances podem passar despercebidas no momento de se perscrutar seus significados. Como adverte Artières,

não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; (...) fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. Num diário íntimo, registramos apenas alguns acontecimentos, omitimos outros; às vezes, quando relemos nosso diário, acrescentamos coisas ou corrigimos aquela primeira versão. (...) Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas (1998, p. 11).

Desse modo, o cuidado que se deve ter com a análise das fontes, que já é pressuposto no ofício do historiador, se reveste de especial necessidade quando se trata de escritos de natureza autorreferente. Tais textos precisam ser lidos e compreendidos com base no contexto de vida do autor, no momento de sua produção, e nos objetivos que este possuía ao desenvolvê-los. Trata-se de um movimento delicado, que pode facilmente terminar por emaranhar o estudioso nas teias de convencimento eventualmente tecidas pelo autor dos textos analisados. Conforme advertem Cardoso e Vainfas (1997),

O pressuposto essencial das metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um *discurso* que, assim considerado, *não pode ser visto como algo transparente*. Ao debruçar-se sobre um documento, o historiador deve sempre atentar, portanto, para o modo através do qual se apresenta o conteúdo histórico que pretende examinar, quer se trate de uma simples informação, quer se trate de ideias. Especialmente no caso de pesquisas voltadas para a história das ideias, do pensamento político, das mentalidades e da cultura, o conteúdo histórico que se pretende resgatar depende muito da *forma* do texto: o vocabulário, os enunciados, os tempos verbais etc. (p. 377).

Tal escolha se deu em função dos objetivos que se pretende alcançar através deste projeto. Não se tratará puramente de um esforço de análise do discurso, com foco apenas nos aspectos textuais dos escritos examinados. Tampouco será feito um uso de tais escritos com o fito de meramente instrumentalizá-los enquanto testemunhos de costumes e acontecimentos verificados no passado. O propósito, nesta investigação, é o de seguir o caminho do meio entre ambas as possibilidades metodológicas:

Dentro da tendência mais flexível em termos teórico-metodológicos que, felizmente, parece ganhar terreno dia a dia na produção historiográfica mais recente, os dois caminhos podem revelar pontos de encontro, mesmo mantendo entre si uma autonomia de percurso. Aliás, essa parece ser a característica predominante nos estudos sobre a sexualidade que têm procurado, de uma maneira geral, aliar – de modos distintos e em maior ou menor escala – a avaliação das estratégias disciplinares expressas em diferentes discursos normativos da sexualidade com a investigação das práticas sexuais vivenciadas (ENGEL, 1997, p. 298).

Essa escolha se dá com a finalidade de tentar compor um quadro do campo intelectual no qual Gilberto Freyre estava inserido e que foi fundamental para o desenvolvimento das concepções do autor acerca de sexualidade e masculinidade. O conceito de campo intelectual, conforme a proposta de Bourdieu (1993), consiste no conjunto de tendências intelectuais com as quais dialoga o pensamento de um determinado autor (ou grupo de autores). Apesar de o autor haver formulado tal conceito tendo em mente um campo de produção literário, é possível aplicar suas ideias nesse sentido ao campo de produção intelectual no qual Freyre se encontra inserido - que, para os fins deste trabalho, é *também* literário, mas eminentemente sociológico, antropológico e de uma escrita de si.

3.2.2 Fontes

No que diz respeito às fontes analisadas, conforme já se afirmou na Introdução, foi necessária a realização de alterações quanto ao que se pretendia no projeto inicial da pesquisa, em decorrência da pandemia de Covid-19. Algumas das fontes com as quais se pretendia trabalhar encontram-se disponíveis apenas no acervo da Fundação Gilberto Freyre, situada no bairro de Apipucos, em Recife, na casa onde viveu o autor. Em períodos de normalidade, o espaço é aberto aos pesquisadores e ao público em geral, para visita e para pesquisa, e possui em seu patrimônio tanto os documentos produzidos por Freyre quanto os volumes que compunham a sua biblioteca pessoal.

Em função da pandemia, contudo, a fundação se encontra fechada para visitas e para a pesquisa, por tempo indeterminado. Não foi possível, portanto, ter acesso a dois grupos de fontes que se pretendia inicialmente analisar. O primeiro deles seria o dos rascunhos e versões iniciais das obras autorreferentes publicadas por Freyre. A investigação desses textos possibilitaria o cotejo entre as versões que vieram a público e as que permaneceram inéditas, permitindo uma análise acerca dos processos de editoração pelos quais tais obras passaram. Além destes, seriam também alvo de escrutínio as correspondências, anotações e demais escritos pessoais do autor pernambucano que restam inéditas até o presente momento.

O segundo grupo seria composto de obras cujas leituras contribuíram para o processo de formação das concepções freyreanas de sexualidade e masculinidade. Algumas dessas obras foram declinadas pelo próprio Freyre, tais como *Sexology*, de William H. Walling, aludida logo no início de *Tempo Morto*. Outras não seriam tão facilmente identificadas, sendo este levantamento uma das etapas do trabalho de investigação que seria levado a cabo no decorrer da pesquisa.

O segundo grupo terminou, portanto, por ser excluído do alvo das investigações desta pesquisa. No que diz respeito ao primeiro grupo, a saída encontrada no que respeita à troca de cartas foi a de analisar obras que consistem em coletâneas da correspondência de Freyre com determinados interlocutores.

Assim, duas obras foram selecionadas para permitir ao menos um vislumbre sobre a produção missivista do autor pernambucano: a de Ângela de Castro Gomes (2005), que selecionou cartas trocadas entre Freyre e Oliveira Lima, e a de Cauby Dantas (2015), que coletou correspondências enviadas entre Freyre e José Lins do Rego. Acerca da utilização da correspondência entre intelectuais como fonte (e objeto) de pesquisa histórica, Gomes afirma que

tal tipo de escrita é entendido e tratado como um elemento que pode iluminar a compreensão da obra de um intelectual. Ela é um documento - uma fonte - para contextualizar sua produção, fornecendo informações sobre questões que têm a ver com a criação, a circulação e a recepção de sua obra. Uma perspectiva rica e acertada, que se sofisticou com o crescimento da história cultura e, em seus domínios, da história de intelectuais e da leitura. Uma perspectiva que transformou a correspondência, além de fonte, em objeto privilegiado de pesquisa (2005, p. 12).

Além disso, optou-se por analisar, como principais fontes, as obras de cunho autorreferente (seja tal caráter explícito ou implícito) produzidas por Freyre e que chegaram a ser publicadas. A importância da utilização de tais obras reside no fato de

que se trata de escritos que o autor possuía intenção de publicar e que de fato vieram a lume, numa forma final que contou com sua anuência (à exceção da última, publicada postumamente). As obras que se enquadram nessa categoria já estão delimitadas. Trata-se de quatro volumes específicos: *Tempo Morto e Outros Tempos – trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915 – 1930)*; *Dona Sinhá e o Filho Padre*; *O outro amor do Dr. Paulo* e, por fim, *De Menino a Homem - de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos*.

Nos tópicos a seguir, procede-se a descrições e análises mais pormenorizadas acerca de cada uma dessas obras. Tanto seus conteúdos quanto suas formas serão tratadas. Vale a ressalva, aqui, de que “considerar o conteúdo histórico do texto dependente de sua forma não implica, de nenhum modo, reduzir a história ao texto (...). Pelo contrário, trata-se, antes, de *relacionar texto e contexto*” (CARDOSO e VAINFAS, 1997). Deste modo, estabeleceu-se o critério de analisar cada uma das obras em sua primeira edição. A importância de tal análise fundamenta-se no que afirma, a esse respeito, Chartier:

é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor (2002, p. 127).

3.2.2.1 Dona Sinhá e o filho padre

O primeiro deles, publicado em 1964, consiste, de acordo com Freyre, numa obra de ficção (algo que ele faz questão de explicitar no posfácio da obra²⁵). A narrativa, contudo, possui claras referências a eventos reais da vida do autor, e sua natureza autorreferente é inegável, como já verificaram diversos estudiosos (COUTINHO, 1983; CURSINI, 2017; RIBEIRO, 2019; SCHWARCZ, 2010).

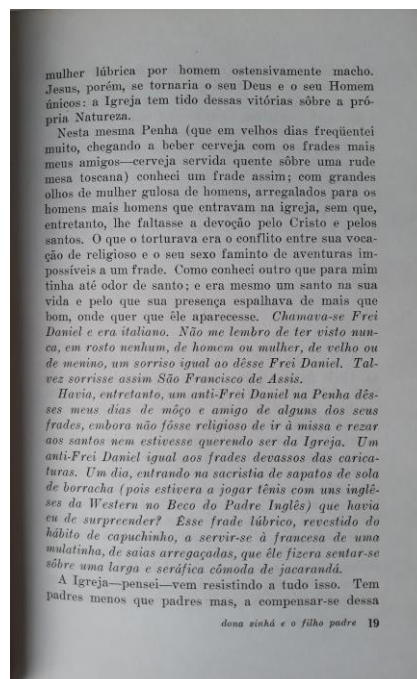
O livro, publicado em brochura, segue o tamanho padrão de outras publicações (21cm de altura por 14cm de largura). A capa apresenta o nome do autor em tipografia maior do que a do próprio título do livro, o que denota o fato de que o editor pretendeu chamar a atenção para a obra através da fama do autor, então já consagrado no meio intelectual brasileiro já há cerca de trinta anos.

²⁵ “Este semi-romance – ou seminovela? – ninguém pense que seja, mesmo remotamente, autobiografia disfarçada; ou biografia romanceada; ou história sob a forma de ficção” (1964, p. 177).

Figura 1 – Capa de Dona Sinhá



Figura 2 – Trecho em itálico de Dona Sinhá



Ao nome do autor, segue-se um quadro com o intrigante neologismo cunhado por Freyre para definir a obra que então vinha a lume: “seminovela”. A inserção do termo na capa, para além de deixar claro para os leitores que se tratava de obra de ficção - e não de análise sociológica, como seria de se esperar de uma obra de Gilberto Freyre - certamente cumpriu o papel de aguçar a curiosidade dos potenciais leitores acerca do seu significado.

A ilustração da capa, sombria e enigmática, procura remeter a alguns dos temas tratados no desenrolar da história. A metade do rosto de um homem com o cenho franzido, a imagem de uma mulher nua e uma cruz cristã (facilmente confundível com uma estrela no céu noturno) compõem a imagem que parece querer remeter a alguns dos temas tratados na obra - religiosidade, sexualidade, masculinidade.

A contracapa (também chamada de “quarta capa”, a parte de trás do livro) apresenta uma foto recente do autor - que, nascido em 1900, contava, na época da publicação do livro, com aproximadamente 64 anos. Abaixo da foto, vê-se a seguinte legenda: “Gilberto Freyre em recente foto tirada em Recife pelo editor norte-americano Alfred A. Knopf”. Malgrado o erro tipográfico na apresentação do sobrenome do famoso editor (Knopf), a menção à sua amizade com Freyre em plena contracapa do livro - em lugar das tradicionais sinopses, trechos da obra ou críticas publicadas em meios especializados - parece buscar constituir, por si só, a legitimidade necessária

para a afirmação de Freyre enquanto escritor, também, literário, e não apenas sociólogo, antropólogo, cientista.

No que diz respeito aos elementos internos do livro, as orelhas trazem um resumo do texto de apresentação, de autoria de Osmar Pimentel, presente no corpo da obra. Nelas, o autor trata do que, para ele, se trata do tema central da história: o “tema sutil e escuso do homossexualismo [sic]”. Pimentel afirma que autores como Gide e Proust trataram da “controvertida temática” de maneira errônea em suas obras: o primeiro pela “apologia” (*Corydon*), o segundo pela caricatura (*À procura do tempo perdido*).

Alguns dos elementos tipográficos presentes no livro denotam o “capricho” com que a edição veio a lume, por parte da Livraria José Olympio Editôra. Nas primeiras páginas notam-se detalhes impressos em vermelho, para além do preto habitual. Em nota da editora contendo dados biográficos do autor, ao longo de dez páginas (xi-xxiv), são apresentados fatos da vida e da obra de Freyre; a nota contém ainda um retrato do autor em bico-de-pena de Luís Jardim e o desenho da capa, de autoria de Eugênio Hirsch, reproduzido com redução.

O “semiprefácio” é encimado por desenho do Solar de Santo Antônio de Apipucos, residência de Freyre em Recife, feito por Manuel Bandeira. Além disso, há a reprodução da assinatura do autor, Osmar Pimentel. Todos estes elementos dão conta do prestígio do qual Freyre gozava à época, tanto diante do público brasileiro quanto do seu editor, que valorizou a estreia do amigo na campo da literatura com uma edição cuidadosa, visualmente detalhada e rica.

Ao término da história, o leitor se depara com um posfácio de Freyre, no qual este busca fornecer algumas das chaves de leitura e de interpretação do livro. É apenas ao término deste texto que segue o aviso acerca da intrigante diferenciação tipográfica observada ao longo da obra. O aviso informa que “O itálico não aparece no texto desta seminovela para dar ênfase a palavras porém simplesmente a fim de distinguir o histórico do fictício”. A escolha por colocar tal aviso ao final do livro, e não no início, é curiosa, e parece denotar o objetivo de que, numa primeira leitura, realidade e ficção se misturassem no fluxo narrativo.

Ao final do livro, segue-se uma extensa lista com os “Trabalhos de Gilberto Freyre”, listando todos aqueles que, aparentemente, haviam sido publicados até então. Na última página, verifica-se a presença do colofão, redigido em termos comemorativos do sesquicentenário da morte de Aleijadinho e da instalação da editora no Rio de Janeiro, ilustrada abaixo do texto em bico de pena. A atenção dada a

elemento que seria, a princípio, mera formalidade, reforça a ideia de uma edição especial reservada ao livro.

3.2.2.2 Tempo morto e outros tempos

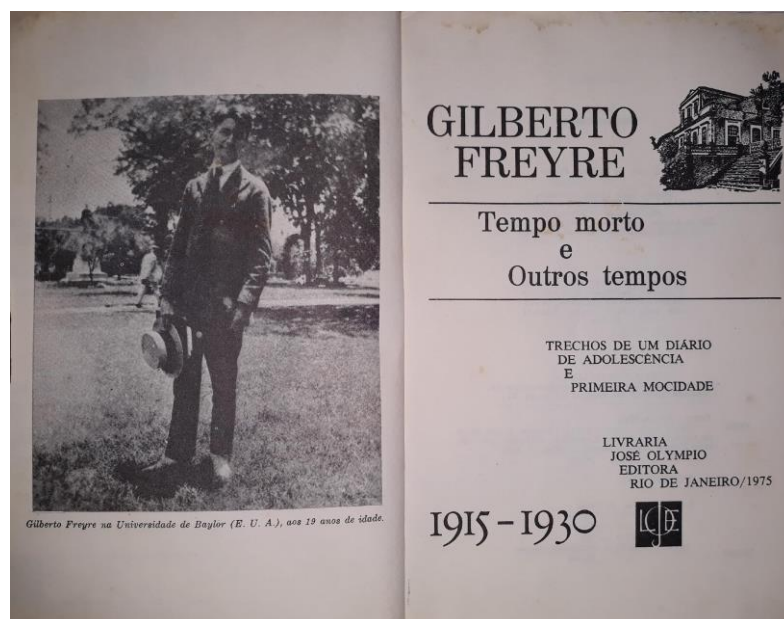
A outra obra, *Tempo Morto e Outros Tempos*, foi publicada em 1975. Trata-se de uma coletânea de trechos de diários de Freyre, supostamente escritos dos seus 15 aos 30 anos. “Supostamente”, pois, apesar de ele afirmar que os textos foram publicados “com um mínimo de revisão pelo autor” e apenas “feito um ou outro acréscimo para esclarecer obscuridades” (p. vii), uma leitura mais cuidadosa e crítica leva a crer que muitos trechos foram substancialmente alterados, quando não inteiramente criados, de modo a permitir a construção da imagem que Freyre desejava para si.

Também publicado em brochura, nas mesmas proporções do anterior, a capa segue igualmente o padrão de apresentar o nome do autor em tamanho significativamente maior do que o empregado para o título - que vem abaixo, discretamente, seguido do subtítulo e do nome e monograma da editora - aqui, novamente, a Livraria José Olympio.

Na contracapa, são apresentados breves testemunhos acerca de Freyre, assinados por autores consagrados nacional e internacionalmente, como Roland Barthes, Monteiro Lobato e Jorge Amado, além de veículos e comentaristas cuja procedência é indicada (Paris, Nova Iorque, E.U.A., Munique). Aqui, tais elementos cumprem o papel de corroborar a fama e o status de Freyre enquanto autor reconhecido e celebrado em seu país e no mundo.

As orelhas não apresentam textos explicativos ou interpretativos, mas indicações de leitura de outras obras do autor - na primeira orelha, curiosamente, são apresentados lançamentos então recentes: “O Brasileiro entre os outros hispanos”, lançado no ano anterior, e “Além do apenas moderno”, dois anos antes. A presença de tais anúncios, para além de interesses de divulgação por parte da editora, parecem tentar também chamar a atenção para o fato de que Freyre, apesar

Figura 3 – Folha de rosto de Tempo morto



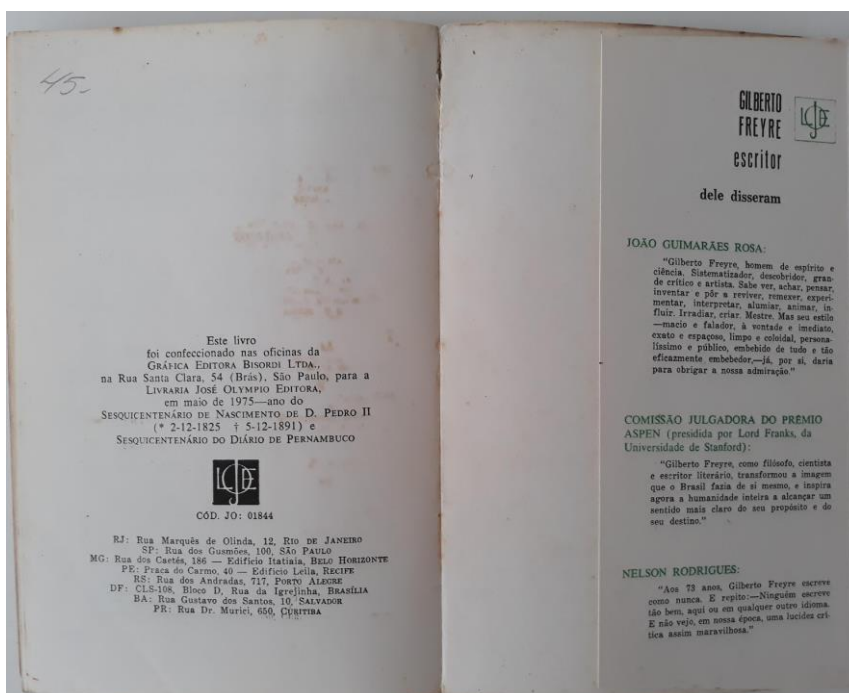
de já na casa dos 70 anos, ainda estava em plena atividade de produção intelectual. Na segunda orelha, são trazidos depoimentos acerca do autor, assinados por vultos das letras nacionais como Guimarães Rosa e Nelson Rodrigues.

Os elementos tipográficos denotam, também aqui, o cuidado com que a edição dos “diários” de Freyre foi preparada. A folha de rosto traz uma fotografia do autor na Universidade de Baylor, aos 19 anos, o que é informado pela legenda. Além disso, está presente o mesmo bico-de-pena do solar de Apipucos, de autoria de Manuel Bandeira.

O prefácio vem “autografado” pelo autor, em imagem que reproduz sua assinatura. Na página do lado esquerdo, foram inseridas citações de Kierkegaard e de Shakespeare acerca do tempo, como que a legitimar a publicação do texto. No prefácio, Freyre tece algumas considerações acerca da natureza do material que traz a público. Adverte o leitor de que o diário está incompleto, dado que muitas partes de seus apontamentos haviam se perdido devido ao cupim (1975, p. vii).

Após tecer algumas considerações acerca da natureza do tempo e da relação do homem com o tempo, o autor afirma:

Figura 4 – Colofão e segunda orelha de Tempo morto



Diários, autobiografias, memórias, cartas, estão entre os transmissores, alguns extremamente modestos, outros magníficos, de um tempo a outro. (...) até os registros de um simples colegial podem ser documento de considerável importância para a transmissão de um tempo a outro: a transmissão do que é imortal nos tempos que em parte morrem, uns mais, outros menos do que os homens. Vários são aqueles diários que, não sendo obras-primas, têm contribuído para um sempre maior conhecimento do Homem pelos homens (idem, p. viii).

Após o prefácio e antes do início do texto em si, outras três fotografias são apresentadas: uma do autor aos 22 anos, após retornar ao Brasil da viagem que fizera à Europa, outra na Universidade de Stanford, aos 31 anos e ainda mais uma, aos 15 anos. A presença de tais imagens parece ter o objetivo de fornecer ares de "álbum de família" ao livro, ao apresentar imagens de seu autor em períodos nos quais teria escrito os diários que serviram de base para a obra.

No final do livro segue-se nota da editora com dados "biobibliográficos" do autor (diferente de D. Sinhá, no qual tal elemento aparece antes do texto). Após isso, segue-se extensa lista da bibliografia de Gilberto Freyre, encimada por uma foto sua já mais velho (não fica claro se, de fato, aos 75 anos, os quais contava quando da publicação do livro). Curioso notar a escolha de colocar uma foto do autor já mais velho, o que parece ter o objetivo de chamar a atenção para a passagem do tempo entre o período em que escrevera seus "diários" e o momento de sua publicação, já 45 anos após a datação das últimas entradas, em 1930.

Ao final, segue-se o colofão, com o monograma da editora e os endereços de suas filiais no Brasil. Ao contrário do que se observa em *D. Sinhá*, este parece ser menos elaborado, dotado de caracteres mais formais e técnicos - ainda assim, nele se comemora o sesquicentenário de Pedro II e do Diário de Pernambuco.

3.2.2.3 O outro amor do Dr. Paulo

O terceiro livro é *O outro amor do Dr. Paulo*, publicado em 1977 e concebido como continuação de *Dona Sinhá*. Freyre continua, aqui, sua incursão pela produção literária, mais uma vez dotada de diversos elementos autorreferentes – com a diferença de que, nesta obra, o autor se abstém de tentar o quase que “anti-pacto autobiográfico” do qual lançou mão na primeira “seminovela”.

Publicado em brochura, assim como os dois anteriores, o livro segue também o tamanho padrão antes observado. Na capa, o nome do autor é apresentado em tipo ligeiramente maior do que o reservado para o título da obra. Ilustrando a capa, há a gravura de um homem de bigode que olha para a esquerda, lado a lado com uma silhueta feminina mais jovem, retirada, ao que parece, de uma fotografia. A presença de tais elementos antecipa algo do conteúdo da trama: aqui, diferente da “seminovela” anterior de Freyre, o foco se dá na relação entre um homem e uma mulher.

Há também o nome e monograma da editora (novamente, a Livraria José Olympio) e uma faixa que anuncia tratar-se de “seminovela, continuação de *Dona Sinhá* e o filho padre”. Na contracapa, surpreendentemente, há apenas uma lista com diversos títulos do catálogo da editora, encimada pelo anúncio: “Leia estes bons livros brasileiros”. Nada de fotografia do autor, sinopses, trechos da obra, testemunhos de autores consagrados, como seria de se esperar.

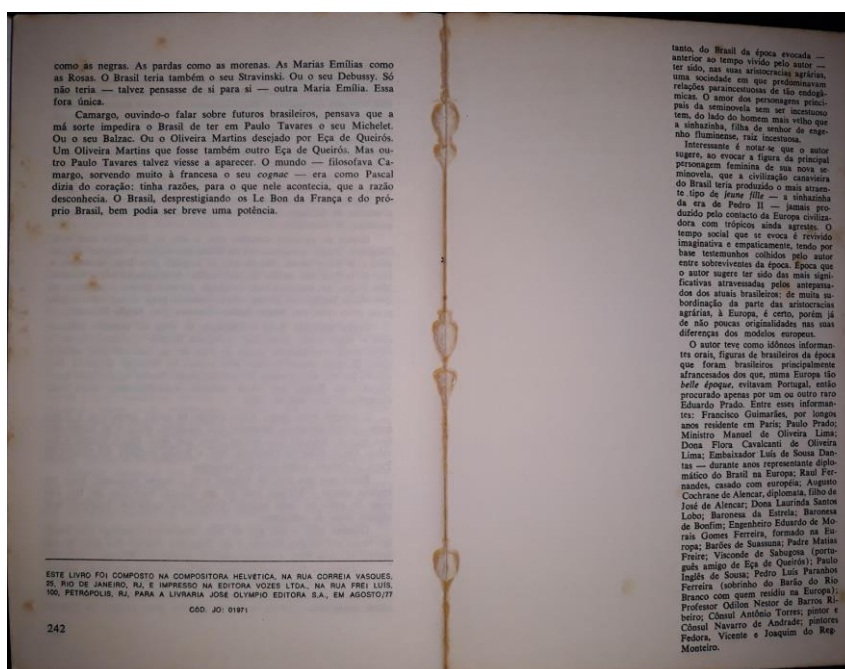
Tal fato pode parecer pouco significativo, mas somado a outras características do volume, parece denotar uma queda na qualidade da edição, quando comparada às dos dois volumes anteriormente descritos. O livro aparenta consistir numa edição mais “modesta” do que a reservada aos outros dois. Nele não há orelhas físicas, sendo que nas partes interiores das capas, contudo, imprimiu-se texto com sinopse do livro, à guisa de orelhas.

Não há, tampouco, tantas ilustrações ou fotos. Na página de rosto há apenas uma foto do autor em sua biblioteca na casa de Apipucos, aparentando estar na casa dos 70 anos, fotografado em uma poltrona. Para além desta imagem, o livro não apresenta outras fotografias ou ilustrações.

A obra não apresenta, também, nenhum texto a título de prefácio ou de posfácio; apenas as tradicionais “Nota da editora – dados biobibliográficos do autor” e a “Bibliografia – de & sobre Gilberto Freyre”. A elas se segue uma breve “Nota do autor”, na qual este trata brevemente do significado da palavra “seminovela” e do contexto no qual o livro se passa.

O colofão, de maneira completamente diversa dos volumes anteriores, aparece neste livro na última página do texto, sem que se reservasse um espaço específico para tal elemento. Consistente numa frase de apenas três linhas, limita-se a designar a fonte utilizada para a impressão da obra, o endereço da editora e da gráfica e a data da publicação.

Figura 5 – Última página, colofão e segunda “orelha” de *O outro amor*



Como mencionado, a soma de todos os elementos deixa claro o fato de que se trata de edição de apresentação inferior, se comparada às dos outros dois livros analisados. Uma das possíveis explicações para isso seria o fato de que a extensão do texto, muito maior do que a dos outros dois (o que se verifica facilmente através do tamanho menor das letras do livro), teria limitado a inserção de alguns dos elementos anteriormente presentes.

Também não há, aqui, a distinção entre acontecimentos reais e fictícios marcada pelo uso do itálico, como se dá em *Dona Sinhá*. A menção a diversos acontecimentos e personagens reais continua presente no texto, contudo, e fornece

tanto contexto quanto tema para reflexões do autor ao longo da narrativa, acerca de costumes das sociedades europeias e brasileira.

3.2.2.4 De menino a homem

A última das produções que será objeto de análise não chegou a ser publicada durante a vida do autor. Constitui, contudo, texto concebido para formar um todo coerente, mesmo que de publicação póstuma. É o caso de *De Menino a Homem - de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos*, idealizado por Freyre como uma continuação de *Tempo Morto*, mas que só foi publicado em 2010 – mais de vinte anos, portanto, após a sua morte.

Assim como *O outro amor*, *De Menino a Homem* diverge das duas primeiras obras aqui analisadas em diversos aspectos. Ao contrário do livro anterior, contudo, este apresenta características que demonstram se tratar de uma edição mais requintada do que todas as anteriores.

Publicado em capa dura, o livro apresenta dimensões maiores do que as dos outros três: 26cm de altura por 18cm de largura. Tais fatos representam um destaque visual imediato, em comparação com os livros anteriores.

Quanto aos elementos gráficos da capa, mais um elemento que destoa dos demais: neste, o tamanho da fonte utilizada para o nome do autor é o mesmo, aparentemente, que aquele designado para o do título do livro, ao qual se segue o subtítulo em caracteres menores.

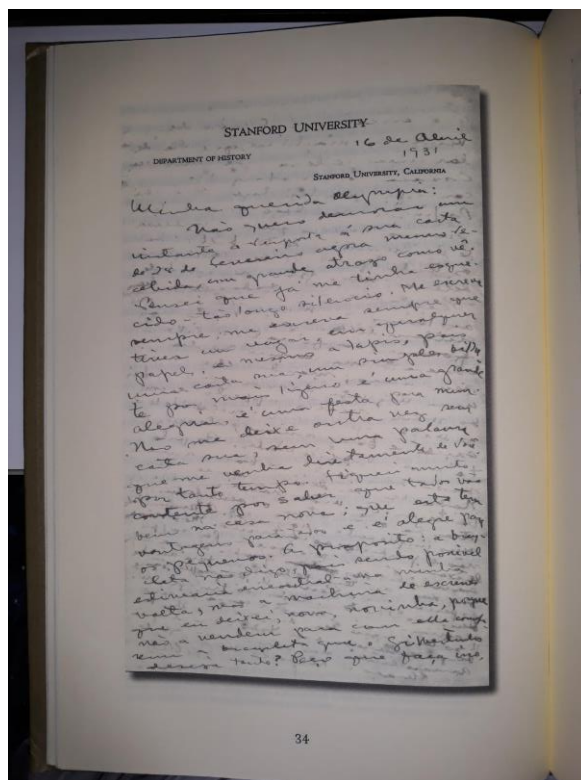
Ilustrando a capa, há o desenho de uma carroça de boi, ladeada por uma figura masculina, em meio a um canavial, e o que aparentam ser algumas construções esboçadas no horizonte. Abaixo, o símbolo da editora Global, que passou a publicar algumas das obras de Freyre, em lugar da José Olympio.

Na contracapa, há caricaturas de cinco figuras masculinas, incluindo um militar, um bispo católico e um homem de porte aristocrático. Na página reservada à ficha catalográfica encontra-se a informação de que tanto a ilustração da capa quanto as da contracapa são de autoria de Freyre, cujo traço característico se revela de imediato para quem já teve contato com outras ilustrações do autor. Ainda na contracapa, há o trecho do ensaio “Em tom de confissão”, de autoria de Fátima Quintas, que se encontra inserido no livro a título de apresentação.

Na folha de rosto, um elemento curioso chama atenção: abaixo do subtítulo, foi inserida a informação de que se trata de um “diário íntimo seguido de recordações

peçoais em tom confidencial semelhante ao de diários”. Tal descrição (não fica claro se foi elaborada pelo próprio Freyre ou pelos editores do texto) lança luz sobre o tipo de fonte utilizada para se compor a obra.

Figura 6 – Fac-símile de correspondência de Freyre em *De menino a homem*



Um dos traços característicos do livro é a abundância de fotografias nele presentes. Há um retrato de Freyre, localizado entre a ficha catalográfica e o sumário, acompanhado da legenda “Gilberto Freyre, fotografado por Pierre Verger, 1945. Acervo da Fundação Gilberto Freyre”, vindo abaixo uma reprodução da assinatura do autor (tal como ocorre em *Tempo morto*). Em meio ao texto, encontram-se inseridas reproduções de algumas correspondências de Freyre, tanto enviadas por ele quanto recebidas de seus remetentes. Há também cartazes do Congresso Afro-Brasileiro de 1934 e da candidatura de Freyre a deputado federal.

Para além das imagens anteriormente referidas, ao fim do texto principal (e antes dos anexos) encontra-se inserido, em papel de gramatura maior e em cor preta, um “Álbum de fotografias”. O texto que acompanha o “álbum” informa que o material nele contido foi selecionado no acervo da Fundação Gilberto Freyre e constituem um “convite a um íntimo mergulho na biografia do sociólogo” (2010, sem paginação).

Seguem-se, então, quinze páginas, frente e verso, com fotografias de Freyre, amigos, parentes e casas que buscam fornecer um olhar sobre alguns dos momentos

mais importantes da vida do autor. A presença deste material parece apontar para a intenção dos editores de permitir ao leitor da obra um olhar sobre a vida íntima de Freyre, tanto através de seus diários quanto de registros fotográficos da vida do autor.

Figura 7 – Última página do texto e abertura do “Álbum de Fotografias” em De menino a homem



4 CAPÍTULO TERCEIRO

Os escritos de Gilberto Freyre apresentam, constantemente, os temas da sexualidade e das relações de gênero. Sempre presentes em suas análises, tais questões, como já se viu, são também alvo das reflexões, considerações e narrativas do autor em suas obras autorreferentes.

No presente trabalho, as investigações a tal respeito foram estruturadas em três eixos principais. No primeiro deles, analisa-se mais detidamente os dois “diários” e as duas “seminovelas” de Freyre. No segundo eixo, centra-se nas duas primeiras interpretações sociológicas elaboradas pelo autor em sua carreira. No terceiro e último, é perquirido especificamente o tema do amor platônico em escritos freyreanos.

Vale salientar que, em diversos momentos, dá-se o cruzamento das fontes, sendo que, em maior ou menor medida, cada uma delas aparece quando se trata de uma das outras. A divisão aqui operada, portanto, se dá a título de organização do trabalho e das análises apresentadas.

4.1 DIÁRIOS E SEMINOVELAS

Os relatos contidos em *Tempo morto e outros tempos* datam de 1915 a 1930 - dos 15 aos 30 anos de Freyre, portanto. Apesar de já se saber que não se trata de reproduções fiéis dos diários do autor nesse período, é razoável supor que foi utilizado, como base, material da época, mesmo que feitas significativas alterações posteriores por parte de Freyre. Segundo Fonseca (2002), “a publicação foi feita por iniciativa de Renato Carneiro Campos, que, amigo do autor, teve o privilégio de ler os originais. Consta que o editor omitiu e modificou algumas anotações” (p. 167). Apesar disso, mesmo com tais modificações o texto constitui fonte de interesse para a compreensão do pensamento freyreano.

As alterações/criações levadas a cabo por Freyre no texto subtraem-lhe, segundo alguns estudiosos, o caráter de “diários”. É o que acredita, por exemplo, Lejeune (2014), para o qual “um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações” (p. 300). Segundo o autor francês, “diários” alterados terminam por converter-se, na verdade, em autobiografias.

Acerca de *Tempo morto*, especificamente, há quem afirme que não se trata, de todo, de diários, mas sim de “autobiografia disfarçada” e dotada de aspectos literários. É o caso de Schwarcz, para a qual

Tempo morto e outros tempos é feito para legar seu autor à posteridade: uma belíssima peça de literatura sob a forma de pretenso diário. Um passado que nunca esteve tão presente e previsível. Como diz Freyre, o diário é peça de uma saudade sem prazo fixo. Nesse documento, o passado aparece tocado pela toada feita de lembranças: a saudade de um tempo ainda vivido. Por isso mesmo, pouco importa tentar distinguir fato e ficção. Passado e presente aparecem indiscriminados na pena desse grande personagem da nossa intelectualidade, que sempre foi um exímio inventor de si próprio e de um certo Brasil (2010, pp. 4-5).

Deste modo, na esteira de que afirma a autora, a questão aqui não é a de procurar separar o que de fato teria ocorrido na experiência de Freyre e o que teria sido fruto da imaginação do autor. O objetivo é o de identificar as concepções de sexualidade e masculinidade por ele expressas e relacioná-las com suas ideias a respeito de tais temas presentes em outros dos seus escritos.

Da leitura do livro ressalta a abordagem dos temas da sexualidade e da masculinidade. Já na segunda entrada, datada de 1915, Freyre trata da questão da masturbação; afirma estar lendo o livro *Sexology*, do médico William Walling, que contém conselhos acerca do tema. Assuntos como virgindade e primeiras experiências sexuais também são uma constante na obra.

O autor afirma, em algumas entradas (como na primeira, p. 3, e na terceira, pp. 4-5), que alguns familiares reprovavam seu gosto - tardio - por brinquedos e desenhos, e seu interesse por autores e textos considerados piegas, sentimentais. Parece que Freyre dá a entender, em tais trechos, que pessoas da família temiam por uma aparente ausência de “virilidade” ou “masculinidade” no adolescente.

Curiosamente, após a entrada que dá conta da primeira experiência sexual de Freyre (senhorialmente, com uma “mulatinha” que trabalhava para a família), seguem-se reflexões que dão a entender uma espécie de superação do complexo de Édipo; o adolescente já não vê a mãe com os mesmos olhos, apesar de ainda considerá-la bela e de porte aristocrático (1975, p. 7; p. 12).

Freyre descreve e analisa, constantemente, aqueles que considera como traços de masculinidade ideais e inferiores. Em determinada passagem, tece considerações entre dois “tipos” masculinos bem distintos, nos quais a “moleza” física aparece associada a uma pretensa falta de capacidade intelectual, enquanto a “rigidez” se liga a um intelecto... *potente*:

me apresentam a um menino gordo que é considerado um dos novos gênios da Universidade pelos *tests* agora em vigor. Ele me estende a mais mole das mãos e sorri inexpressivamente quando lhe dizem de mim: 'Este sul-americano é magro mas é seu colega em peso intelectual'. Depois do quê, se afasta gingando, arrastando além do peso do gênio o da gordura das nádegas que, nele, talvez seja o maior. Afinal, esses *tests* são coisas muito mecânicas. Voltando a Foch: parece-me em boa condição física. Rijo. Suportando bem a fama e a glória (1975, p. 51).

Tais considerações remetem às análises de Mosse (1985), para o qual, dentre os ideais de masculinidade presentes na modernidade, encontra-se a questão da forma física, sendo que cumpriria ao homem a manutenção de um porte físico atlético, através da prática de exercícios.

Um dos aspectos que chamam atenção no livro são as descrições e análises feitas por Freyre acerca de povos e costumes por ele testemunhados em suas incursões pelos Estados Unidos e pela Europa. Como aponta Rezende (2004),

nas viagens de Gilberto Freyre por suas memórias, não existe apenas o encontro com suas aventuras intelectuais e sua insistência na precocidade de suas conclusões com relação às obras de tantos autores que leu, mas também um diálogo constante com as cartografias e os costumes dos lugares (pp. 79-80).

Tais relatos, como seria de supor, abarcam também questões relativas à sexualidade, masculinidade, virilidade, divisões de gênero, sendo, portanto, de interesse para esta pesquisa. Freyre descreve diversas de suas aventuras sexuais, às quais combina análises acerca dos hábitos sexuais e das performances de gênero presentes nos locais por ele visitados. Acerca de Nova Iorque, por exemplo, o autor afirma que

há por aqui muito sexo desviado. Apenas as expressões mais comuns desses desvios de sexo são diferentes das dominantes no Brasil: pelo menos das do meu conhecimento. Aqui são as sucções que dominam. A felação. É quase uma instituição sexual anglo-saxônica (1975, p. 72).

As impressões do autor acerca dos costumes sexuais mais liberais observados em Nova Iorque encontra eco também em algumas de suas correspondências com o amigo Oliveira Lima. Numa delas, datada de 1921, Freyre menciona, ao tratar do bairro de Greenwich Village, tratar-se de local no qual viviam vários artistas e escritores, "quase todos em plena mocidade, vivem um gênero de vida alegre e

bizarro, e em alguns casos tão fora das convenções burguesas, que praticam ‘*free love*’” (GOMES, 2005)²⁶.

Na sua passagem pela França, Freyre anota também ter presenciado por lá “muito estrangeiro pelas ruas mas nos parques muito francês. Muita mocidade. Muito idílio. Muito sexo. Muito namorado com a namorada. Agarrados. Chamegos. Beijos. Sensualidade lírica” (1975, p. 80).

A maior parte dos relatos se dá numa chave convencionalmente heterossexual/heteronormativa. Em alguns momentos, contudo, o autor trata de sexualidades e/ou performances de gênero “desviantes”, como quando relata a impressão que teve de que um homem buscava atraí-lo (idem, p. 63) ou quando descreve hábitos sexuais de mulheres lésbicas num bar de Nova Iorque (idem, p. 76). Além disso, algumas experiências e visões do autor acerca de práticas sexuais e performances de gênero não convencionais, por assim dizer, se fazem presentes em diversas passagens.

Acerca da questão dos “desvios sexuais” descritos no texto, Freyre afirma que

Um dos raros amigos que leram os originais deste diário pergunta: as referências a desvios – aliás, raros – de conduta sexual do autor não serão uma decepção para os que, lhe querendo bem ou o admirando, são intransigentemente convencionais no assunto? Deve o autor dizer que criança e adolescente, não teve experiências que importaram em qualquer desvio de sexo, além da raríssima, e de modo algum de sua iniciativa – fato que recorda com toda a candura – com uma jovem, de idade então superior à sua, tendo ele seus quinze anos; e relações, quando menino, com uma vaca antes pacata que debochada. Primeira experiência do gênero. Foi criança e adolescente quase angelicamente puro. Quase casto. Normal ou convencional continuou na sua conduta sexual como estudante universitário nos Estados Unidos: em Baylor, em Columbia, nos seus contatos em Princeton, Harvard, Boston e Canadá, o Sul dos Estados Unidos (p. xiv).

Curioso notar que, aqui, Freyre não menciona Oxford, local no qual viria a ter suas primeiras experiências homossexuais. O autor tencionava incluir tais relatos no livro, porém foi dissuadido. Apesar da presença de alguns relatos polêmicos e picantes - como o da referida experiência de zoofilia - outros trechos foram “censurados” por José Olympio, editor e amigo de Freyre. A este respeito, afirma Gomes (2004) que

essa mesma sociedade da intimidade, que estimulou e divulgou as práticas da escrita de si, exigiu que essas novas e espontâneas formas de expressão do ‘eu’ fossem também codificadas. Ou seja, que a sinceridade, como os demais sentimentos, fosse submetida a mecanismos de contenção e

²⁶ Freyre reproduz este trecho da carta (ou seria o inverso?) em artigo publicado no Diário de Pernambuco, datado de 20/02/1921, sem título, na série “Da outra América” (1979, p. 92).

aceitação social. É nesse sentido que a escrita de si se torna uma prática cultural estratégica para um equilíbrio, sempre precário, entre expressão e contenção de si (pp. 16-17).

Interessante notar os atributos relacionados por Freyre ao feminino e ao masculino, representados, aqui, pelas figuras materna e paterna:

Observo que as palavras que (...) me vêm de minha memória verbal, musical, olfativa, brasileira, procedem principalmente de duas fontes: palavras associadas à minha Mãe e palavras associadas a meu Pai. As primeiras são as mais instintivas, espontâneas, intuitivas, românticas, sensuais; as que procedem de recordações da fala de meu Pai são as mais abstratas, lógicas, eruditas, assexuais. Algumas livrescas (1975, p. 111).

Nesse sentido, Freyre segue uma tendência, observada em outros autores, de relacionar o feminino com um caráter mais ligado às emoções, enquanto que o masculino teria maior proximidade com os pensamentos e a racionalidade. O autor repete tal concepção em outros de seus escritos, tais como em *O outro amor*, no qual refere-se à “arte perceptiva de uma mulher ao pensamento analítico de um homem” (1964, p. 217).

Em artigo de jornal escrito para o Diário de Pernambuco, datado de 15/08/1920, o autor novamente parece reconhecer o talento intelectual das mulheres mais para as artes do que para outros campos, como no caso dessa análise que faz sobre a obra da escritora estadunidense Amy Lowell, que conhecera nos Estados Unidos: “Miss Lowell revela-se a grande erudita que é. Mostra também que é dona desse *talento especial de desfibrar os elementos de uma obra de arte, no qual parece, às vezes, que a inteligência feminina excede a nossa*” (1979, p. 81, grifo nosso). Trata-se de um ponto de vista tradicional, que por vezes nega a homens e mulheres os atributos mais fortemente vinculados ao sexo oposto.

Muitos dos relatos e pontos de vista expressados por Freyre em *Tempo morto*, contudo, já haviam sido expressos pelo autor em sua estreia literária, pouco mais de dez anos antes: o livro *Dona Sinhá e o filho padre*, publicado em 1964 e que o autor definiu como “seminovela”.

O caráter autorreferente de diversas passagens de *Dona Sinhá* se faz claro não apenas pelas semelhanças entre aspectos da vida de Freyre e de José Maria, o “filho padre” do título. De acordo com Cursini (2017),

Freyre fragmenta-se na narrativa espiralada: ele não surge apenas como o frágil José Maria, filho de Sinhá; ele imprime características de sua vida e personalidade também no melhor amigo e protetor deste, o médico Paulo (que será seu novo protagonista numa segunda seminovela, escrita alguns anos depois), e surge como o próprio Gilberto Freyre, sociólogo de carreira e sucesso (p. 203).

O livro narra a história de um triângulo amoroso inusitado: os personagens Paulo e José Maria, colegas de escola, vivem uma intensa amizade que termina por se tornar em “amor platônico” entre ambos²⁷. Anos mais tarde, Paulo viaja para a Europa a fim de estudar medicina e, neste meio tempo, José Maria adoece e morre. Paulo, consternado, reaproxima-se da mãe do amigo e termina por apaixonar-se por ela, que não corresponde às investidas do rapaz muito mais novo e que fora amigo de seu filho.

Apesar dos muitos pontos de encontro entre a trajetória de Freyre e as de Paulo/José Maria, o autor busca, no posfácio do livro, afastar a hipótese de que se trate de autobiografia disfarçada (1964, p. 177). Lejeune (2014), ao tratar da relação entre autobiografia e ficção, lança o seguinte questionamento: “o contrato autobiográfico (...) seria suficiente para dar o estatuto de autobiografia a qualquer coisa?” (p. 124). No caso de Freyre, a questão poderia ser formulada *a contrario*: o “pacto antibiográfico” proposto por ele em *Dona Sinhá* seria suficiente para subtrair-lhe o caráter de escrito autobiográfico?

Certamente que não. Apesar de se tratar de uma história ficcional, os vários pontos em comum entre a vida de Freyre e a de dois dos protagonistas deixam claro que, ao menos em partes, trata-se, de fato, de escrito autorreferente. Os relatos acerca das reflexões de José Maria sobre a masturbação, por exemplo (1964, p. 32; p. 34) se assemelham muito aos de *Tempo morto*, bem como as descrições das visitas dos homens aos prostíbulos (1964, p. 40). Ao final do livro, inclusive, o próprio Freyre o admite; para compor a obra, buscou colocar em prática

O ultrarrealismo, quase sempre empático, pela identificação do autor com um ou com alguns dos seus personagens, a ponto de reconstituir-lhe a consciência e até o inconsciente (...) difíceis combinações da técnica de ficção com a da confissão ou a da autobiografia, com a da reconstituição biográfica ou histórica, com a do comentário sociológico ou filosófico, em torno de assuntos postos em relevo pela novela ou pelo romance (1964, p. 182).

²⁷ O tema é aprofundado no terceiro e último tópico deste capítulo.

O livro seria a realização, em partes, da ideia de Freyre de escrever uma história da infância no Brasil, mesclando relatos autobiográficos com relatos ouvidos de outras pessoas, além de ser uma espécie de “confissão” das experiências sexuais do escritor. Nas reflexões do autor entremeadas à narrativa, ele se questiona acerca da natureza da obra: “ensaio ou romance? Dissertação ou novela? É a história de um menino que se não existiu fora de nós existiu dentro dos antepassados de alguns de nós e até ainda existe dentro de nós próprios” (1964, pp. 41-42).

É na boca do personagem João Gaspar, irmão de Dona Sinhá, que Freyre coloca a maior parte dos discursos acerca de masculinidades, feminilidades, sexualidades, ideais de virilidade. Talvez não correspondam às crenças do próprio autor a respeito de tais questões, porém consistem em testemunho do que, para ele, constituía o ponto de vista de certos segmentos da sociedade brasileira no início do século XX.

Em determinada passagem, o personagem em questão afirma que, para ele, homem “só reza na hora da morte. (...) A não ser quando se torna padre de verdade. Mas padre de verdade não é homem: é mais mulher do que homem. Passa de menino a mulher quase sem ter sido homem” (1964, p. 52). Nesse ponto de vista, ausência de relações sexuais advindas do voto de castidade constituiriam, portanto, verdadeiro óbice à construção da masculinidade.

Pouco mais adiante, o mesmo personagem enumera as características que, no seu prisma, seriam essenciais para que o sobrinho, José Maria, tivesse se tornado um homem de fato: “Eu fiz tudo para fazer dele homem. Homem às direitas. Homem que andasse a cavalo, caçasse raposa com os moleques, tomasse banho no Una, deflorasse moleca, emprenhasse diana de pastoril” (1964, p. 53). A realização de atividades físicas, como a cavalgada e a caça, unem-se, aqui, ao contato com a natureza selvagem e à prática do sexo desregrado, como atitudes que permitiram uma performance de gênero e sexualidade plenamente masculinas.

A questão da criação e do papel exercido pelo pai e pela mãe (ou de uma figura masculina e uma figura feminina) na construção da masculinidade também se fazem presentes no discurso do personagem José Gaspar. A esperança do personagem é de que o sobrinho, através de sua figura paternal, ficasse parecido com ele:

Que gostasse de mulher ainda mais que de cavalo. Que gostasse de ver crescer cana nos canaviais. Que gostasse de ver moer engenho. Que gostasse de ouvir gemer carro de boi. Que gostasse de modinha cantada ao violão pelos cabras, também peritos na espingarda de matar paca (1964, p. 67).

Em lugar disso, contudo,

Saiu-lhe o sobrinho, em vez de um novo Wanderley dessa espécie, aquele donzelote, medroso de mulher e medroso de cavalo, que os moleques de São José chamavam de Sinhâzinha. E isso, porquê? Porque Sinhá desde que enviuvara vivia com o menino nas igrejas, a ouvir missa, a se confessar, a comungar, a acompanhar terço, a seguir novena, a vestir o filho ainda criança de padre, para as procissões, a deixar-lhe o cabelo crescer como o dos anjos dos altares e o das meninas do Colégio de São José. Vocação? Não era ele, Gaspar, que estava seguro disso. Deformação é que ao seu ver tinha sofrido o sobrinho da parte da própria Mãe e dos frades estrangeiros, seus aliados (1964, p. 68).

Freyre, entretanto, ao assumir a voz do narrador, em primeira pessoa, pontua sua discordância de tal ponto de vista. Trata-se de um dos trechos nos quais o autor sustenta suas teses a respeito da sexualidade: a de que tal questão não seria plenamente inata, mas também não seria determinada pelo ambiente, e sim fruto de ambos os fatores. O autor procede, então, a uma interpretação de cunho psicanalítico acerca da figura masculina e da figura feminina sobre o desenvolvimento da sexualidade da criança.

Conforme já se afirmou, Freyre escreveu uma continuação para o livro: *O outro amor do dr. Paulo*, publicado em 1977. Na obra, se narra a história de como Paulo Tavares, um dos protagonistas da “seminovela” anterior, retorna à Europa após a recusa de Dona Sinhá em casar-se com ele. Lá, Paulo conhece uma “sinhazinha” brasileira, Maria Emília, “o outro amor” referido no título. Em meio aos relatos das viagens pela Europa e de retorno ao Brasil, encontram-se diversas reminiscências de alguns dos acontecimentos e personagens da história anterior.

Um dos aspectos que chama atenção no livro é a constante relação estabelecida entre sexo e paladar (1977, pp. 8-9; p. 53), que se encontra também em vários outros escritos de Freyre, como em *Tempo morto*, *Dona Sinhá*, *De menino a homem* e *Casa-Grande & Senzala*.

Outro ponto curioso é a frequente descrição que se faz no livro das mulheres francesas: tanto das que moram no Brasil quanto das que são encontradas por alguns dos personagens na própria França. As mulheres francesas aparecem, nestes relatos, como detentoras de saberes do sexo que se destacam das outras mulheres. O autor/narrador chega a afirmar, em certa passagem, que

O nome de Paris era o que sugeria a muitos, quer na América do Sul quer noutras partes do mundo: o máximo de licenciosidade. Todos os abusos que

se pudesse imaginar do ato sexual. Ou dos atos sexuais como ato plural. Todos os requintes. Todas as perversões. Todos os desvios (p. 184).

De acordo com Durval Muniz, a presença das cortesãs francesas na corte do Rio de Janeiro é um dos temas recorrentes nos relatos dos autores que abordam questões de sexualidade e masculinidade na história do Brasil.

A descrição de hábitos sexuais de outros povos, assim como nas demais obras analisadas, se faz presente em *O outro amor*. É o caso, por exemplo, da narrativa acerca de um suposto “culto a Satã” que haveria em Paris à época, onde “havia lugares escondidos da polícia civilizada em que rolavam pelo chão, inteiramente nus e lubrificados, homens e mulheres, aclamando em Satã o rei do sexo livre” (1977, p. 21). Pouco mais à frente, segue-se uma menção a um estilo de dança: “o cakewalk, por exemplo, tinha alguma coisa de maxixe. Ou de samba. Era tropicalmente sensual” (idem, p. 21). Interessante notar que as inglesas não são descritas de maneira tão lisonjeira quanto os “belos adolescentes louros de Oxford”: “inglesas quase sempre feias, magras, angulosas, sem graça de latinas nem quindins de brasileiras” (idem, p. 85). Na descrição de uma viagem que os personagens fazem a Pompéia, há uma interessante menção à parte proibida ao público em geral que lá haviam então: “é claro que nem todas as sobrevivências de Pompéia foram admiradas por todos os visitantes brasileiros. Algumas só pelos homens. Obscenidades. Flagrantes eróticos. Cenas lubrificadas. Algumas escandalizaram o barão um tanto pudico” (idem, p. 156).

As narrativas de viagens de Freyre contemplam também, como já afirmado, descrições de “tipos” masculinos e femininos observados por ele nos lugares que visitou. É o caso, por exemplo, de correspondência a Oliveira Lima, na qual dá conta da viagem de navio que estava fazendo dos Estados Unidos à Europa, em 1922:

Há alemães gordos e moles, sempre no ‘bar’, esvaziando a cerveja e comendo sanduíches de queijo. Há ingleses altos e magros e tão leves que parecem ir voando tombadilho afora na maciez de seus sapatos de borracha. Um deles, ontem, muito cheio de *wiskey*, queria que eu o ouvisse recitar versos dele. Disse-lhe que era careca - o que não indica poetar. Ele bradou indignado que Horácio era calvo. Há um japonês sempre a ler - que estranho - Tolstoy. É também respeitável ‘pau d’água’. Há um advogado americano tão cosmopolita que não parece americano e muito menos advogado. É verdade que foi educado em Paris (GOMES, 2005, p. 144).

Mais uma vez, aqui, Freyre relaciona a obesidade (nesse caso, dos alemães) com um campo semântico negativo; os ingleses, por outro lado, são descritos como magros e ágeis. A calvície, curiosamente, aparece também como traço negativo na imagem masculina para o autor, enquanto o cosmopolitismo se apresenta como traço

positivo e que é dado a perceber como traço de educação em Paris, um dos grandes centros políticos e intelectuais do período.

De volta a *O outro amor*, através da descrição que Freyre faz do personagem principal do livro, é possível perceber diversas das características que considerava adequadas a um homem da época:

[Paulo] Era simpático. Tinha boa voz. Vestia-se bem, embora sem exageros de *dandy*. Apresentava-se sempre bem penteado, bem lavado, limpo. Os bigodes bem tratados. Tinha umas mãos ao mesmo tempo fortes e delicadas. Másculas e sensíveis. Os olhos inspiravam confiança. Sabiam comandar antes que ele fizesse ao enfermo qualquer recomendação que importasse numa ordem (idem, pp. 34-35).

Freyre trata também das distinções entre a educação reservada a meninos e meninas no Brasil do final do século XIX. Em determinada passagem, aponta para os cuidados de que se revestia a criação das meninas, fosse por parte dos pais, das mães ou das escravas. Apesar disso, afirma que elas

achavam jeito de gozar de liberdades aparentemente só de meninos. Trepavam em árvores. Armavam arapucas para apanhar passarinhos. Montavam a cavalo. Viam às escondidas brigas de canários e até de galos. Tinham meios secretos de se afirmarem e de serem um tanto livres. (...) a criação de meninas, nem sempre de todo em contraste com a dos meninos. Menos, é claro, com relação a experiências ou a antecipações sexuais, para as quais os meninos haviam tido, na época, uma liberdade que faltara, quase sempre de modo absoluto, às suas resguardadas e vigiadas irmãs" (idem, p. 56).

Em mais um dos trechos de sua escrita autorreferente nos quais o autor busca esboçar sua tão alentada história das crianças brasileiras, Freyre enxerga com bons olhos a criação mais livre das meninas, na qual em alguns momentos as fronteiras entre o tratamento reservado aos meninos poderia ficar borrada. A vedação às aventuras sexuais para as meninas, contudo, se faz presente e é realçada pelo autor em suas análises.

A última das obras aqui tratadas, *De menino a homem*, foi concebida por Freyre como uma continuação de *Tempo morto*. Sua elaboração, contudo, foi interrompida pela morte do escritor, em 1987; e publicada apenas em 2010 - mais de vinte anos, portanto, após o seu falecimento. Acerca das obras mencionadas, afirma Quintas (2010) que

seus dois livros de memória, o primeiro em forma de diário – *Tempo morto e outros tempos* – e o segundo em forma de jorro coloquial – *De menino a*

homem –, foram construídos na maturidade como resultado de uma imersão na cronologia da vida (p. 22).

O próprio Freyre esclarece, em advertência ao leitor, que buscou elaborar a obra a pedido da editora - à época, a Livraria José Olympio -, porém que não o faria nos mesmos moldes, já que haveria perdido o costume de manter diários após 1930. De todo modo, tratam-se de “[evocações] um tanto à vontade, [de] cotidianos da década trinta e da quarenta, e possíveis transbordamentos dessas décadas na cinquenta e até, por vezes, na sessenta e a setenta” (2010, p. 27).

O autor apresenta aqui, novamente, percepções acerca das populações dos lugares pelos quais passou. Freyre se dirige, em 1931, do exílio em Lisboa, para os EUA, a convite da Universidade de Stanford, para ministrar um curso no bacharelado e outro no doutorado. Acerca da universidade, comenta: “universidade de ricos. De jovens ricos. Ricos, eugênicos, belos” (idem, p. 36). Já sobre San Francisco e suas mulheres, e novamente associando sexualidade e paladar, observa que “a cidade de San Francisco (...) primava por uma expressão de arte culinária que lhe dava atraente feminilidade. (...) Sexo e paladar andam, por vezes, juntos. Mulher que não se interessa por culinária dá ideia de não ser de todo ‘sexy’” (idem, p. 38).

Já no final do livro, Freyre apresenta um relato surpreendente acerca de seu encontro, já havendo retornado ao Brasil e após a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, com a Baronesa de Estrela, remanescente da corte de Pedro II, com a qual o sociólogo colheu relatos para a elaboração de *Sobrados e mucambos*. A crer na narrativa de Freyre (que também insere o acontecimento em *O outro amor*), a baronesa, já idosa, teria levado a mão dele ao seu seio, de modo a demonstrar que, apesar da idade, ainda era dotada de atributos físicos atraentes, “sua feminilidade a afirmar-se de modo o mais decisivo” (2010, p. 144).

4.2 INTERPRETAÇÕES SOCIOLÓGICAS

A obra sociológica de Gilberto Freyre é, também ela, dotada de caracteres autorreferentes, como afirmou em mais de uma ocasião o próprio autor. Para os fins pretendidos nesta pesquisa, se intentará uma análise cruzada das fontes referidas anteriormente com as duas primeiras interpretações sociológicas de Freyre. A primeira delas é a dissertação de mestrado do autor na Universidade de Columbia em 1922: *Vida social no Brasil nos meados do século XX*, que foi publicada aqui apenas

em 1964, traduzida do original em inglês. No prefácio à edição em português, ao tratar do caráter autorreferente da obra, Freyre reconhece,

em esforço de auto-crítica relativamente fácil de ser feito por indivíduo de idade já provecta com relação a trabalho de adolescência, que o seu ensaio de 1922 escreveu-o quase de um ponto de vista único e este - admite - personalíssimo: o de um neto ou bisneto que procurasse reconstituir parte da vida mais íntima vivida pelos seus avós e pelos seus bisavós, uns na meninice, outros na idade já madura (p. 52).

Mais à frente, o autor chama também atenção para o que considera um dos caracteres inovadores do trabalho, ao afirmar que, nele, utilizou pioneiramente, “como critério de (...) interpretação de um momento histórico (...) o aspecto intimamente sexual desse momento, talvez não se encontre, tão específico, em nenhum trabalho anterior ao seu, publicado em qualquer língua” (1964, p. 58). Freyre atribui tal caráter inovador ao seu contato com a *New History*, às ideias de Franz Boas, aos estudos de História Social e Antropologia Cultural de Oxford.

A dissertação de mestrado de Freyre serviu como um ensaio para sua interpretação sociológica posterior, conforme admitido pelo próprio autor e por estudiosos de sua obra. Deste modo, é também de interesse do presente trabalho lançar mão da obra-prima de Freyre, que o consagrou como intérprete do Brasil e pela qual é lembrado até a atualidade: *Casa-Grande & Senzala*. Publicada em 1933, a obra é também dotada de aspectos autorreferentes. O próprio Freyre chegou a afirmar, dela, que se trata de uma “autobiografia coletiva” do povo brasileiro. Para além disso, contudo, o livro contém diversos relatos de experiências e impressões vividos individualmente pelo próprio Freyre, e que foram, mais tarde, expressos por ele nas fontes aqui analisadas.

Em *Vida social*, Freyre aborda diversas questões relativas à sexualidade, às distinções entre os gêneros, à construção da masculinidade. Muitos dos pontos de vista ali expressados se repetem em *Casa-Grande & Senzala*, como, por exemplo, os que dizem respeito à miscigenação entre portugueses, africanos e indígenas, além dos abusos cometidos por senhores contra seus escravos.

Um dos aspectos abordados por ele na obra e que encontram eco em outros escritos autorreferentes é a questão da educação que era dispensada a meninas e meninos no Brasil do século XIX. Da menina, afirma que “aprendia a delicada arte de ser mulher. Música, dança, bordado, orações, francês e às vezes inglês, leve lastro de literatura, eram os elementos da educação de uma menina num internato escolar”

(1964, p. 116). Por outro lado, da educação dos meninos afirma que, “em geral, estudava o colegial dos meados do século XIX com afinco sua Gramática latina, sua Retórica, seus clássicos franceses, sua História Sagrada, sua Geografia” (idem, p. 120). Deste modo, percebe-se que a educação feminina era mais centrada em assuntos relativos à arte, à religiosidade e aos afazeres domésticos, enquanto a masculina se dava num compasso mais “intelectual”, voltado à preparação para os cursos superiores, para a vida militar ou religiosa.

Em *Vida social* é tratado também o papel dos rios na vida das famílias brasileiras do período, tanto das abastadas, que moravam nos sobrados, quanto das mais pobres, que se utilizavam dos rios para a pesca, o transporte e a higiene. O papel dos rios na vida “romântica” de rapazes e moças encontra eco em passagem de *O outro amor*, na qual o protagonista traz à memória as serenatas realizadas para as moças:

Águas arrebatando em arrecifes; (...) atraindo moças de cabelo solto que se perdiam nelas, depois de terem-se deixado perder por donjuans cantadores de trovas ao luar, que subiam o rio em botes românticos. Paulo se lembrava de ter ele próprio saído uma vez, rio acima, de bote, noite de lua, numa serenata a umas moças de Ponte d'Uchoa. Tudo muito romântico. Eles cantando no bote. Elas ouvindo de longe as trovas, das varandas do sobrado, um vasto sobrado que dava a frente para o rio, só se vendo das moças as sombras (1964, p. 156).

Outro tema recorrente nos escritos autorreferentes de Freyre, e que reverbera em suas análises sociológicas, é a questão do “impulso endogâmico” que estaria presente na sociedade brasileira. Tal assunto é abordado em obras como *Casa-grande*, *Tempo morto*, e *O outro amor*, sendo uma constante nas produções intelectuais do autor.

Ao tratar de sua própria experiência a respeito, Freyre afirma, em *Tempo morto*, episódio elucidativo sobre o tema:

Hoje, indo a uma casa de mulheres com alguns amigos, S. R. notou minha preferência por uma jovem, quase ainda menina; e reparou que a tal jovem se assemelhava a uma prima minha com quem ele parece desconfiar que eu tenho atualmente um ‘caso’. É que, na verdade, sou um endogâmico – que ótima palavra sociológica! – e me sinto quase sempre atraído por mulheres, quando brancas, que se pareçam com minha Mãe, primas, irmãs; exógamo eu sou na minha atração, que é grande, por mulheres de cor (1975, p. 231).

O autor atribui tal preferência de sua parte a uma espécie de tradição familiar, que teria sido herdada dos tempos de dominação senhorial em Pernambuco e outros

lugares do Brasil. Em trecho de *Dona Sinhá*, o autor afirma, de sua família, que “os Wanderleys legítimos quase sempre foram, em Pernambuco, até o fim do século XIX, homens admiradores de mulatas e detratores de mulatos. Arianistas, por um lado. Campeões da miscigenação, por outro” (1964, p. 22, grifado no original). Ele relata também o “rapto” de uma prima por seu irmão, Ulisses, que casou-se com ela, ao que parece, à revelia da família. Ao justificar tais “impulsos”, Freyre defende tanto a “endogamia” quanto a diferença de idade entre ambos, ao afirmar que “há quase sempre, na mulher, alguma coisa de incestuosamente filial no seu amor por um homem; e no amor de homem por mulher, alguma coisa de incestuosamente paterno” (idem, p. 244).

Também em *O outro amor* Freyre demonstra sua opinião favorável ao que considera o caráter endogâmico da sociedade brasileira, principalmente das elites: argumenta que “fora vantajoso para o Brasil sua sociedade endogamicamente aristocrática de casas-grandes e de sobrados patriarcais” (1977, p. 45). Chega a afirmar, através do personagem Camargo, que D. Pedro II, já exilado na França, apaixonou-se por uma sobrinha, Antônia, seguindo assim a tendência endogâmica e “para-incestuosa” do Brasil patriarcal (idem, pp. 61-62). Compara, nesse sentido, as sociedades da Grécia antiga e do Brasil patriarcal, “civilizações telúricas, sociedades, uma e outra, acentuadamente endogâmicas e, favorecidas pelo modo endogâmico de serem sociais, incestuosas nas suas tendências” (idem, p. 193).

No que diz respeito ao papel de destaque assumido por relatos, descrições, análises e interpretações de caráter sexual contidos nas obras sociológicas de Freyre, alguns estudiosos da obra do autor já afirmaram que se trata, na verdade, de olhar para suas próprias experiências, reflexões e questões internas. Acerca do tema, afirma Ventura (2002) que

Casa grande & senzala pode ser lido como uma autobiografia sexual, em que Freyre dá compreensão histórica ao seu entusiasmo pelas mulatas (...). Sua predileção pelas mulatas se ancoraria no gosto imemorial dos colonizadores portugueses pela ‘mulher de cor’, desde os tempos do cativo árabe na Península Ibérica até o latifúndio escravocrata nas plantações brasileiras (p. 213).

Não apenas a interpretação sociológica de Freyre pode ser lida por esse viés, mas também suas produções mais marcadamente autorreferentes. A esse respeito, afirma ainda Ventura que

A obra ensaística de Freyre tem uma inflexão autobiográfica (...). Muitas das motivações pessoais e sexuais de seu enfoque histórico-social se iluminam com a leitura de suas memórias em *Tempo morto e outros tempos*. Por sua vez, os aspectos mais encobertos de sua autobiografia, sobretudo aquilo que chamaria de seu 'homossexualismo transitório', se desdobram nos personagens *gay* de suas novelas, o filho padre de dona Sinhá e o dr. Paulo (idem, p. 217).

Na interpretação do autor, a busca de Freyre por compreender a própria história, tanto a nível individual quanto social, teria o objetivo de “redimir e conciliar as elites brasileiras com seu passado escravocrata e seu presente autoritário” (idem, p. 220). Outros estudiosos, contudo, vão ainda mais além na busca pela compreensão desta notória fixação de Freyre sobre os temas da sexualidade e dos papéis de gênero na formação da sociedade brasileira.

É o caso, por exemplo, das análises de Needell (1995; 2011) sobre a ligação entre a interpretação sexual e social de Freyre sobre o Brasil e a resolução de suas próprias questões de identidade nacional, intelectual e sexual. O autor pontua o fato de que Freyre, a princípio, pretendia escrever uma *história da infância* no Brasil; terminou, contudo, por elaborar uma interpretação acerca *infância da história* brasileira (NEEDELL, 2011).

O pensador enxerga a Revolução de 1930 como um marco na virada empreendida por Freyre em suas intenções iniciais. Tal acontecimento pôs um fim ao mundo de privilégios patriarcais enaltecido por Freyre em *Vida social*. Ao retornar à Europa e aos EUA, desta vez no contexto do auto-exílio ao lado de Estácio Coimbra, Freyre se viu instado a defender e celebrar sua identidade intelectual e nacional (NEEDELL, 2011).

Ainda de acordo com o autor,

Uma explicação importante para a utilização, por Freyre, da miscigenação como uma metáfora para as origens e a natureza do Brasil tradicional e hierárquico é a própria identidade sexual de Freyre. (...) Ao retornar ao Brasil na década de 1920, ele pode ter procurado resolver a questão de sua própria identidade sexual na mesma medida em que buscou resolver a questão de sua identidade cultural e de classe. Ele fez isso identificando-se com o senhor de engenho. Ao definir e identificar-se com uma persona senhorial tradicional, envolvendo o domínio das mulheres negras, ele pôs fim a uma era pessoal de ambivalência sexual e encontrou o caminho de volta às suas origens. Após o deslocamento no exterior, ele alcançou o envolvimento em casa (2011, pp. 15-16)²⁸.

²⁸ No original: “An important contributing explanation for Freyre’s embrace of miscegenation as a metaphor for the origins and nature of traditional, hierarchical Brazil is Freyre’s own sexual identity. (...) Upon his return to Brazil in the 1920s, he may have sought to resolve the issue of his own sexual identity at the same point that he sought to resolve the issue of his cultural and class identity. He did so by identifying with the planter. In defining and identifying with a traditional seigneurial persona involving the

Deste modo, não apenas os trabalhos de interpretação sociológica de Freyre, mas também suas obras de caráter mais marcadamente autorreferente, podem ser enxergadas como formas encontradas pelo autor de resolver questões relativas à sua própria sexualidade. A constante necessidade de tratar de tais temas chegou, inclusive, a ser definida pelo próprio Freyre como uma espécie de substitutivo da confissão católica ou da consulta de psicanálise (FREYRE, 1975).

4.3 O “AMOR PLATÔNICO” NA ESCRITA AUTORREFERENTE DE GILBERTO FREYRE

A utilização de conceitos e expressões que remetem à Antiguidade Clássica é uma constante na escrita de Gilberto Freyre. Em *Casa-grande & senzala*, por exemplo, os senhores de engenho são constantemente referidos como *pater familias* e seus filhos, como *filius familias* – expressões latinas que designam o chefe da família romana e seu filho, respectivamente. Além disso, na obra em questão, o autor estabelece diversos paralelos entre a sociedade colonial brasileira e as sociedades dos antigos gregos e romanos, como no que diz respeito a alguns aspectos da religião doméstica praticada em ambos os contextos.

Tal característica da produção freyreana pode ser observada, também, em suas obras autorreferentes. No que diz respeito às abordagens de Freyre quanto a temas relacionados a sexualidade e masculinidade, alvos desta pesquisa, ressalta o uso constante que o autor pernambucano faz de termos como *efebo*, *amor platônico*, *amizade platônica*, *amor socrático*, conceitos gregos que se fazem presentes na maior parte das vezes em que Freyre aborda especificamente a questão da homossexualidade.

Neste tópico, portanto, se faz um levantamento das passagens nas quais tais expressões, ou ideias a elas ligadas, aparecem nas quatro obras aqui analisadas – com destaque para *Tempo morto* – e os possíveis significados a elas atribuídas pelo autor, bem como algumas vivências a elas relacionadas. Busca-se, também, compreender os contextos nos quais se deram tais produções e experiências de Freyre.

domination of women of colour, he put an end to a personal era of sexual ambivalence and found his way back to his origins. After disengagement abroad, he achieved engagement at home”

O sociólogo pernambucano foi tocado pela influência do pensamento grego durante sua formação escolar. No Colégio Americano Batista Freyre frequentou aulas de latim e de grego, que faziam parte do currículo escolar à época. A crer nos relatos de *Tempo morto*, aos 15 anos Freyre traduzia textos em latim e grego – sendo que, neste idioma, chegava mesmo a compor versos; embora declare não ter “vocação para ‘Latinista’ nem para ‘Helenista’” (1975, pp. 5-6), aos 17 anos já se considerava iniciado em filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, “embora de modo nenhum senhor da filosofia de qualquer deles” (idem, p. 12).

A maior parte das entradas de *Tempo morto* que registram os usos das expressões anteriormente mencionadas estão sob a rubrica “Oxford, 1922”. A curta permanência de Freyre naquela universidade inglesa, como visitante – tendo já concluído a graduação e o mestrado nos Estados Unidos – exerceu profundas marcas no pensador pernambucano. Como ele mesmo admite em entrevista a Antonio Callado, décadas depois: “Oxford foi o lugar, o meio onde melhor me senti no mundo. O tempo em que lá estive foi a época paradisíaca da minha vida” (1962, p. 106).

Algumas das entradas dos diários de Freyre, durante sua estadia em Oxford, que contém seus relatos em torno dos temas acima enunciados, dizem respeito às festas que ocorriam nos *colleges* oxonianos, frequentadas tanto por alunos quanto por professores. Durante tais eventos, regados a muito vinho do Porto, era comum identificar, seguindo as descrições do sociólogo, mostras da intensa amizade que se desenvolvia entre aqueles sujeitos. É o que deixa claro o seguinte trecho:

Continuo com a impressão de que nos *parties* de vinho do Porto aqui em Oxford, que mais de uma vez tenho visto terminarem em danças de rapazes uns com os outros, há alguma coisa de grego, de helênico, de sublimação de amizade em amor; em amor platônico cuja lembrança, depois de passados os *Oxford days*, se dissolve em pura amizade (1975, p. 100).

A ideia de Freyre acerca do que seria tal “amor platônico”, portanto, remete a algo passageiro, efêmero. Um momento típico da juventude, fruto da convivência no ambiente universitário oxoniano, que se evanesceria com o passar do tempo. Tais impressões também ficam claras numa entrada mais adiante, na qual Freyre informa que

Em Oxford não são de todo raras as danças de rapazes com rapazes: danças animadas por muito vinho do Porto que para os ingleses é o vinho dos vinhos. São danças que às vezes terminam em beijos e abraços. (...) Em Oxford, o que se encontra é, antes, a tendência para intensas amizades de rapazes com rapazes semelhantes às que existiam – suponho eu – entre os gregos platônicos. Podem ter às vezes alguma coisa de homossexual. Mas, quase

sempre – é o que me parece – um homossexualismo [sic] transitório. E não só transitório: platônico (1975, pp. 102-103).

Como se percebe em ambos os trechos, as descrições de Freyre relativamente às festas, à dança e ao vinho são seguidas por análises nas quais ele enxerga, ali, mostras de um amor “grego”, “platônico”, “transitório”. Mas o que o autor pernambucano queria dizer com tais termos? Tratava-se de relações meramente “idealizadas”, ou dava-se, de fato, a consumação de tais amores no plano físico?

Para responder a tais questionamentos, faz-se necessária uma digressão ao chamado “Oxford Movement”, e ao movimento literário daí derivado, o “Uranismo”, cujas análises permitem a compreensão do ambiente encontrado por Freyre na Universidade de Oxford em 1922 e as vivências e relatos daí decorrentes.

4.3.1 Oxford Movement, Uranismo e o ambiente homosocial oxoniano

A Universidade de Oxford passou, durante a Era Vitoriana (1837-1901), por uma série de reformas acadêmicas que ficaram conhecidas por *Oxford Movement*. Com raízes no Tratarianismo²⁹, havendo dele herdado o postulado da necessidade de modificações no sistema de tutoria vigente na universidade à época, o *Oxford Movement* alcançou seu auge durante as décadas de 1850 e 1860, tendo à frente os clérigos e professores John Newman e Benjamin Jowett.

Embora o sistema de tutoria já existisse desde o século XVII, à época de Newman e Jowett tratava-se apenas de uma formalidade que, em seus pontos de vista, não atingia os potenciais de professores e alunos. Tal prática, consistente no acompanhamento, por parte de um professor, do desempenho de seus alunos (por meio de atendimentos individuais ou de pequenos grupos), era considerada, de maneira geral, distante e fria. Dentro da proposta dos clérigos, a tutoria deveria consistir numa relação íntima entre tutores e estudantes, tanto de ensino quanto de amizade e de acompanhamento pastoral – dado que, até 1854, os professores-tutores eram, necessariamente, membros ordenados da Igreja Anglicana (DOWLING, 1996).

Vinculado ao *Balliol College* da Universidade de Oxford, onde exerceu as funções de clérigo, tutor e professor, Jowett acreditava que a formação oferecida pela universidade não atendia, de modo geral, às demandas de uma sociedade inglesa em

²⁹ Movimento religioso anglicano liderado por John Newman e Edward Pusey, assim denominado devido à difusão, de 1833 a 1841, dos *Tracts of the Times*, publicações de cunho teológico que pregavam a reaproximação entre as Igrejas Anglicana e Católica.

plena transformação. Para ele, a supressão dos resquícios feudais levada a cabo pela Revolução Francesa em toda a Europa e a crescente dinamização da economia e da sociedade inglesas, acarretada pela industrialização e pelo imperialismo, demandavam uma renovação na formação intelectual das lideranças da Inglaterra. Jowett esforçou-se, tanto em sua prática pessoal quanto através de determinações administrativas, por reforçar os laços de proximidade e amizade entre alunos e professores por meio da tutoria.

Do modo como concebida por Jowett e pelos demais reformadores, a tutoria deveria consistir num acompanhamento próximo entre as atividades de alunos e professores. Os encontros individuais ocorriam semanalmente, e durante tais momentos de intensa proximidade entre mestre e discípulo, dava-se a supervisão para os preparatórios dos exames, além de debates sobre temas específicos e da tentativa de superação de eventuais dificuldades de aprendizado dos alunos.

O objetivo de Jowett era preparar seus pupilos para a ascensão aos principais postos da sociedade inglesa, fosse na Igreja Anglicana, no Parlamento ou nos cargos administrativos espalhados pelo Império Britânico. Descritos por alguns estudantes como experiências intensas e de autodescoberta intelectual, os encontros de tutoria com Jowett já foram interpretados, por um de seus biógrafos, como uma forma de sublimação de pulsões homossexuais³⁰. Seja como for, é necessário compreender a prática da tutoria em seu contexto histórico e social. Para Linda Dowling (1996),

quando a vemos em seu contexto original de meados do século XIX, de profundas e conflitantes angústias sociopolíticas, a tutoria de Jowett torna-se visível como um instrumento de profunda mudança ideológica, como uma estrutura tradicional agora implantada para novos propósitos, canalizando efetivamente um novo evangelho secular de autodesenvolvimento intelectual e diversidade nas almas da elite cívica que guiaria a Grã-Bretanha, como acreditava Jowett, através do deserto escuro do fim do século (p. 33)³¹.

Desta forma, é admissível concluir que a reformulação do sistema de tutoria levado a cabo no período em questão, aliado ao fato de que, até então, apenas homens eram admitidos em Oxford – fosse enquanto alunos ou enquanto professores – levou ao desenvolvimento, na universidade, de um ambiente de “homossocialidade masculina”. Ainda segundo Dowling, “a tutoria universitária começou a funcionar em

³⁰ FABER, Geoffrey. *Jowett: a portrait with background*. Londres: Faber and Faber, 1957.

³¹ No original: “when we view it against its original mid-nineteenth-century background of deep and conflicting sociopolitical anxieties, Jowett’s tutorial becomes visible as an instrument of profound ideological change, as a traditional structure now deployed to new purpose, effectively channeling a saving new secular gospel of intellectual self-development and diversity into the souls of the civic elite who would guide Britain, as Jowett believed, through the darkening wilderness of the century’s end”.

Oxford como um veículo para a intensificação de vínculos recíprocos de interesse, carinho e obrigação masculinos aos quais a teoria cultural moderna deu o nome de ‘homossocialidade masculina’” (p. 35)³².

O conceito em comento foi trabalhado por autoras como Butler (2017), Irigaray (1985) e Sedgwick (1985). Trata-se de uma necessidade de interação entre homens, que não corresponde, necessariamente, a um desejo sexual (consciente) entre eles. No âmbito de uma economia falocêntrica³³, assim, as relações se dariam sempre entre homens, e nunca entre homens e mulheres – estas últimas seriam invariavelmente, do ponto de vista masculino, apenas o objeto das relações entre os homens, e nunca sujeitos com os quais os homens se relacionariam.

No que concerne à dinâmica da Oxford vitoriana, tal ambiente *homossocial* possuía o potencial de estimular o surgimento de relações *homossexuais*, tanto entre alunos quanto entre professores e alunos. Ensina Pinto (2017) que

A pederastia grega e o homoerotismo romano, retratados nos textos e na arte clássicos, serviam de temas às discussões entre os jovens alunos [de Oxford] e seus professores, que poderiam acontecer em ambientes íntimos, longe dos olhos dos censores e do grande público. A aproximação com a dinâmica da relação do erastes com o erômenos não poderia ser ignorada (p. 136).

No que diz respeito às figuras do “erastes” e do “erômenos”, tratava-se, em algumas sociedades gregas da Antiguidade, dos papéis assumidos por um homem mais velho, o “erastes”, e um rapaz mais jovem, em transição para a vida adulta, o “erômenos”. Um dos rituais de passagem da infância para a vida adulta entre os homens em tais sociedades consistia na relação entre este homem mais velho e o mais novo, que envolvia, dentre outras iniciações, a de caráter sexual. Segundo Maurice Sartre (2013),

Desde há muito tempo, os historiadores quiseram considerar estas ‘amizades particulares’ como uma camaradagem educativa, uma relação platônica onde toda dimensão sexual estava ausente. O vocabulário desmente esta interpretação, e a escolha do ativo ‘erasta’ e do passivo ‘erômeno’, para designar o adulto de um lado e o adolescente de outro, tem uma clara conotação sexual (p. 50).

Outro dos desígnios levados a cabo por Jowett tratou da reformulação curricular do curso de *Literae Humaniores* da universidade, também conhecido como

³² No original: “the college tutorial began to function at Oxford as a vehicle for the intensifying reciprocal bonds of masculine interest, affection, and obligation to which modern cultural theory has given the name ‘male homosociality’”.

³³ Em linhas gerais, trata-se de conceito que busca exprimir a organização de um determinado grupo ou sociedade na qual se dá uma proeminência do masculino em detrimento do feminino.

Greats (curso de “Estudos Clássicos”). Preocupado com o que percebia como sendo uma estagnação cultural da sociedade industrial inglesa, problema cuja solução passaria por um maior dinamismo na formação clássica oferecida por Oxford, Jowett tencionou, junto a outros pensadores helenófilos, “alargar os horizontes dessa instituição, tornando-a influente na esfera cívica e imperial da sociedade” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 127).

Para tanto, uma das principais atitudes tomadas foi a revisão dos conteúdos ensinados no curso em questão. Os estudos da história, língua, literatura e filosofia da Grécia Antiga adquiriram preeminência em relação a seus equivalentes latinos. Como salienta Pallares-Burke, “Não somente o latim e o mundo greco-romano perdem a primazia, substituída agora pela Grécia ateniense e seus ideais (...) como a própria abordagem dos estudos clássicos se vê transformada” (2005, p. 127). O pensamento de Platão e Sócrates, os filósofos gregos mais admirados por Jowett e por outros reformadores, tornou-se preponderante na formação dos alunos, em lugar do pensamento de Aristóteles, hegemônico até então. Além disso, perdeu força a análise de particularidades gramaticais dos textos clássicos, que passaram a ser estudados em seus aspectos mais amplos.

Tal movimento não se deu de maneira isolada. Havia na sociedade vitoriana um helenismo pronunciado, em parte graças à obra *A history of Greece*, de George Grote. Publicado em 1846, o livro de Grote transformou a visão dos ingleses vitorianos com relação à Atenas antiga.

O ideal republicano romano, antes predominante na sociedade inglesa, centrava-se na preeminência da *virtus* cívica e marcial, componentes fundamentais do “ideal do guerreiro”. Tal ideal, consoante as análises de Mosse (1985) e Oliveira (2004), esteve ligado à construção do nacionalismo em diversas nações na Modernidade, inclusive na Inglaterra. Conforme Mosse, “O [ideal do] guerreiro fornece um clímax para um conceito de masculinidade em muito inerente à construção da masculinidade moderna” (p. 107)³⁴. Apesar disso, ambos os autores entendem que o triunfo da burguesia no período que se seguiu à Revolução Francesa levou a modificações nos ideais de masculinidade vigentes até então.

No pensamento de Oliveira (2004), a contradição entre o ideal do homem guerreiro, rude, disposto a se sacrificar pela pátria, e o homem disciplinado, sereno, típico burguês, é apenas aparente: as sociedades modernas buscaram equilibrar

³⁴ No original: “The warrior [ideal] provides a climax to a concept of manliness inherent in much of the construction of modern masculinity”.

ambos os aspectos na formação dos meninos, de acordo com contextos de guerra ou de paz:

ainda que aparentemente antagônicas, as características que unem o guerreiro heroico ao homem comedido e sereno, protótipo do laborioso pai de família, não são excludentes e impossíveis de ser cultivadas simultaneamente. Prova disso foi o entrelaçamento dessas características que juntas formaram o alicerce do ideal moderno de masculinidade (pp. 43-44).

Com as transformações que ocorreram no período, dentre as quais a disseminação do helenismo, o ideal da *diversidade* cívica passou a vigorar, pregando o respeito às diferenças, o que estava mais sintonizado com o Liberalismo que passava a grassar na sociedade inglesa. Tais modificações pareciam haver criado um ambiente propício para o movimento literário que veio a ser conhecido por Uranismo.

É possível afirmar que vigorou, na Oxford do período em comento, uma espécie de “helenismo de cunho platônico”, encarado não apenas como estudo da Grécia Antiga, mas como instrumento para a renovação cultural almejada pelos reformadores. Colateralmente, contudo, tal fato foi decisivo para o surgimento do Uranismo, efeito não esperado pelos idealizadores do *Oxford Movement*.

O termo “uranista” (ou “uraniano”) tem origem no mito grego do nascimento da Afrodite Urânia, que surge do esperma de Urano quando o pênis deste é cortado por Crono e lançado ao mar³⁵. Em *O Banquete*, Platão distingue a Afrodite Urânia, arquétipo do amor sagrado, espiritual, da Afrodite Pandemos, nascida de Zeus e Dione, símbolo do amor profano, da atração física e da procriação.³⁶ É neste sentido que os uranistas ingleses utilizaram o termo para designar o amor entre dois homens, considerado puro e nobre, em oposição ao amor entre homem e mulher, cuja finalidade última seria a reprodução. Não que para Platão o amor *Eros* fosse, necessariamente, ausente da relação entre homem e mulher – era apenas considerado dispensável (enquanto que, entre homens, constituía condição necessária). Como leciona Foucault (2014),

entre dois cônjuges [homem e mulher] o *status* ligado ao estado de casamento, a gestão do *oikos*, a manutenção da descendência podem fundamentar os princípios de conduta, definir suas regras e fixar as formas da temperança exigida. Em compensação, entre um homem e um rapaz, que estão em posição de independência recíproca, e entre os quais não existe constrição institucional (...) o princípio de regulação das condutas deve ser

³⁵ HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013, pp. 41-45 (versos 154-206).

³⁶ PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

buscado na própria relação, na natureza do movimento que os leva um para o outro, e da afeição que os liga reciprocamente (p. 249).

Assim, os uranistas ingleses foram um grupo de autores, composto em sua maior parte por egressos do curso de *Literae Humaniores* de Oxford após as reformas empreendidas pelo *Oxford Movement*. Tais autores enxergavam na obra de Platão, especialmente em *O Banquete*, a justificação para as relações amorosas entre homens, que até então eram vistas de maneira negativa. Dentre os uranistas, destacam-se autores como John Symonds, Walter Pater e Oscar Wilde, cujas obras enaltecendo o amor entre homens remetiam ao modelo platônico de uma relação sublime, espiritual e nobre.

Tais autores tinham em comum uma produção poética distinguida pelo enaltecimento da *paederastia* – latinização do termo grego *paiderastês*, “amor por rapazes”. Entendida deste modo, a *paederastia*, da maneira como era concebida pelos uranistas, não pressupunha, a princípio, o contato sexual entre os amantes; tratava-se, antes, de uma relação espiritual, que se dava no campo das ideias, e não no da carne. Como lembra Pinto (2017), contudo,

Ainda que dissessem não procurar materializar a pederastia grega, somente desfrutá-la no mundo da filosofia, sempre pairava a dúvida do alcance de suas intenções. Seja como for, a delicada (e tensa) separação entre o amor carnal e o sublime amor platônico marcarão profundamente o movimento uranista, nunca o abandonando (p. 135).

Ainda assim, a defesa deste amor inocente, assexual, conferia certa legitimidade ao Uranismo, dado que, ao menos no que se refere ao discurso, escapava-se das “abominações” da sodomia.

A poesia uranista atingiu seu auge no final da década de 80 do século XIX, com o surgimento de algumas publicações cujo objetivo era o de propagar os trabalhos dos autores uranistas. As mais importantes destas publicações foram os periódicos *The Artist*, *The Spirit Lamp* (editada pelo Lord Alfred Douglas, amante de Oscar Wilde) e *The Chameleon*. Já no início do ano de 1920, uma última tentativa de publicação de periódico uranista, denominada *The Quorum*, foi levada a cabo pela *Sociedade Britânica para o Estudo da Psicologia do Sexo*³⁷; a publicação, contudo, não passou do primeiro número.

Tais publicações foram de grande importância para a consolidação de uma poesia uranista. Foi na revista *The Spirit Lamp*, por exemplo, que se publicou o

³⁷ *British Society for the Study of Sex Psychology*.

emblemático poema de Lord Alfred Douglas, *Two Loves*, no qual ele se refere ao amor entre homens como “o amor que não ousa dizer o nome” ³⁸.

Apesar disso, não havia uma organização dos poetas uranistas, devido ao receio de perseguições morais, legais e religiosas. O movimento conhecido por Uranismo durou curtos sete anos, que vão das primeiras publicações, em 1888, até 1894. Após o julgamento e a condenação de Oscar Wilde, em 1895, por corrupção da juventude e indecência sodomita, os autores uranistas se recolheram. Novamente seguindo a lição de Pinto (2017),

Em 1885, o aperto da legislação inglesa (edição da Criminal Law Amendment) contra as “práticas indecentes”, eufemismo para a prática da sodomia, acompanhado do tumultuado julgamento de Oscar Wilde (1854 – 1900) em 1895, provocaria uma grande onda de medo entre os intelectuais associados ao novo movimento estético helenista (p. 127).

Apenas mais tarde, com a fundação da mencionada *Sociedade Britânica para o Estudo da Psicologia do Sexo*, em 1913, se deu uma nova tentativa de enaltecer o amor entre homens através da poesia – o que, dado o fato de a publicação *The Quorum* não ter passado do primeiro número, não se mostrou uma empreitada bem sucedida.

Na perspectiva de Foucault (2015 [1973]), um dos elementos constitutivos da hegemonia da classe média na Inglaterra vitoriana teria sido a intensificação da produção dos discursos em torno do sexo. Defende o filósofo francês a tese de que não teria havido o desenvolvimento de estratégias de repressão do sexo; pelo contrário, ele avalia que ocorreu um estímulo à produção de falas acerca da sexualidade, o que possibilitaria a análise e o controle dos hábitos sexuais da população. Afirma ele que,

Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz (p. 38).

Neste sentido, pode-se dizer que o surgimento da poesia uranista se insere em tal movimento de incitação à produção discursiva sobre o sexo. Os poetas uranistas, de posse dos conhecimentos e vivências que lhes haviam sido oportunizados pelos estudos em Oxford, colocaram-se deliberadamente a produzir discursos, em

³⁸ No original, “the love that dare not speak its name”.

linguagem poética, que tratavam, em última instância, de pulsões sexuais. Por mais que, a princípio, o contato sexual não fosse mencionado – chegando, inclusive, a ser rechaçado no discurso de alguns autores – é evidente que se tratava, ali, de um grupo de homossexuais.

Na concepção de Dowling (1996), entreveem-se, aqui, as raízes da moderna identidade homossexual. A noção de uma *paiderastia* grega, colocada em destaque pelo helenismo de cunho platônico vigente em Oxford, convenceu muitos dos “invertidos” vitorianos de que os sentimentos homoeróticos que eles alimentavam em segredo poderiam simplesmente pertencer à experiência humana comum, em sua plena historicidade e densidade cultural.

Outros aspectos da Inglaterra vitoriana apontam para o desenvolvimento de um ambiente que possibilitou o surgimento de uma identidade homossexual durante o período. Consoante Foucault (2015 [1973]), não apenas o estímulo à enunciação de discursos em torno do sexo, mas também sua “cientificização” contribuíram para o fenômeno no século XIX. Afirmo o pensador francês que

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a *incorporação das perversões* e nova *especificação dos indivíduos*. A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem (...). O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (pp. 47-48).

Logo, é aceitável conceber o fenômeno da poesia uranista tanto como instrumento de produção discursiva a respeito do sexo e da sexualidade homossexual quanto como uma consequência de uma época que buscou analisar, ordenar e categorizar as práticas sexuais e seus praticantes. Os homossexuais, a partir de então enxergados como um grupo específico, passaram a buscar formas de expressão de seus desejos e de suas idiossincrasias, e a poesia uranista foi um instrumento importante para a perseguição de tal objetivo no final do século XIX.

4.3.2 Gilberto Freyre: um platônico dos trópicos

No que concerne ao diálogo entre autores uranistas e o pensamento e a obra de Freyre, ressalta a presença de dois autores específicos: Oscar Wilde e Walter Pater. Conforme expõem Larreta e Giucci (2007), “Os estudantes de Oxford subestimavam autores que Freyre havia lido com paixão, como Herbert Spencer e Oscar Wilde, considerado vulgar. Em compensação, Walter Pater estava na moda,

em consequência do *revival* estético” (p. 196). Estudiosos da obra do autor pernambucano consideram que o estilo ensaístico da obra de Pater influenciou fortemente o estilo que Freyre viria a desenvolver em suas obras.

Ao tratar de suas impressões acerca da presença da obra de Wilde e Pater em Oxford, Freyre atesta

que Oscar Wilde não é lido em Oxford como sei que é Walter Pater. Dizem-me que apenas um tanto. Nenhum entusiasta de Wilde no grupo. Um deles porém me diz que há em Oxford quem *pratique* o amor socrático. Não é de todo desprimoroso entre aristocratas embora o seja nas classes média e proletária. Recordo-me então do fato de que nos meus dias de menino e de colegial nunca tive uma experiência homossexual (1975, p. 104, grifo nosso).

Portanto, afigura-se claro, aqui, que não somente os próprios alunos da universidade inglesa tinham noção da existência de práticas homossexuais na instituição (referidas por Freyre, neste caso, como “amor socrático”), mas que tanto Freyre quanto seus colegas relacionavam diretamente tais práticas com a leitura das obras dos uranistas Wilde e Pater.

É plausível supor, assim, que na Oxford deste período ainda ressoavam ecos uranistas. Tal fato não se dava apenas em relação a produções literárias, mas ao próprio ambiente da universidade. Como analisa Pallares-Burke (2005),

esse tipo de amizade sentimental, intensa e ocasionalmente erótica entre rapazes continuava, na verdade, uma tradição oxfordiana que recuava ao menos a quase um século, à época dos fundadores do Oxford Movement, tais como E. B. Pusey, John Keble e J. H. Newman, que haviam transformado o tutorado de uma formalidade universitária seca e livresca em veículo de afeição e interesses recíprocos entre alunos e professores (p. 122).

Relativamente aos costumes de ordem sexual, o ambiente de Oxford no período chamou a atenção do sociólogo pelo caráter homoerótico das relações travadas entre alunos e entre alguns professores. Embora a admissão de mulheres já ocorresse desde 1919, os *colleges* femininos ficavam em locais afastados e não havia muito contato entre moças e rapazes. De acordo com Larreta e Giucci,

As observações de Freyre coincidem com as de outros habitantes de Oxford na época (...), que confirmavam ser visível a tendência à intensa amizade entre homens jovens – e entre jovens e *dons* maduros –, que Freyre compara à que havia na Grécia clássica. Assinala que contém componentes homossexuais, mas quase sempre esse sentimento tinha um caráter platônico ou de homossexualidade transitória (p. 193).

A leitura de *Tempo morto* deixa ainda o leitor em dúvida sobre se o próprio Freyre teria se deixado seduzir pelo ambiente homossocial/homossexual

oxoniano e se teria ele chegado a se envolver num desses relacionamentos “platônicos” com algum de seus colegas. É o que fica sugerido no seguinte trecho, por exemplo:

Cortejado não só por lindas inglesinhas como por mais de um louro inglesinho, desde que estou na Inglaterra. Sinto-me um pouco um Romeu moreno entre louras Julietas de toda espécie: inclusive Julieta que preciso de conservar platônico no sentido de todo não-carnal de platonismo (1974, p. 102).

Neste trecho, o autor dá a entender que, apesar de ter sido alvo de investidas por parte de colegas homens, sentiu que precisava manter possíveis relações de maneira “não-carnal”.

Alguns anos depois, contudo, em entrevista concedida ao jornalista Ricardo Noblat para a revista *Playboy*, por ocasião de seus 80 anos, Freyre falou com mais liberdade acerca do tema. Questionado pelo jornalista a esse respeito, o sociólogo afirmou: “alguém como eu, interessado em tudo o que é humano e, portanto, tive a curiosidade de ver o que era o amor não heterossexual; tive umas poucas e não satisfatórias aventuras homossexuais. Mas aí eu já tinha mais de 20 anos”. Logo mais à frente, contudo, faz a ressalva de que “foram experiências pálidas, não satisfatórias. Porque nenhuma delas fez de mim um homossexual (1980, p. 29).

Uma segunda compilação de diários/memórias de Freyre foi realizada por ele no final da vida, mas a publicação deu-se postumamente. A obra, intitulada “*De menino a homem: de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos*”, publicada apenas no ano de 2010, contém relatos bem mais “picantes” do que as que foram incluídas em *Tempo morto*.

É o que fica claro diante da leitura do seguinte trecho da obra, que remete ao período e aos eventos debatidos no presente tópico. Referindo-se às experiências homossexuais vividas ao longo de sua vida, Freyre relata o que segue:

aventuras sexuais em que eu tinha incorrido em raras ocasiões: as homossexuais. Sempre rarissimamente, com *efebos* que teriam se oferecido a mim, eu já jovem ou adulto, como se confirmassem *uma prática helênica, isto é, grega, de efebos a procurarem jovens já definidamente jovens, não só como protetores, porém como jovens também participantes de gozos homossexuais com expressões de beleza masculina*. Minha primeira experiência desse gênero, recordei já, que foi na década de vinte, numa Alemanha em guerra, onde estive durante dias de *débâcle*, de sofrimento, de dor, para a grande nação. E surpreendi casos de prostituição jovem, tanto feminina, como masculina. A masculina me tocou de modo mais particular, pelo seu aspecto impressionantemente estético de *efebos como que bissexuais na aparência e que como que solicitavam de jovens estrangeiros que fossem seus protetores*. E aos quais se entregavam em competição com jovens do sexo feminino, suas compatriotas e rivais em aparência estética e eugênica. Na mesma época, deixando a Alemanha pela Inglaterra, fui

encontrar *efebos do mesmo feitio helênico*: nada, no caso desses britânicos, por situações de extrema penúria, mas por pendor de admiração por jovens do mesmo sexo, de idade superior à deles. Tive com efebos dessa espécie, dois casos, rápidos e experimentais, por pura iniciativa deles, em Oxford. Tão nórdicos, eles, como o de meu caso na Alemanha. Será que havia em mim tendência para essa afinidade, da minha parte, sempre máscula, com *efebos esteticamente atraentes*? Suponho que nenhuma. Como menino, no Brasil, tomei conhecimento de casos de meninos, como que amigados com meninos e até de adolescentes amigados com adolescentes. Nunca, porém, tive a menor tendência para amizades desse tipo. Seguindo adolescente para os Estados Unidos, também aí, tomei conhecimento de amigações dessa espécie. Nunca me ocorreu circunstância que me favorecesse sequer curiosidade para uma experiência do gênero. Só na Europa elas viriam a me ocorrer sem que passassem de rapidíssimas experiências de todo esporádicas. Experiências, no gênero, acentue-se que, de todo efêmeras e superficiais, viria a ter no Brasil (pp. 132-133, grifos nossos).

Fica perceptível, aqui, a maneira muito mais franca com que o tema é tratado – já não houve o processo de edição por parte de José Olympio, presente em *Tempo morto*; o próprio autor não estabeleceu uma forma final ao texto, dado que já havia falecido quando de sua publicação e, enfim, 35 anos haviam se passado entre a publicação de *Tempo morto* e a de *De menino a homem*.

Outras entradas sugerem que Freyre envolveu-se, nessa espécie de amor “platônico”, com ao menos dois de seus colegas em Oxford. Um deles teria sido Esme Howard Junior, citado em diversas passagens de *Tempo morto* (pp. 100, 103, 105, 106, 107, 110). Numa delas, Freyre confessa o seguinte:

Quanto mais conheço Esme Howard Junior, mais admiro nele, na sua mocidade limpa, nobre, quase direi luminosa, o que a Inglaterra aristocrática pode produzir de quase perfeito nesse gênero. Sente-se que nele tudo é autêntico e honesto (pp. 100-101).

Noutra entrada, o autor afirma ainda que “Esme Howard Junior é o que pode haver de mais puro como mocidade inglesa. Chega a ser angélico este aristocrata ainda quase menino” (p. 107).

Embora os trechos acima não permitam, por si sós, confirmar que Freyre nutriu por Howard Junior mais do que apenas admiração, Larreta e Giucci enxergam em tal amizade traços do “platonismo” referido por Freyre em seus escritos. A crer nos autores, este “pode ter sido o caso de sua breve mas intensa relação com Esme Howard Junior, que descreve como um jovem puro e luminoso” (p. 193). Em texto sobre o assunto, Ventura (2002) menciona taxativamente, mencionando a entrevista de Freyre para a Playboy, sobre seu “namoro com Esme Howard Junior, presidente do Oxford Spanish Club, que reunia admiradores da cultura hispânica” (p. 214).

Conforme a pesquisa de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, além de Howard Junior, Freyre chegou a manter um relacionamento amoroso breve, porém intenso, com outro dos amigos que fez em Oxford, Linwood Sleight. Freyre narra tal relacionamento no rascunho de *Tempo morto e outros tempos*. O relato, contudo, não chegou a ser publicado na versão que veio à luz em 1975, por recomendação do editor José Olympio, amigo do escritor. Encontra-se, inclusive, nos documentos que pertenceram ao autor pernambucano³⁹ um poema redigido por Sleight⁴⁰, sob o título de “O hino uranista ao divino herói Antínoo”⁴¹. Como escreve Pallares-Burke (2005), o poema

consiste numa celebração pungente do uranismo e uma súplica para que Antínoo, erigido em protetor dos amantes, faça prosperar o seu amor (...). A denominação *uranian* dada ao hino deixa claras as associações gregas de um relacionamento homossexual elevado (p. 136).

Tal fato não deixa dúvidas sobre a permanência de uma tradição uranista em Oxford, ainda na segunda década do século XX.

Deste modo, podemos depreender que, de fato, Freyre não apenas observou os ecos do Uranismo, registrando-os em seus escritos, mas vivenciou intensamente o ambiente oxoniano, tanto no que aquele possuía de homosocial quanto de homossexual. A insistência de José Olympio, editor de *Tempo morto* e amigo de Freyre, em solicitar ao autor que retirasse da versão publicada os trechos mais explícitos acerca de tais fatos, é bastante simbólica, dado que o mesmo livro contém, por exemplo, a descrição de uma experiência de zoofilia, na adolescência de Freyre, com uma vaca da propriedade de colegas da escola (1975, p. 104).

As experiências de Freyre em Oxford foram também utilizadas pelo autor para a elaboração de suas duas obras literárias, *Dona Sinhá e o filho padre* e *O outro amor do Dr. Paulo*.

Em *Dona Sinhá*, narra-se a história do amor vivido entre o personagem Paulo Tavares, que apresenta diversas características do próprio Freyre, e o menino José Maria, o “padre” do título. No livro, a relação entre os dois é descrita como a relação entre erastes e erômenos: um relação de amizade profunda, proteção, na qual o

³⁹ Tanto a versão inicial de *Tempo morto* quanto o poema em questão encontram-se disponíveis para consulta no acervo da Fundação Gilberto Freyre, na bairro de Apipucos, Recife.

⁴⁰ A versão publicada de *Tempo morto* contém uma entrada que relata o recebimento do poema por Freyre: “RECIFE, 1924. Carta de L. S., de Oxford, acompanhada de um poema que me dedica e por ele próprio copiado em letra artística” (p. 134)

⁴¹ No original, *The Uranian Hymn to the Divine Hero Antinous*.

desejo sexual se encontra presente, mas não se manifesta de maneira explícita – trata-se de um amor idealizado, “platônico”. É o que se evidencia no seguinte trecho da obra:

Foi amizade de colégio; e das mais românticas dentre as que já prenderam, em qualquer parte do mundo, a um colegial desprotegido, um adolescente já quase moço; e certo de poder e dever ser protetor de criatura ao mesmo tempo tão angélica e tão fraca como era, naqueles dias, José Maria, menino, da fúria dos outros colegas, alguns deles verdadeiros meninos-diabos (1964, p. 41).

Ficam evidentes, assim, as aproximações entre a relação descrita na narrativa de Freyre e aquilo que o autor entendia ter sido o “amor platônico” entre os antigos gregos. Tal reflexão chega a ser feita, inclusive, em outro trecho do livro, no qual Paulo Tavares/Freyre realiza o paralelo:

Perigosa amizade, essa, desde o início com o seu toque de amor ou o seu não sei que de sexo. Com o seu pouco de amor proibido, proibidíssimo até, no tempo a que se refere a história, que aqui desajeitadamente se conta, ao rapaz protetor, já avançado em suas leituras, consolasse *o facto de ter havido outro tempo, e tempo ilustre, no passado humano*, em que o normal era os Josés Marias serem protegidos pelos Paulos Tavares. O anormal chegava a ser, nesse outro tempo, que o menino mais sensível ou mais delicado desabrochasse de adolescente em jovem sem esse protetor um tanto mais velho do que ele a protegê-lo; e o qual protetor, sendo o melhor amigo, do protegido, e às vezes um tanto amoroso dele no seu modo de ser amigo e de ser protetor, era quem iniciava o adolescente na vida adulta (1964, p. 42, grifo nosso).

Embora o autor não o diga de maneira direta, fica claro, aqui, que o “tempo ilustre” no qual a relação de proteção e afeto entre um rapaz mais velho e um mais novo era a Grécia antiga, com seus ritos de passagem da infância para a idade adulta.

Em *O outro amor do Dr. Paulo* há também menções ao “amor platônico”. Uma delas se dá numa reminiscência do personagem Paulo Tavares/Freyre sobre o amor que vivera com José Maria anos atrás; noutra, contudo, a expressão é utilizada para se referir a uma relação heterossexual: entre o personagem Paulo Tavares e Maria Emília, descrito como “deliciosamente platônico” (1977, p. 226). Mais à frente, o caráter “platônico” desse amor é melhor explicado – não se trata de amor entre pessoas do mesmo sexo, ou amor idealizado, mas amor no qual os dois amantes se fundem em um só:

Como fora intenso esse amor, ninguém sabia melhor do que Camargo. Ele vira o amor por Maria Emília transformar Paulo noutro Paulo. Um Paulo de quase quarenta anos que se revia na mocidade quase de menina de Maria Emília. Um Paulo já menos ele só que metade ele, metade Maria Emília. Ele contara, certa vez, a Camargo, que, olhando mais atentamente para os olhos

de Maria Emília, descobrira neles uma semelhança tal com os de sua Mãe e com os seus próprios olhos que o fizera compreender, no amor de Tristão e Isolda, Tristão chamar Isolda de Tristão e Isolda chamar Tristão de Isolda (p. 226).

Tal passagem parece remeter ao discurso de Aristófanes em *O Banquete*, no qual se afirma que, a princípio, os seres humanos haviam sido criados pelos deuses como seres dotados de duas cabeças, dois pares de pernas e braços. Sentindo-se ameaçados por sua própria criação, os deuses teriam partido os seres em dois e espalhado as metades pelo mundo, de modo que cumpriria aos seres humanos a busca por sua “outra metade”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de Gilberto Freyre foi também a vida de muitos outros representantes, como ele, da elite política, econômica e intelectual do Brasil de sua época. O nascimento num sobrado senhorial no início do século XX, a família cuja árvore genealógica possuía raízes no início da colonização brasileira, os privilégios decorrentes das redes estabelecidas. Alguns aspectos, estes, compartilhados por tantos outros indivíduos que exerceram seu poder, em diversos níveis, sobre a sociedade brasileira.

O ponto de vista do autor sobre as dinâmicas de formação desta mesma sociedade são, portanto, privilegiados (em mais de uma acepção) e, portanto, bem localizados. Freyre pôde testemunhar a transição do mundo eminentemente rural que o Brasil vivia até o final do século XIX e começo do XX, para o mundo urbano e industrial que seria criado aqui. E o fez vislumbrando a senzala a partir da casa-grande; olhando para os mocambos de dentro dos sobrados.

As vivências e análises do sociólogo não são, contudo, menos válidas por conta disso. Havendo precedido o debate contemporâneo sobre questões como o “lugar de fala”, Freyre procurou generalizar suas interpretações de uma realidade geográfica e social específicas para o conjunto dos processos nacionais como um todo. Evidente que, nesse sentido, as pretensões do autor não se sustentam. Suas reflexões, contudo, continuam pertinentes, se considerados os “lugares” dos quais Freyre “fala”.

O sociólogo, como se viu, foi uma figura controversa ao longo de sua vida. Foi enxergado como “comunista” e “soviète”, quando valorizou a miscigenação, defendeu melhores condições de vida e trabalho para os camponeses e valorizou a cultura popular. Foi visto como “conservador” e “reacionário” quando manifestou simpatia pelo salazarismo em Portugal e quando defendeu o golpe de 1964 no Brasil. Contradições inerentes a uma existência múltipla, mutável. Regional e cosmopolita. Tradicional e inovador.

O pernambucano viveu plenamente a aventura humana, buscando experimentar, entre erros e acertos. Se orgulhava das experiências que formaram seu intelecto e sua visão de mundo, por mais polêmicas que fosse à época, e fez questão de relatá-las de múltiplas formas.

A produção autorreferente do autor, como se pôde perceber, é ampla: abarca correspondências, diários (fictícios ou não), produções literárias (plenas de aspectos autobiográficos) e termina por se confundir com sua obra de análise sociológica.

Trata-se de um material rico, cheio de nuances, sugestões, entrelinhas, caminhos e descaminhos. Para debruçar-se sobre tais fontes, para percorrer os recônditos da memória e da criação apresentados pelo escritor, é necessário se munir de aparato teórico abalizado; de um instrumental a guiar a viagem e a dotá-la de sentidos e significados.

A beleza e o simbolismo presentes nas escritas de Freyre fazem com que o percurso por suas linhas valha a pena. Mesmo nos momentos em que o leitor é confrontado com os aspectos mais sombrios dos lugares visitados, são valiosas as lições que se podem tirar dos aprendizados advindos de alguns choques. Conhecer os mecanismos, processos e dinâmicas que engendraram (e mantém) na sociedade brasileira muito do que ela apresenta de mais nefasto constitui condição necessária para superar tais disfunções.

Neste sentido, a ponderação acerca das experiências e ideias do autor pernambucano no que diz respeito aos temas da sexualidade e da masculinidade - bem como das relações de gênero, de modo geral, na sociedade brasileira - permite não apenas compreender o modo como tais questões foram vividas e vistas por outros indivíduos nesta mesma sociedade. Permite, para além disso, a historicização de tais práticas, vivências e conceitos.

Ao chegar ao término desta pesquisa, esse parece ter sido o seu principal objetivo, a razão pela qual foi concebida e proposta pelo autor, em primeiro lugar. Ao se colocar determinada ideia, conceito ou prática em perspectiva histórica, é promovida a desnaturalização de tais elementos. Quando se deixa claro que, no passado, as dinâmicas se davam de outro modo, fica também patente que tais processos são frutos de uma construção - e que, como tal, podem ser modificados no futuro.

Do mesmo modo que já se disse, de Freyre, ter elaborado parte de sua obra sociológica como forma de resolver suas questões de identidade social, intelectual, sexual e de gênero, talvez o mesmo se possa dizer da presente pesquisa - respeitadas, evidentemente, as proporções entre os elementos aqui comparados.

Este trabalho é produzido num momento complexo e delicado da história do Brasil. As práticas e pontos de vista presentes em nosso país no que diz respeito aos temas da sexualidade e da masculinidade são marcadas por uma sociedade ainda predominantemente machista, patriarcal, misógina, racista, homofóbica, é verdade. O processo de redemocratização pós-1988, contudo, trouxe a esperança de que dias melhores poderiam advir no que diz respeito a tais questões.

Os momento que vivemos nestes anos de 2018 a 2022 (período no qual o presente trabalho foi gestado e executado), contudo, apresentaram desafios antes impensados para os que, como este autor, vivenciam sexualidades “desviantes” e que, por isso, lutam por uma sociedade brasileira mais justa, fraterna e inclusiva. O terror pelo qual muitos de nós fomos tomados quando da ascensão do atual projeto de poder ainda se faz sentir no momento em que estas páginas foram (e são) escritas.

Apesar disso, opta-se por concluir o texto numa chave otimista. Ou, como dizia o saudoso Ariano Suassuna, ao menos de um “realismo esperançoso”. As trincheiras não foram, ainda, completamente tomadas. Há resistências possíveis. Não se trata, aqui, de militância, o que pode se observar pela feitura do trabalho. A realização, porém, de um esforço de pesquisa acerca dos (ainda) polêmicos temas das sexualidades e das masculinidades constitui, por si só, ato de resistência diante do momento pelo qual o nosso país (ainda) está passando.

É preciso que se continue a pesquisar, a debater, a refletir acerca destas e de outras questões. Que pesquisadores, mais talentosos do que este, se debrucem sobre os temas aqui tratados. Que os historicizem. Que os desnaturalizem. Que produzam trabalhos que caminhem mais do que este pôde caminhar. Que a universidade pública, gratuita e de qualidade continue a cumprir seu papel de produtora de conhecimentos que visem, sobretudo, a emancipação do povo brasileiro com um todo, em todos os seus aspectos, e a extirpação da intolerância e do fascismo em nosso meio. Sigamos adiante.

REFERÊNCIAS

Fontes

Obras de Gilberto Freyre:

Dona Sinhá e o filho padre, 1964;

Tempo morto e outros tempos, 1975;

O outro amor do Dr. Paulo, 1977;

De menino a homem - De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos, 2010.

Referências bibliográficas

ADRIÃO, Karla Galvão. **Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo**. In: Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 1, n. 3, pp. 9-20, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Nordestino: invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALVES, Naiara. Um outro Gilberto: em torno da modernidade e dos sentimentos por ela despertados. **Breviário de Filosofia Pública L(E)H**, UFF. Número 117 – 01/2014 – [02 -18].

ARAÚJO, Cristina. A Reforma Antônio Carneiro Leão no final dos anos de 1920. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 19, p. 119-136, jan./abr. 2009.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 11, n. 21, 1998, pp. 9-34.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARRETO, Plínio. Um dos ensaios mais sólidos e interessantes de sociologia brasileira. In: FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: CEPE, 1985.

BARROS, José d'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BASTOS, Elide Rugai. **As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira**. São Paulo: Global, 2006.

BOCAYUVA, Helena. **Erotismo à brasileira**: o excesso sexual na obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. **The Field of Cultural Production**. Cambridge: Polity Press, 1993.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. Gilberto Freyre e a nova história. **Tempo Social** – Rev. Sociol. USP, São Paulo, 9(2): 1-12, outubro de 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: **Estudos históricos**. v. 11, n. 21. 1998. pp. 43-58.

CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 [1967].

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARDOSO, Fernando Henrique. Gilberto Freyre, perene. **Pensadores que inventaram o Brasil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHACON, Vamireh. **Gilberto Freyre**: uma biografia intelectual. Recife/São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1993.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2 ed. Lisboa: Difel, 2002.

CONNELL, Raewyn. **El género en serio**: cambio global, vida personal, luchas sociales. Cidade do México: UNAM, 2015.

COUTINHO, Edilberto. **A imaginação do real**: uma leitura da ficção de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

CRUZ, Levy. **Democracia racial**: uma hipótese. ago. 2002. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/TPD/article/view/935/656>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CURSINI, Bruno Cesar. História, ficção e memória na escrita autorreferencial de Gilberto Freyre. In: **Revista Historiador**. Número 9. Ano 9. Fevereiro 2017. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DANTAS, Cauby. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego**: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

DOWLING, Linda. **Hellenism and homosexuality in victorian Oxford**. Ithaca: Cornell University, 1996.

ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

FALCON, Francisco. História das ideias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: USP, 1995.

FONSECA, Edson Nery da. Recepção de *Casa-Grande & Senzala* no Recife dos anos 30 e 40. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. São Paulo: Unesp, 2003.

FONSECA, Edson Nery da. **Gilberto Freyre de A a Z**: referências essenciais à sua vida e obra. Fundação Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 2002.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense, 2004 [1983].

_____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. Uma obra rabelesiana. In: FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: CEPE, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. **Discurso do deputado Gilberto Freyre apresentando o projeto de criação do Instituto Joaquim Nabuco, no dia 02 de Agosto de 1948**. Disponível

em: <https://www.fundaj.gov.br/images/stories/banners/gf-ddc-ijn.pdf>. Acesso em 28.01.2021.

_____. Playboy entrevista Gilberto Freyre. Entrevista concedida a Ricardo Noblat. **Playboy**, São Paulo, número 56, p. 29-30, março, 1980.

_____. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926). MELLO, José Antônio Gonsalves de (org). São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979.

GIL, Gilson. Gilberto Freyre versus Paulo Prado: a questão da identidade nacional brasileira. **Ciência & Trópico**, v. 22, n. 2, 29 jun. 2011.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Em família**: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Mercado de Letras: Campinas, 2005.

_____. (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Gilberto Freyre: alguns comentários sobre o contexto historiográfico de produção de Casa grande e senzala. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 47-57, 2012.

GRIECO, Agripino. Obra vigorosa de ciência e arte. In: FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: CEPE, 1985.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça e os estudos de relações raciais no Brasil. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n. 54, julho de 1999, pp. 147-156.

HOBSBAWN, ERIC. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IRIGARAY, Luce. **Speculum of the other woman**. Ithaca: Cornell University Press, 1985

LARRETA, Enrique Rodríguez e GIUCCI, Guillermo. **Gilberto Freyre**: uma biografia cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEHMANN, David. Gilberto Freyre: a reavaliação prossegue. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 369-385, jan./jun. 2008.

LEITE, Armando Más. Gilberto Freyre e a pedagogia dos jesuítas. In: FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: CEPE, 1985.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LEVINE, Robert. Pernambuco e a federação brasileira, 1889-1937. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira**, tomo III: O Brasil republicano, v. 8: Estrutura de poder e economia (1889-1930). 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MARROQUIM, Mário. Vida literária brasileira antes e depois de Casa-grande & senzala. In: FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: CEPE, 1985.

MEUCCI, Simone. A experiência docente de Gilberto Freyre na Escola Normal de Pernambuco (1929-1930). **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 44, p. 207-214, Maio/Ago. 2005.

_____. **Artesania da sociologia no Brasil**: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre. 1 ed. Curitiba: Editora Appris, 2015.

MOSSE, George. **Nationalism and sexuality**: middle-class morality and sexual norms in modern Europe. Madison: The University of Wisconsin, 1985.

_____. **The image of man**: the creation of modern masculinity. Nova York: Oxford University, 1996.

MOTA, Lourenço Dantas. Introdução. In: MOTA, Lourenço Dantas (org). **Introdução ao Brasil**: um banquete no trópico. São Paulo: Senac, 1999.

_____. Introdução. In: MOTA, Lourenço Dantas (org). **Introdução ao Brasil**: um banquete no trópico, v. 2. São Paulo: Senac, 2001.

NEEDELL, Jeffrey. Identity, Race, Gender, and Modernity in the Origins of Gilberto Freyre's Oeuvre. **The American Historical Review**, vol. 100, no. 1, Oxford University Press, American Historical Association, 1995, pp. 51–77, <https://doi.org/10.2307/2167983>.

_____. The Foundations of Freyre's Work: Engagement and Disengagement in the Brazil of 1923—1933. **Portuguese Studies**, vol. 27, no. 1, 2011, pp. 8–19.

NOGUEIRA, Nadia Cristina. **Sexualidade e socialização em Gilberto Freyre**. Dissertação, UNICAMP, 2000.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. De Recife para o mundo. In: **Reinventar o Brasil**: Gilberto Freyre entre história e ficção. Porto Alegre: UFRGS/USP, 2006.

_____. Negritude, mestiçagem e lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre. In: AXT, Gunter e SCHÜLER, Fernando (org). **Intérpretes do Brasil: cultura e identidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

PINTO, Renato. Uranismo em Cilurnum? Apanhados e conjecturas de homossexualidades masculinas na Inglaterra vitoriana. In: **Veredas da História**, [online], v. 10, n.1, p. 119-153, julho, 2017.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Duprat-Mayença, 1928.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

QUINTAS, Fátima. Em tom de confissão. In: FREYRE, Gilberto. **De menino a homem**: de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. São Paulo: Global, 2010.

_____. **Sexo à moda patriarcal**: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre. São Paulo: Global, 2008.

REALE, Miguel. Um sociólogo naturalista. In: FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: CEPE, 1985.

REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Gilberto Freyre: tempos de aprendiz. In: **Estudos de Sociologia**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, vol. I (1), pp 09-21, 1995.

_____. **O Recife**: histórias de uma cidade. Recife: Secretaria de Cultura, 2002.

RIBEIRO, João. Poderosa poesia e profunda metafísica de uma obra metapolítica. In: FONSECA, Edson Nery da (org). **Casa-grande & senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944**. Recife: CEPE, 1985.

RIBEIRO, Rodrigo Alves. Forja e ficção. In: **Revista Em Perspectiva** [On Line]. 2019, v. 5, n. 1. <http://www.periodicos.ufc.br/emperspectiva/article/view/41682/99266>. Acesso em 09/04/2020.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O espírito da aldeia: orgulho ferido e vaidade na trajetória intelectual de Gilberto Freyre. **Novos Estudos CEBRAP**, nº 27, julho de 1990, pp. 45-66.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: VIGARELLO, Georges (org). **História da virilidade**. vol. 1: A invenção da virilidade: da antiguidade às luzes. Vozes: Petrópolis, 2013.

SEDGWICK, Eve. **Between men**: english literature and male homosocial desire. Nova York, Columbia University Press, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre *Tempo Morto*, de Gilberto Freyre (palestra). **Mal-estar na Cultura**. Promoção: Departamento de Difusão Cultural - PROREXT-UFRGS, Pós Graduação em Filosofia - IFCH – UFRGS, Abril-Novembro de 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SILVA, Juremir Machado da. Gilberto Freyre, o clássico injustiçado. In: AXT, Gunter e SCHÜLER, Fernando (org). **Intérpretes do Brasil**: cultura e identidade. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

SKIDMORE, Thomas. Raízes de Gilberto Freyre. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. São Paulo: Unesp, 2003.

SOUZA, Jessé. A atualidade de Gilberto Freyre. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. São Paulo: Unesp, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

VELHO, Gilberto. Gilberto Freyre: trajetória e singularidade. In: **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 58, pp.11-21, 2008.

VENTURA, Roberto. Sexo na senzala: Casa grande & senzala entre o ensaio e a autobiografia. **Literatura e Sociedade**, 7(6), p. 212-222, 2002.

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Biblioteca Central da UFPE – Recife

Biblioteca Setorial do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE – Recife

Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – Recife